



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Programa de Pós - Graduação em Letras Stricto Sensu

Linguística e Língua Portuguesa

Márcio Leonardo Lima Pereira

Bolsista CAPES

ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO ESPAÇO DO GUARANI E DO ESPANHOL EM DUAS COMUNIDADES DE FALA DO PARAGUAI: o papel das variáveis não- linguísticas

Belo Horizonte

2018

Márcio Leonardo Lima Pereira

**ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO ESPAÇO DO GUARANI E DO ESPANHOL EM
DUAS COMUNIDADES DE FALA DO PARAGUAI: o papel das variáveis não-
linguísticas**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito básico para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira

Área de concentração: Linguística e Língua portuguesa

Belo Horizonte

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P436a Pereira, Márcio Leonardo Lima
Análise sociolinguística do espaço do guarani e do espanhol em duas comunidades de fala do Paraguai: o papel das variáveis não linguísticas / Márcio Leonardo Lima Pereira. Belo Horizonte, 2018.
151 f. : il.

Orientador: Marco Antônio de Oliveira
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Língua espanhola - Palavras e expressões - Paraguai. 2. Língua guarani - Palavras e expressões - Paraguai. 3. Língua materna. 4. Aquisição da segunda língua. 5. Bilinguismo. 6. Língua espanhola - Aspectos sociais – Paraguai. 7. Língua guarani - Aspectos sociais - Paraguai I. Oliveira, Marco Antônio de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título. SIB PUC MINAS

CDU: 806.0

Márcio Leonardo Lima Pereira

**ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO ESPAÇO DO GUARANI E DO ESPANHOL EM
DUAS COMUNIDADES DE FALA DO PARAGUAI: o papel das variáveis não-
linguísticas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Stricto Sensu da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira – PUC Minas (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Sueli Maria Coelho – UFMG (Examinadora)

Prof^a. Dr^a Valquíria Carolina Pimentel Sales de Carvalho – PUC Minas (Examinadora)

Prof. Dr. Miltono Nascimento – PUC Minas (Suplente)

Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2018

Dedico este trabalho à minha mãe Maria Vanilma.

Obrigado por nunca medir esforços para proporcionar-me uma educação de qualidade!

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente, *a priori*, a Deus por ter zelado pela minha saúde física e espiritual, sem este amparo divino penso que nada teria sido efetivado.

Agradeço aos meus anjos de guarda do plano espiritual e do plano físico, este que nesta vida veio como minha mãe e disto eu não tenho dúvidas. Obrigado, mãezinha, por tanto amparo, pelo seu colo acolhedor e sempre cheio de muito amor em todos os momentos da minha vida. Eternamente grato!

Agradeço também aos meus professores do ensino básico, médio e superior, sem vocês eu não teria base para chegar até aqui. Esses eu os represento na pessoa da minha querida professora de redação, Eugênia. Obrigado por tão responsabilmente exercer sua vocação!

Gratidão também aos conhecimentos compartilhados pela singular equipe de pesquisadores da PUC Minas, que mostraram o real valor do que é ser um mestre. Obrigado pelo brilhantismo das aulas!

Agradeço ao meu orientador, professor Marco Antônio de Oliveira, pela circunspeção dada ao meu trabalho e por motivar a paixão pela sociolinguística.

Agradeço também aos meus amigos do mestrado que foram verdadeiros irmãos que a vida me brindou. Quando pensei que não conseguiria, lá estavam vocês com palavras de alento.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e à instituição PUC Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), pela concessão da bolsa sem a qual dificilmente eu teria conseguido chegar até o fim.

À minha instituição de trabalho IFPI (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí) por acreditar no potencial transformador da formação continuada.

Obrigado a todos que, de uma forma ou outra, colocaram um tijolinho nessa construção!

RESUMO

A Constituição do Paraguai, de 1992, o define como um país bilíngue e pluricultural com dois idiomas oficiais: espanhol e guarani. Tomando por bilíngue o conceito sustentado por Rubin (1974) e entendendo a situação diglósica que o país vive pretendemos analisar as atitudes dos falantes em relação às suas línguas oficiais. Utilizando um quadro teórico da sociolinguística partimos da seguinte pergunta: A partir dos estudos realizados por Joan Rubin em 1965 no Paraguai - um país em uma situação de contato entre suas duas línguas oficiais - as atitudes linguísticas em relação a estas sofreram alterações cinquenta anos depois? As comunidades de fala que pesquisamos foram Assunção (capital) e Villa Hayes. A fim de catalogar qualitativa e quantitativamente as relações dos habitantes com os dois idiomas abordados na pesquisa, utilizamos uma entrevista semiestruturada e gravada com os falantes destas comunidades onde investigamos sobre as situações de uso de cada um dos idiomas, bem como o sentimento destes falantes em relação às línguas do país, qual seria sua língua materna e qual sua segunda língua, além de investigar sobre estereótipos com suas línguas nacionais. Levamos em conta variáveis independentes como: escolaridade, sexo/gênero, idade e origem (urbana/rural). Utilizamos 37 entrevistados como *corpus* da pesquisa: 19 da área urbana e 18 da área rural. Encontramos que algumas das variáveis independentes não exerceram influência sobre as atitudes linguísticas e que uma das áreas tende ao monolinguismo. As atitudes linguísticas mudaram significativamente de 1965, tomando o trabalho de Joan Rubin (1974) como base, até o ano de 2018. Tal investigação pode servir de base para entender quais são as atitudes linguísticas da população dessas duas cidades em relação aos idiomas oficiais do Paraguai no momento atual e, quiçá, fomentar uma reflexão crítica sobre a atual política linguística adotada na educação do país, que visa manter vigente o bilinguismo coordenado e eliminar a diglossia.

Palavras-chave: Atitudes Linguísticas. Bilinguismo. Diglossia. Línguas oficiais do Paraguai.

RESUMEN

La Constitución del Paraguay, de 1992, lo define como un país bilingüe y pluricultural con dos idiomas oficiales: español y guaraní. Tomando por bilingüe la definición sostenida por Rubin (1974) y entendiendo la situación diglósica que el país vive pretendemos analizar las actitudes de los hablantes en relación a sus lenguas oficiales. Utilizando un cuadro teórico de la sociolingüística partimos de la siguiente pregunta: A partir de los estudios realizados por Joan Rubin en 1965 en Paraguay - un país en situación de contacto entre sus dos lenguas oficiales - ¿las actitudes lingüísticas en relación a éstas sufrieron cambios cincuenta años después? Las comunidades de habla que investigamos fueron Asunción (capital) y Villa Hayes. A fin de catalogar cuali-cuantitativamente las relaciones de los habitantes con los dos idiomas abordados en la investigación, utilizamos una entrevista semiestructurada y grabada con los hablantes de estas comunidades donde investigamos sobre las situaciones de uso de cada uno de los idiomas, como también el sentimiento de estos hablantes en relación a las lenguas del país, cuál sería su lengua materna y cuál su segunda lengua, además de investigar sobre estereotipos con sus lenguas nacionales. Tomamos en cuenta variables independientes como: escolaridad, sexo/género, edad y origen (urbano/rural). Utilizamos 37 entrevistados como *corpus* de investigación: 19 del área urbana y 18 del área rural. Constatamos que algunas de las variables independientes no ejercieron influencia sobre las actitudes lingüísticas y que una de las áreas tiende al monolingüismo. Las actitudes lingüísticas cambiaron significativamente desde el año de 1965, tomando el trabajo de Joan Rubin (1974) como base, hasta el año 2018. Dicha investigación puede servir de base para entender cuáles son las actitudes lingüísticas de la población de esas dos ciudades en relación a los idiomas oficiales del Paraguay en el momento actual y, quizás, proponer una reflexión crítica sobre la actual política lingüística adoptada en la educación del país, que objetiva mantener vigente el bilingüismo coordinado y eliminar la diglosia.

Palabras clave: Actitudes Lingüísticas. Bilingüismo. Diglosia. Lenguas oficiales del Paraguay.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Rede Social com duas ordens.....	47
FIGURA 2 - Rede Social densa	48
FIGURA 3 - Rede Social frouxa.....	48

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Porcentagem de pessoas de acordo com o idioma que falam no Paraguai.....	39
GRÁFICO 2 - Informantes com 50 anos ou mais.....	117
GRÁFICO 3 - Informantes de 26 a 49 anos.....	117
GRÁFICO 4 - Informantes de 15 a 25 anos.....	117
GRÁFICO 5 - Informantes de 50 anos ou mais.....	118
GRÁFICO 6 - Informantes de 26 a 49 anos.....	118
GRÁFICO 7 - Informantes de 15 a 25 anos.....	119
GRÁFICO 8 - Informantes de 50 anos ou mais.....	119
GRÁFICO 9 - Informantes de 26 a 49 anos.....	120
GRÁFICO 10 - Informantes de 15 a 25 anos.....	120
GRÁFICO 11 - Informantes com 50 anos ou mais.....	121
GRÁFICO 12 - Informantes de 26 a 49 anos.....	121
GRÁFICO 13 - Informantes de 15 a 25 anos.....	121
GRÁFICO 14 - Informantes de 50 anos ou mais.....	122
GRÁFICO 15 - Informantes de 26 a 49 anos.....	122
GRÁFICO 16 - Informantes de 15 a 25 anos.....	123
GRÁFICO 17 - Informantes de 50 anos ou mais.....	123
GRÁFICO 18 - Informantes de 26 a 49 anos.....	124
GRÁFICO 19 - Informantes de 15 a 25 anos.....	124
GRÁFICO 20 - Informantes de 50 anos ou mais.....	125
GRÁFICO 21 - Informantes entre 26 e 49 anos.....	125
GRÁFICO 22 - Informantes entre 15 e 25 anos.....	125
GRÁFICO 23 - Informantes com mais de 50 anos.....	126
GRÁFICO 24 - Informantes de 26 a 49 anos.....	126
GRÁFICO 25 - Informantes de 15 a 25 anos.....	127
GRÁFICO 26 - Informantes de 50 anos ou mais.....	127
GRÁFICO 27 - Informantes entre 26 e 49 anos.....	128
GRÁFICO 28 - Informantes entre 15 e 25 anos.....	128
GRÁFICO 29 - Informantes de 50 anos ou mais.....	129
GRÁFICO 30 - Informantes de 26 a 49 anos.....	129
GRÁFICO 31 - Informantes de 15 a 25 anos.....	129

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Divisão Política do Paraguai	61
MAPA 2 - Densidade da população paraguaia de 2012	62

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Divisão geral dos informantes por área segundo densidade demográfica, Sexo/Gênero e Faixa Etária	67
QUADRO 2 - Informantes procedentes de Assunção – Grupo A.....	68
QUADRO 3 - Informantes procedentes de Villa Hayes – Grupo B.....	68
QUADRO 4 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.....	69
QUADRO 5 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.....	69
QUADRO 6 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.....	70
QUADRO 7 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.....	71
QUADRO 8 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.....	71
QUADRO 9 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.....	71
QUADRO 10 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.....	73
QUADRO 11 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.....	73
QUADRO 12 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.....	74
QUADRO 13 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.....	75
QUADRO 14- Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.....	76
QUADRO 15 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.....	77
QUADRO 16 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: Cuando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.....	78
QUADRO 17 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: Cuando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.....	79
QUADRO 18 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: Cuando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.....	80

QUADRO 19 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: Quando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.....	81
QUADRO 20 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: Quando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.....	82
QUADRO 21 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: Quando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.....	83
QUADRO 22 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.....	84
QUADRO 23 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.....	84
QUADRO 24 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.....	85
QUADRO 25 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.....	85
QUADRO 26 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.....	86
QUADRO 27 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.....	86
QUADRO 28 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.....	88
QUADRO 29 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.....	88
QUADRO 30 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.....	89
QUADRO 31 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.....	89
QUADRO 32 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.....	90
QUADRO 33 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.....	90

QUADRO 34 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?.....	92
QUADRO 35 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?.....	92
QUADRO 36 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?.....	93
QUADRO 37 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?.....	93
QUADRO 38 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?.....	94
QUADRO 39 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?.....	94
QUADRO 40 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?.....	96
QUADRO 41 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?.....	96
QUADRO 42 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?.....	96
QUADRO 43 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?.....	97
QUADRO 44 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?.....	97
QUADRO 45 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?.....	98
QUADRO 46 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?.....	98
QUADRO 47 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?.....	100
QUADRO 48 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?.....	101

QUADRO 49 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?.....	102
QUADRO 50 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?.....	103
QUADRO 51 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?.....	103
QUADRO 52 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.....	104
QUADRO 53 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.....	104
QUADRO 54 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.....	105
QUADRO 55 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.....	105
QUADRO 56 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.....	106
QUADRO 57 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.....	106
QUADRO 58 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?.....	108
QUADRO 59 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?.....	109
QUADRO 60 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?.....	109
QUADRO 61 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?.....	110
QUADRO 62 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?.....	110
QUADRO 63 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?.....	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	20
1.1 Estabilidade e Atitude Linguística	20
1.2 Objetivos da dissertação	21
1.2.1 <i>Objetivo geral</i>	21
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	22
1.3 Hipóteses	22
2 CONTEXTO HISTÓRICO DAS LÍNGUAS DO PARAGUAI	25
3 QUADRO TEÓRICO	33
3.1 Língua e Sociedade	34
3.2 A situação sociolinguística do Paraguai	36
3.3 Bilinguismo	40
3.4 Língua: fator de marca social	44
3.5 Redes Sociais	46
3.6 Atitudes Linguísticas	49
3.7 Ensino Bilíngue Paraguaio	52
3.8 Alternância de Código (<i>Code switching</i>)	55
3.9 Diglossia	57
4 METODOLOGIA	59
4.1 Quadro Social	59
4.2 Comunidades de Fala investigadas	60
4.3 Levantamento de dados	62
4.4 Critérios para a seleção dos sujeitos da pesquisa	63
5 ANÁLISE DOS DADOS	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICE	144
ANEXOS	146

INTRODUÇÃO

Dentre os vários objetos de estudo da Sociolinguística podemos encontrar o estudo do contato entre línguas que dividem o mesmo espaço geográfico. Observando os vários estudos nessa área de conhecimento –Rubin (1974), Bremenkamp (2014) entre outros não menos importantes - fica comprovado que fatores sociais como, por exemplo, o prestígio dado a determinadas línguas, interferem de maneira relevante no uso dessas línguas em contato.

No Paraguai convivem vários idiomas. Corvalán (1981) estima que, além de famílias linguísticas indígenas, ainda se pode encontrar línguas de imigrantes como: japonesa, alemã e a própria língua portuguesa, o que faz do país uma região de grande contato linguístico. Em seu artigo 140, a Constituição do Paraguai, de 1992, o define como um país bilíngue e pluricultural com dois idiomas oficiais: o castelhano (ou espanhol) e o guarani.

Na literatura encontramos que nas relações de proximidade como em casa, na política de base, no comércio básico, bem como na medicina natural, o guarani tem uso mais frequente, enquanto que o espanhol se desenvolve em situações mais distantes da vida pessoal, como ambientes mais formais (PALACIOS, 2008).

Em uma obra intitulada *Bilingüismo Nacional en el Paraguay* e publicada em 1974, a autora Joan Rubin fez um amplo estudo empírico cujo propósito foi descrever e analisar os fatores culturais, políticos e sociais que influenciavam na conduta individual dos falantes paraguaios quando eles escolhiam uma das duas línguas (espanhol ou guarani) no seu discurso diário.

Ainda no trabalho de Joan Rubin, identificamos que a autora já identificava características bilíngues e diglósicas na comunidade de falapesquisada.

No Paraguai, segundo Garcia e Mathiot, 1960, existe interesse na possibilidade de regularizar a língua nativa, guarani. No processo de regularização tenta-se estabelecer uma única norma aceita para a pronúncia, a sintaxe e o vocabulário. *É precisamente nesta área que o bilingüismo se aproxima de uma situação diglósica.* No Paraguai, a língua de prestígio, o espanhol, já foi regularizada consideravelmente; tem uma ortografia bem definida e normas estabelecidas para a pronúncia, a sintaxe e o vocabulário. No entanto, a outra língua, o guarani, funciona em muitos aspectos como o segundo membro, o membro menor da situação diglósica, já que existem pouquíssimos acordos com relação a estas características linguísticas. (RUBIN, 1974, p. 9, grifo nosso, tradução nossa)¹.

¹En Paraguay, según Garcia y Mathiot, 1960, existe interés en la posibilidad de regularizar la lengua nativa, guaraní. En el proceso de regularización se intenta establecer una única norma aceptada para la pronunciación, la sintaxis y el vocabulario. Es precisamente en esta área que el bilingüismo se aproxima de una situación diglósica. En el Paraguay, la lengua de prestigio, el español, ya ha sido regularizada considerablemente; tiene una ortografía bien definida y normas establecidas para la pronunciación, la sintaxis y el vocabulario. En cambio, la

É interessante notar dois fatos da época da pesquisa de Joan Rubin: 1) o guarani ainda não era constitucionalmente língua oficial e, portanto, não era ensinado nas escolas e universidades do país e 2) não havia uma padronização de escrita em guarani, o que dificultava sua normatização.

Em 1960, por uma determinação do Ministério da Defesa Nacional, foi aprovado um novo sistema Ysyry (maio de 1960) que foi plenamente aceito pela ADEG (Associação de Escritores Guaranís) e a Academia, mas não pelo professor Decoud Larrosa nem pelo Padre Guasch, outro estudioso do guarani. A ADEG e a ACA'E fomentaram o sistema e encorajamos escritores e escuelas a aceitá-lo. Mesmo que a discussão continúe, ainda nao se adotou uma ortografia padrão. (RUBIN, 1974, p. 86 –87, tradução nossa)².

Segundo os dados do “Censo Nacional Indígena de Población y Viviendas”, elaborado em 2002, 60% da população paraguaia usa o guarani como língua primeira. Quando a observação se dá nos centros rurais a porcentagem aumenta para 80%.

Porém devemos nos valer do conceito de competência comunicativa proposto por Hymes (1972) uma vez que grande parte da população mais jovem e da classe de prestígio da cidade de Assunção não se considera fluente no idioma guarani e sim conhecedora de “palavras soltas” e de “algumas expressões”.

É fato que classificar um indivíduo como bilíngue é algo que não alcança um consenso entre todos os pesquisadores da área. Garcia e Cespada (2016) afirmam que em diferentes estudos podemos encontrar diferentes critérios de classificação de um indivíduo bilíngue, o que faz desse algo bem complexo. Rubin (1974) sustentou que a maioria dos pesquisadores da época compreendia que bilíngue era o indivíduo que tinha habilidades comunicativas numa segunda língua, e não as mesmas habilidades nas duas línguas.

Tomando por bilíngue o conceito sustentado por Rubin (1974) e entendendo que qualquer situação de contato entre línguas gera interferências linguísticas pretendemos analisar a situação sociolinguística de duas comunidades de fala do Paraguai a partir do seguinte questionamento: Sendo o Paraguai um país em constante contato de duas línguas oficiais, elas se encontram em equilíbrio estável? Alguma delas está perdendo terreno para a

otra lengua, el guaraní, funciona en muchos aspectos como el segundo miembro, o miembro menor, de la situación diglósica ya que existe muy poco acuerdo con respecto a estas características lingüísticas. (RUBIN, 1968, p. 9)

²En 1960, por una proclamación del Ministerio de Defensa Nacional, se aprobó un nuevo sistema Ysyry (mayo de 1960) que fue plenamente aceptado por la ADEG (Asociación de Escritores Guaranís) y la Academia pero no por el profesor Decoud Larrosa ni por el Padre Guasch, otro estudioso del guaraní. La ADEG y ACA'E fomentaron el sistema y alentaron a escritores y escuelas a aceptarlo. Aunque la discusión continúa, aún no se ha adoptado una ortografía estándar. (RUBIN, 1968, p. 86 - 87)

outra? Quais as atuais atitudes linguísticas dos sujeitos em relação às suas línguas oficiais? Levamos em consideração a oposição entre espanhol e guarani e não entre as variações linguísticas que cada uma tem em separado dentro das comunidades de fala que pesquisamos. Como embasamento para contraponto teórico, trouxemos o trabalho de Joan Rubin (1974) que demonstrou que os paraguaios bilíngues possuem atitudes negativas em relação aos falantes monolíngues de guarani. Também consideraremos os fenômenos linguísticos do Bilinguismo, Diglossia, Alternância de código (*Code-Switching*), bem como o estudo das Atitudes Linguísticas.

Para Fishman (1967) o bilinguismo se caracteriza como o domínio que um indivíduo, em uma determinada comunidade de fala, tem tanto de uma língua A quanto de uma língua B em todas as funções comunicativas, enquanto que diglossia seria uma distribuição funcional entre as línguas (ou variedades de uma mesma língua) A e B presentes em uma comunidade de fala. Ou seja, enquanto o bilinguismo é um fenômeno característico do indivíduo, a diglossia é um fenômeno característico da comunidade de fala. O *code-switching*, ou alternância de códigos, é um comportamento linguístico característico de indivíduos bilíngues, que são capazes de alternar seus sistemas linguísticos com interlocutores que dividam o mesmo par de línguas. As Atitudes Linguísticas dos sujeitos podem determinar atitudes de prestígio e/ou estigma em relação às línguas de uma comunidade. Controlamos nesta pesquisa, variantes como: sexo/gênero, idade, nível de escolaridade e origem (de maior e menor densidade demográfica). Além de descrever a prática linguística do paraguaio, também buscamos identificar qual a atitude linguística do grupo para com o seu falar, com o intuito de verificar se possuíamos uma comunidade bilíngue, com ou sem a presença de diglossia e *decode-switching*.

Com isso verificaremos se os fenômenos do *code-switching* e da diglossia andam juntos e, se sim, qual a atual atitude dos falantes em relação às línguas oficiais do país, pois a hipótese, segundo observações durante o período que estive presente na cidade de Assunção, é que o léxico do guarani vem perdendo terreno entre a população urbana mais jovem que opta majoritariamente pela língua espanhola. Embora estejamos de acordo com Montrul (2013) que afirma que é pouco provável encontrar um falante bilíngue que tenha conhecimento monolíngue em uma das duas línguas sem demonstrar interferência de uma na outra.

Lustig (1996) comenta sobre a situação linguística do Paraguai e aborda o jopará, uma língua resultante da mistura entre o guarani e o espanhol. Sobre o jopará o autor afirma que é uma situação linguística não recente, pois há indícios dessa mistura em escritos do século

XVIII e que, portanto, pode-se duvidar que esta seja uma situação de linguagem de transição entre as duas. Para ele, a situação é mais uma questão de ordem política e social. O jopará está mais como o resultado de uma situação de diglossia que reflete a situação social de alguns paraguaios, fato que foi considerado durante a realização das entrevistas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, trabalhamos com entrevistas semiestruturadas, que foram desenvolvidas nas cidades de Assunção e Villa Hayes, no Paraguai, a fim de catalogar quali-quantitativamente a relação dos habitantes com os dois idiomas focos da pesquisa. Nessas entrevistas, levamos em conta variáveis independentes como: escolaridade, sexo/gênero, idade e origem (maior e menor densidade demográfica).

No trabalho de Rubin (1974), essas variáveis sociais interferiam na forma como os falantes concebiam cada um dos idiomas do Paraguai e, inclusive, tinham relação com as situações de uso de cada um. Essas variáveis independentes mantêm relação com um maior/menor uso de uma das línguas oficiais do Paraguai nas comunidades bilíngues de Villa Hayes e Assunção?

Tal observação pode servir de base para entender quais são as atitudes linguísticas da população dessas duas cidades em relação aos idiomas oficiais do Paraguai no momento atual e, quiçá, uma reflexão crítica sobre a atual política linguística adotada na educação do país, que visa manter vigente o bilinguismo.

Esta pesquisa comporta seis capítulos. No capítulo 1, delimitamos o problema que norteia nossa pesquisa, bem como alocamos nele os objetivos e hipóteses do nosso trabalho, nele também fizemos uma relação entre Estabilidade e Atitude Linguística. No capítulo 2, trouxemos o contexto histórico que envolve as línguas do Paraguai. O capítulo 3 traz o quadro teórico que embasa nossa pesquisa. Já o capítulo 4 demonstra o percurso metodológico usado na pesquisa. No capítulo 5, estão as análises dos dados levantados. O capítulo 6 contempla nossas considerações finais. Na sequência as referências e os anexos.

1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

1.1 Estabilidade e atitudelingüística

Quando duas línguas convivem em uma situação de contato dentro de uma mesma comunidade de fala, a manutenção/uso das duas dificilmente se dá de maneira uniforme. Por

questões que vão de políticas e sociais a questões culturais, normalmente uma se torna majoritária e a outra minoritária ou uma passa a ter mais prestígio que outra com o passar do tempo.

Montrul (2013) traz que em uma situação em que duas línguas – uma majoritária e a outra minoritária – coexistem numa sociedade, seria muito difícil “aprender, desenvolver e manter o mesmo nível de conhecimento e uso de ambas” (MONTRUL, 2013, p. 31). Em sua obra “El bilinguismo en el mundo hispanohablante” ela nos traz que o bilinguismo nos Estados Unidos, tanto de uma perspectiva de observação individual do falante quanto observando gerações, se mostra instável. Podemos dizer que tratar de maneira estável o contato entre duas línguas coexistentes na mesma comunidade de fala seria como desconsiderar o caráter evolutivo e heterogêneo da língua bem como desconsiderar também seu caráter social.

Também é fato que fenômenos como o bilinguismo não são bem vistos por todos os falantes em geral. Há quem considere o bilinguismo algo negativo para um falante por considerar que ele jamais vai falar bem as duas línguas que domina. Montrul (2013) corrobora ao afirmar que, em determinadas comunidades, o bilinguismo é mal visto ou visto com atitudes negativas pelo fato de os bilíngües usarem as duas línguas dentro de um mesmo contexto ou, nos casos de alternância de códigos, em uma mesma frase. Há, então, segundo a autora, interferências manifestadas a nível fonológico, morfossintático, lexical entre as duas línguas. Há também casos em que uma língua se torna menos prestigiada que a outra dentro da sociedade, sendo manifestada nas atitudes dos falantes. A pesquisa pretende observar se este é o caso atual das duas comunidades de fala pesquisadas no Paraguai: Assunção e Villa Hayes.

1.2 Objetivos da dissertação

1.2.1 Objetivo geral

Sob a ótica do contato de línguas, objeto de estudo da sociolinguística, identificar se as línguas oficiais do Paraguai - o espanhol e o guarani - se encontram em equilíbrio estável ou não, ou seja, observar se uma língua está perdendo terreno para a outra e identificar as atitudes linguísticas dos falantes em relação a essas duas línguas, bem como observar se esta situação é comandada por variáveis sociais.

1.2.2 *Objetivos específicos*

Os objetivos específicos intencionados nesta pesquisa tratam de responder os questionamentos abaixo relacionados:

- I. O contato secular das línguas faladas no Paraguai provocou um ajuste linguístico no país?
- II. As línguas em contato se mantêm em equilíbrio em todos os aspectos sociais?
- III. A situação de bilinguismo e diglossia, presente na literatura sobre a situação sociolinguística do Paraguai ainda é vigente?
- IV. Existe uma relação entre educação e atitudes linguísticas?
- V. Estaria algumas das línguas oficiais do Paraguai perdendo espaço para outra?
- VI. Em que situações sociocomunicativas o guarani e o espanhol aparecem na fala dos paraguaios de Assunção e Villa Hayes?

1.3 **Hipóteses**

O fenômeno do contato entre línguas provoca alterações linguísticas no comportamento dos indivíduos que estão inseridos nesse contexto. O status entre essas línguas em contato se altera de forma que, segundo Rubin (1974), algum desses idiomas pode chegar a desaparecer ou, no caso da permanência de ambos, um determinado equilíbrio proporcional se estabelece.

Na cidade de Assunção, especificamente, onde pude conviver por alguns anos, em conversas espontâneas com os habitantes dessa cidade, pude perceber que o espanhol era proporcionalmente o idioma mais utilizado pelos falantes, em relação ao guarani, que muitas vezes se resumia a algumas expressões ou palavras usadas como forma de provocar comicidade.

Embora exista uma mistura de ambos os idiomas, acreditamos que o espanhol é a língua dominante, chegando a ser a única usada por alguns falantes. Baseado nisso formulamos algumas hipóteses que serão testadas na presente pesquisa:

I. Quanto maior o grau de escolaridade, menora utilização da língua guarani.

A língua espanhola possui uma literatura muito maior em relação ao guarani. Com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação, os estudantes passaram a usar os

conteúdos da rede para acesso a pesquisas escolares de cunho científico e se informarem sobre temas diversos. Segundo o site de notícias BOL, uma pesquisa realizada pelo World Stats em 30 de junho de 2016, o espanhol é o terceiro idioma mais usado na internet, sendo o segundo o mandarim (chinês) e o primeiro o inglês. Para os que usam a internet no dia a dia em ambientes acadêmicos, certamente o espanhol é a língua mais usada, uma vez que sua literatura é maior que a literatura escrita em guarani, o que pode favorecer maior contato desses pesquisadores com a língua espanhola em relação à língua guarani.

II. Quanto mais urbano, menor o contato com situações que exigem habilidades com o guarani.

O trabalho de Rubin (1974) demonstra que se um indivíduo nasce e cresce na zona rural, ele dificilmente vai sentir necessidade de aprender espanhol, uma vez que este idioma está atrelado a quem tem ou pretende ter vida urbana e ascender socialmente. Rubin (1974) ainda revela em seu trabalho que indivíduos urbanos que tiveram contato com guarani o fizeram em situações de conversas com empregadas domésticas ou em algum contato com as zonas rurais.

O falante urbano apresenta características diferentes do falante rural na maioria das sociedades. Ser mais urbano estaria acarretando numa habilidade linguística que prioriza apenas uma das línguas oficiais do Paraguai na atualidade.

III. Quanto mais alto o indivíduo está na escala social, menor o contato com o guarani.

A língua espanhola está atrelada a status social: as pessoas aprendem espanhol para ascender socialmente. Com o espanhol elas têm maiores oportunidades de se desenvolver academicamente e, conseqüentemente, oportunidades de melhores empregos.

Rubin (1974) demonstrou que o fato de indivíduos de classe alta terem mais acesso à educação, seu contato com o espanhol era mais frequente, embora tal situação não descarte sua habilidade bilíngue, pois os mesmos estavam expostos a situações informais em que o guarani era usado. A configuração social em que um indivíduo se encontra fica demonstrada também na sua língua. Esse fator social está atrelado a um contato maior ou menor com uma das duas línguas oficiais do Paraguai.

IV. Cargos de alto prestígio favorecem o domínio da língua espanhola, pois os indivíduos que os ocupam têm contato com seus subordinados em espanhol.

Na cidade de Assunção, presenciei a seguinte situação: eu estava na recepção de uma faculdade particular esperando entrar para conversar com minha professora e percebi que a recepcionista falava em guarani com o segurança da faculdade. Em seguida, o reitor entrou e os três começaram a conversar em espanhol.

Rubin (1974) constatou que a língua espanhola sempre era usada em grandes centros do país, como Assunção, e aperfeiçoada, em ambientes como o trabalho, pelas pessoas que vinham de zonas onde o guarani era a língua mais usada. Ou seja, para adquirir um alto prestígio ocupacional, as pessoas deveriam dominar bem o espanhol.

V. O contato com redes sociais na internet favorece o desenvolvimento de habilidades linguísticas maiores com uma língua que com a outra.

Como foi dito, o espanhol é a terceira língua mais usada na internet. Em minha rede social pude verificar que os contatos paraguaios que tenho, pouco usam a língua guarani em suas postagens e/ou conversas. Muitos restringem o guarani a expressões para provocar comicidade.

VI. A população mais jovem está usando mais a língua espanhola.

Entre a população mais jovem o espanhol está sendo a língua mais usada. Em uma observação feita através de uma conversa informal com alunos paraguaios em uma faculdade particular em Assunção, pude observar que a maioria considerava que não sabia falar guarani e outra pequena parte dizia que não falava, mas que compreendia algumas coisas. Isso, é claro, já demonstra a habilidade bilíngue dessa minoria. Porém, em minha observação *in loco* os diálogos entre todos eles se davam apenas em espanhol. Ao conversar com alguns, eles diziam que seus pais não usavam guarani em casa.

Segundo Mollica e Braga (2015), existe uma posição clássica sobre o processo de aquisição da linguagem que diz que este se encerra no início da puberdade do indivíduo, pois nesta idade já se configura a fala do indivíduo durante toda sua vida e que mudanças que podem vir a ocorrer não são significativas. Isso quer dizer que a língua usada por estes jovens

atualmente refletirá numa reconfiguração sociolinguística paraguaia, podendo, futuramente, o espanhol ser mais usado que o guarani.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DAS LÍNGUAS DO PARAGUAI

O Paraguai apresenta, na atualidade, uma configuração linguística diferente dos demais países da América Latina no que se refere à importância dada à língua indígena presente em seu território. No trabalho de Rubin (1974), a autora demonstra que são muitas as atitudes de lealdade linguística em relação ao guarani e que grande parte da população demonstra orgulho da língua indígena do seu país reconhecendo sua importância como símbolo do nacionalismo paraguaio.

Corvalán (1981) também ressalta a singularidade paraguaia no que se refere ao bilinguismo. Segundo a autora, a atual configuração linguística se deve, entre outros, ao alto grau de nacionalismo conferido ao guarani, o que tem atraído linguistas e antropólogos para estudar a língua e cultura paraguaia.

Provocando uma reflexão que confronta o que foi dito anteriormente, Pic-Gillard (2004), ao tratar do atual Plano de Educação Bilíngue do Paraguai, afirma que este tem contribuído para algumas atitudes linguísticas negativas em relação à língua guarani. Para a autora, algumas antigas atitudes negativas em relação à língua aborígine se repetem com a atual política educacional bilíngue. Na história, o guarani recebeu atitudes pragmáticas por parte dos jesuítas: eles precisavam de uma eficaz evangelização dos índios, daí sua determinação em aprender a língua dos indígenas. Ao mesmo tempo foram etnocentristas, uma vez que, embora tivessem demonstrado um apreço pela língua em si não respeitaram a cultura que a língua trazia, impuseram a sua! “La lengua guaraní, por más bella que sea, no es lengua de cultura” (PIC-GILLARD, 2004, p. 182). Para a autora, esse era o sentimento dos jesuítas em relação ao guarani, tanto que eles sobrepuseram sua cultura. E a autora ainda traz que na atualidade o número de monolíngues em guarani tem diminuído. Sobre a atitude em relação à língua aborígine ela comenta:

Ensinar o guarani e em guarani aos falantes de língua espanhola pode modificar a percepção que eles têm da comunidade linguística que fala guarani, se se valoriza o que se ensina na escola. Trata-se de transmitir um patrimônio cultural nacional mostrando a possibilidade que esta língua tem de adaptar-se ao mundo contemporâneo. Como língua de ensino é fundamental que ela tenha a capacidade de transmitir ciências e técnicas. Se a língua se contenta com o setor do folclore e tradições, seu ensino reforçará os preconceitos. Da mesma forma, se o ensino não utiliza o guarani mais que para facilitar o acesso à alfabetização, segundo o modelo

de transição primado por certos responsáveis, o locutor que fala guarani seguirá estando à margem da comunidade social ou se autocensurará quando a situação exija que ele se comunique em espanhol. (PIC-GILLAD, 2004, p. 186, tradução nossa)⁴.

No Paraguai, a língua aborígene não é tratada como algo sem importância, ao contrário, está oficializada no Artigo 140 da Constituição Federal de 20 de junho de 1992 que reconhece:

Artigo 140 - DOS IDIOMAS

O Paraguai é um país pluricultural e bilíngue. São idiomas oficiais o castelhano e o guarani. A lei estabelecerá as modalidades de utilização de um e outro. As línguas indígenas, assim como as de outras minorias, formam parte do patrimônio cultural da Nação. (Tradução nossa)⁵.

E essa conquista não foi fácil; a organização sociolinguística paraguaia se reconfigurou várias vezes. Isso fica demonstrado em episódios históricos que vão desde a época da colonização paraguaia, passando pelas grandes guerras, ditadura, até chegar ao regime presidencialista atual.

Em toda a América havia um predomínio da cultura dos índios; afinal estas eram suas terras! De toda a América Latina o Paraguai é o único país oficialmente bilíngue, com uma língua autóctone e dinâmica, o guarani, que ocupa espaço junto com o espanhol. Morínigo (1982) relata que várias línguas indígenas ainda sobrevivem em outros países da América Latina, porém tais línguas são relegadas e associadas à pobreza e primitivismo. Em alguns casos, propensas ao desaparecimento.

Este fato se torna mais relevante quando se considera que enquanto que no restante da América Latina a presença dos aborígenes nativos deu lugar ao desenvolvimento de um bilinguismo que serviu apenas de ponte para o monolinguísmo, no Paraguai mesmo é uma condição linguística estável da maioria da população. (CORVALÁN, 1981, p. 41, tradução nossa)⁶.

⁴ Enseñar el guaraní y en guaraní a los hispanohablantes puede modificar la percepción que tienen los hispanohablantes de la comunidad lingüística guaranishablante, si se valora lo que se enseña en la escuela. Se trata de transmitir un patrimonio cultural nacional mostrando la posibilidad que tiene esa lengua de adaptarse al mundo contemporáneo. Como lengua de enseñanza es menester que tenga la capacidad de transmitir las ciencias y técnicas. Si la lengua se contenta con el sector del folklore y tradiciones, su enseñanza reforzará los prejuicios. Asimismo, si la enseñanza no utiliza el guaraní más que para facilitar el acceso a la alfabetización, según el modelo de transición preconizado por ciertos responsables, el locutor guaranishablante seguirá estando al margen de la comunidad social o se autocensurará cuando la situación requiera comunicarse en español. (PIC-GILLAD, 2004, p. 186).

⁵ **Artículo 140 - DE LOS IDIOMAS.** El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe. Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní. La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro. Las lenguas indígenas, así como las de otras minorías, forman parte del patrimonio cultural de la Nación

⁶ Este hecho se torna más relevante cuando se considera que mientras que en el resto de América Latina la presencia de los aborígenes nativos dio lugar al desarrollo de un bilingüismo que sirvió nada más que de puente

Mas o que faz do Paraguai um país com uma situação linguística tão diferente dos demais países latino americanos? Fatores históricos, sociais e geográficos contribuíram para esta singular organização linguística.

Os espanhóis se fixaram no Paraguai pela primeira vez em 1537, segundo Morínigo (1982) exatamente onde é hoje a atual capital Assunção. Diferente do que aconteceu em outros países latinos, a relação inicial dos colonizadores espanhóis com os índios guaranis, que habitavam a região do Paraguai, foi de colaboração e proteção mútua. Os índios guaranis, observando as vestes e a pele diferente daqueles jovens homens, os chamavam de *Mêeras* (semideuses, na língua guarani).

A fim de melhorar sua estirpe e ter netos desses “deuses”, os chefes das tribos presenteavam os espanhóis com as mais jovens e belas mulheres de suas tribos. Estes, com o intuito de garantir sua segurança e manter uma relação amistosa com os indígenas, aceitavam essas uniões.

Porém, logo se descobriu que essa região não tinha minas de metais preciosos, o que acarretou na não vinda de mais imigrantes europeus, sobretudo de mulheres, para habitar essa região. Foi daí que o processo de mestiçagem se acentuou e uma nova sociedade se implantou nessa região. Corvalán (1981) destaca nesse contexto o importante papel da mulher aborígine tanto para a economia quanto para a instauração dessa nova sociedade. Embora as relações de aliança tenham sido em parte, forçadas e baseadas em abusos, “esteve profundamente enraizada na vontade indígena” (CORVALÁN, 1981, p. 44).

Morínigo (1982) conta que em 1575 o Padre Martín González revela em um memorial apresentado ao Conselho das Índias, que na cidade de Assunção não havia mais que duzentos e oitenta espanhóis já velhos e que destes cem eram inúteis, enquanto que os mestiços somavam dez mil.

Embora fossem bilíngües, esses mestiços usavam mais a língua materna para sua comunicação diária. As mães ensinavam sua língua para seus maridos e, principalmente para seus filhos, com quem elas passavam maior parte do seu tempo. Tal situação se estendia também para os *crioulos*. Segundo Morínigo (1982) a língua espanhola era mais usada em questões formais, como em assuntos administrativos, na escola, em questões militares e religiosas; já em casa e demais ambientes informais era o guarani que predominava. Formou-se uma sociedade moldada ao máximo ao modo de vida europeu, mas linguisticamente

al monolingüismo, en el Paraguay el mismo es una condición lingüística estable de la mayoría de la población. (CORVALÁN, 1981, p. 41)

expressada bem mais em guarani. Esse contato entre as duas línguas provocou mudanças em ambas, como por exemplo, empréstimos léxicos.

Nem sempre os falantes de guarani aceitaram os nomes das coisas estranhas que os espanhóis colocavam em suas mãos, nem sempre trataram de adotá-los ao seu sistema fonético. Em muitas ocasiões, as coisas, animais e instituições novas receberam nomes em guarani tradicional por semelhança ou formas de uso[...] outras vezes receberam nomes inventados ou formados por elementos que a língua oferecia, seja por meio de locuções, onomatopeias, ou metáforas[...] em um notável esforço da língua para se acomodar à nova realidade. (MORÍNIGO, 1982, p.601, tradução nossa.)⁷.

Percebemos assim que, embora a questão dos empréstimos linguísticos tenha sido inevitável, tanto por conta da nova sociedade que se formava quanto por conta da própria religião que lá se implementava, a língua guarani ainda tinha resistência e se mantinha viva. Claro que o guarani dos bilíngues (espanhóis e mestiços) era diferente do guarani de raiz, pois, como já foi dito, alguns empréstimos da língua espanhola se enraizaram, muitas vezes, por falta de tradução equivalente. Por questões de prestígio as variantes espanholas eram as que tinham maior uso e, portanto, eram as que permaneciam nos contextos linguísticos. Segundo Morínigo (1982), é no guarani dos bilíngues dessa época que o atual guarani paraguaio mantém suas raízes. Daí o fato de muitos linguistas afirmarem que o guarani do Paraguai não é mais o guarani de raiz e sim uma forma remodelada desta língua que tem muitas influências do espanhol.

Mesmo com a chegada de algumas mulheres espanholas a Assunção, por volta de 1555, a configuração linguística da sociedade não mudou muito, pois os nativos mestiços que aprenderam guarani com suas mães seguiam ensinando este idioma a seus filhos. Este empobrecido processo migratório ao Paraguai, unido à rica porcentagem de famílias mestiças, fez com que a classe alta tivesse uma organização diferente da mesma classe nos demais países da América do Sul: o idioma não demarcava a fronteira entre as classes mais altas e as mais baixas, como acontecia, por exemplo, no Peru e demais países da costa oeste do continente, que mantinham constantes relações políticas e culturais com a Espanha (RUBIN, 1974).

⁷No siempre los guaraní-parlantes aceptaron los nombres de las cosas extrañas que los españoles ponían en sus manos, ni trataron siempre de adoptarlos a su sistema fonético. En muchas ocasiones las cosas, animales e instituciones nuevos recibieron nombres guaraníes tradicionales por similitudes o formas de uso[...] otras veces recibieron nombres inventados o formados con elementos que la lengua ofrecía, ya sea por medio de perífrasis, onomatopeyas, o metáforas[...] en un notable esfuerzo de la lengua para acomodarse a la nueva realidad. (MORÍNIGO, 1982, p.601).

Essa organização linguística fez com que o Paraguai tivesse certo isolamento social, pois essas mulheres espanholas que chegaram a Assunção tinham dificuldade de ser cortejadas pelos homens paraguaios uma vez que seu manejo maior era com a língua aborígene.

[as mulheres espanholas]... Foram um sopro de poesia para os românticos conquistadores que, forçados a galantear em guarani, haviam perdido o costume de tratar com mulheres vestidas como Deus manda e referirem-se a damas autênticas, em um bom castelhano... (GANDÍA, 1932, p. 147 *apud* RUBIN, 1974, p. 19, tradução nossa.)⁸.

A língua guarani começava a se tornar um problema na visão dos conquistadores espanhóis então instalados na colônia. Em 1777, o Governador do Paraguai escreveu críticas à Coroa Espanhola, comentando sobre a dificuldade de manter comunicação com o povo local, uma vez que muitos mantinham um caráter monolíngue. E essa situação seguia com o passar do tempo.

Em outro documento desse período (1797) o Governador Lázaro de Riberas informou ao rei o mesmo fato de que os conquistadores adotaram a língua nativa: “Por uma fatal desgraça e por várias causas que não faz falta identificá-las aqui, chegamos à extrema situação da língua do povo conquistado ser a que domine e exerça força sobre o conquistador. (RUBIN, 1974, p. 20, tradução nossa.)⁹.”

No âmbito da religião, Peramás (1946 *apud* RUBIN, 1974) mostra que, em 1791, em Assunção, os mistérios da religião católica eram proferidos em língua guarani por uma preferência popular, mesmo quando a maioria dos presentes era bilíngue. As Companhias Jesuíticas se encarregaram de fazer contato com os indígenas do interior do Paraguai – inclusive com os que não tiveram contato com os colonizadores espanhóis – a fim de evangelizá-los e ensinar-lhes a língua espanhola. Porém, vários registros atestam que os jesuítas não só aprenderam como também utilizaram o guarani em suas missões religiosas de evangelização. Por conta desse interesse dos jesuítas pela língua aborígene, o jesuíta Antonio Ruiz de Montoya escreveu uma gramática do guarani, que mais tarde seria editada. Durante toda a permanência da Companhia de Jesus no Paraguai (de 1604 a 1767), o que se tem registrado é que os jesuítas utilizavam o guarani com os índios e, inclusive, com as

⁸[las mujeres españolas]... Fueron un sopro de poesía para los románticos conquistadores que, a fuerza de chapurrear en guarani, habían perdido la costumbre de tratar con mujeres vestidas como Dios manda y referir a damas auténticas, en sonoro castellano... (GANDÍA, 1932, p. 147 *apud* RUBIN, 1974, p. 19).

⁹En otro documento de este período (1797) el Gobernador Lázaro de Riberas informó al rey el hecho extraño de que los conquistadores adoptaron la lengua nativa: “Por una fatal desgracia y por varias causas que no se precisa referir aquí, hemos llegado al extremo de que la lengua del pueblo conquistado sea la que domine y dé la ley al conquistador. (RUBIN, 1974, p. 20).

autoridades em documentos oficiais (SERVICE, 1954; MORINIGO, 1959; DOMÍNGUEZ, 1918 *apud* RUBIN, 1974).

Nas questões relacionadas aos sistemas educativos, o que se registra em Rubin (1974) é que, embora a presença de escolas ajudasse a familiarizar os mestiços com a língua dos conquistadores (a língua espanhola), foram poucas as escolas que se estabeleceram com esse objetivo. Um fato curioso é que mesmo nessas escolas os alunos preferiam sofrer alguns castigos recebidos pelo uso contínuo da língua guarani do que atender às exigências dos professores para que eles falassem apenas em espanhol (CARDOZO, 1963*apud* RUBIN, 1974).

O guarani, mesmo após o período do Paraguai colônia, não deixou de ter seu lugar estabelecido nessa região. Azara (1943*apud* RUBIN, 1974) reconhece que os homens responsáveis pela independência do Paraguai, que se deu entre os dias 14 e 15 de março de 1811, o fizeram exaltando a língua aborígene:

Em 1811, serviu aos compatriotas para planejar a trama que nos deu a independência. Nesta língua eterna, em voz baixa, falaram Fulgencio Yegros e Pedro Juan Caballero. Seus discursos serviram para expressar a ira sagrada de Vicente Ignacio Iturbe na casa do Governador, e em guaraní foi dito ‘santo y seña’ que abriu as portas do Quartel da Rivera aos promotores de nossa liberdade. E foi na língua vernácula que o povo de maio cantou, pela primeira vez, sua emoção de pátria e sua fé no destino perene da nova nação. (CENTURIÓN, 1957 *apud* RUBIN, 1974, p. 22, tradução nossa.)¹⁰.

Porém, parece que alguns desses fundadores da pátria estavam empenhados em que a situação linguística do Paraguai sofresse uma grande alteração. Em 1812, a Junta Governamental solicitou que a língua espanhola se tornasse a língua oficial das aulas nas escolas e que o guarani fosse retirado do âmbito escolar. Situação que resultou estranha, pois a população se sentia mais à vontade falando a sua língua vernácula. Inclusive os homens tidos como mais educados, também usavam o guarani em situações como: “1) discutir assuntos particulares; 4) expressar ira/raiva; e 3) expressar emoções fortes” (RUBIN, 1974, p. 22).

“Enquanto o guarani é uma língua mais sentimental o espanhol é uma língua mais racional” (MORÍNIGO, 1982, p. 606). Durante algumas entrevistas feitas em março de 2017,

¹⁰En 1811, sirvió al patricio para urdir la trama que nos dio la independencia. En esta lengua eterna, en voz baja, hablaron Fulgencio Yegros y Pedro Juan Caballero. Sus giros sirvieron para expresar la ira sagrada de Vicente Ignacio Iturbe en la casa del Gobernador, y en guaraní se dijo ‘santo y seña’ que abrió las puertas del Cuartel de la Rivera a los hacedores de nuestra libertad. Y fue en la lengua vernácula que el pueblo de mayo cantó, por la primera vez, su emoción de patria y su fe en el destino perenne de la nueva nación. (CENTURIÓN, 1957 *apud* RUBIN, 1974, p. 22).

na cidade de Assunção, grande parte dos entrevistados, eu diria que noventa e nove por cento deles, afirmaram que usam a língua guarani em situações como: quando querem fazer piada com seus amigos; quando querem dizer algo mais profundo seja para elogiar, para demonstrar sentimentos ou mesmo para ofender alguém; ou mesmo quando querem falar algo para que terceiros (por exemplo, estrangeiros) não os compreendam. Tal fato mostra que o pensamento supracitado de Morínigo (1982) ainda se mostra vigente na organização linguística atual da sociedade paraguaia.

A independência do Paraguai também fez com que alguns governantes tentassem estabelecer contato do país com a Europa e com alguns países vizinhos, porém a dificuldade que isso resultava fez com que o então ditador Francia (1814 – 1860) fechasse todo o contato do Paraguai com o estrangeiro. Em 1823 o Paraguai se encontrava em isolamento quase que total. As atividades de contato com o exterior estavam reduzidas a alguns câmbios de mercadorias na cidade de Pilar e a um leve contato com barcos que chegavam ao porto. Na política o Paraguai praticamente não enviava nem recebia representantes. Na educação isso refletiu em algo negativo, uma vez que jornais e revistas foram impedidos de serem publicados ou importados numa sociedade em que o próprio sistema escolar mal sobrevivia. Tal medida de isolamento e distanciamento resultou no impedimento do possível crescimento socioeconômico e cultural da nação paraguaia, que nesse momento, estando independente da coroa espanhola, já gozava de autonomia política e poderia visar esta ascensão. (RUBIN, 1974).

Em 1840, morre o ditador Francia, sendo sucedido por Carlos Antonio López (1844 – 1862). O novo ditador foi uma ponte para o progresso, pois fez uma política contrária ao seu antecessor: fortaleceu o comércio, estabeleceu relações diplomáticas, promoveu a imigração e fortaleceu o sistema escolar. Sobre a questão da língua, a mudança não aconteceu: os castigos dados aos que usavam o guarani nas escolas seguiam acontecendo, porém isso acontecia mais nas escolas de Assunção, já nas escolas do meio rural o guarani continuava sendo a língua principal.

De acordo com as memórias do escritor Juan Crisóstomo Centurión, nascido em 1840, para aqueles estudantes que fossem pegos pelos fiscais escolares usando a língua guarani como forma de comunicação no ambiente escolar, os castigos eram bem severos, chegando a receber “de quatro a cinco chicotadas” (CENTURIÓN, 1894 *apud* RUBIN, 1974, p. 24).

Em 1862 o ditador Carlos Antonio López foi sucedido por seu filho, o Marechal Francisco Solano López (1862 – 1870). Nesse período histórico, a língua guarani teve um

papel fundamental para nação, pois ela serviu como escudo, diante dos inimigos, em uma das maiores e mais significativas guerras que o Paraguai já enfrentou: a Guerra da Tríplice Aliança (1864 – 1870), ou simplesmente Guerra do Paraguai (quando o Paraguai, sozinho, enfrentou o Brasil, a Argentina e o Uruguai). Nos campos de batalha os soldados podiam conversar entre si e articular suas estratégias de guerra sem o medo de estarem sendo espionados, pois nenhuma das nações rivais tinha o manejo do guarani.

Com o fim da guerra, em 1870, o Paraguai ficou totalmente destruído e sob o controle do Brasil e da Argentina. Com essa nova configuração a língua guarani ganhou novos inimigos políticos. Muitos paraguaios, tanto exilados como os que tiveram que completar seus estudos na Argentina durante a ditadura dos López, retornaram ao país e trouxeram consigo uma aversão à língua guarani. Estes paraguaios participaram do governo provisório que se instalou no país e por medida legislativa proibiu terminantemente o uso da língua aborígine no congresso. Esse rechaço se espalhou a vários setores da capital paraguaia.

A infiltração de líderes nacionais educados na Argentina e a influência de muitos novos professores argentinos criou um afetonos assuncenos, quem durante muitos anos imitaramtudo que provinha deste país: o sistema educativo, o código e o sistema judicial. Durante um longo tempo os textos escolares foram enviados diretamente de Buenos Aires sem serem adaptados à história ou à cultura paraguaia. (RUBIN, 1974, p. 25, tradução nossa)¹¹.

E por muito tempo essa valorização da língua espanhola foi se alastrando pelo Paraguai, passando a se tornar a língua de progresso usada nos setores mais formais da sociedade e pela dita “alta sociedade”, principalmente em Assunção e mais incisivamente no sistema escolar. Em muitas casas da capital as famílias chegavam a proibir que seus filhos falassem guarani, e era da escola que essas famílias mais cobravam a prevalência dessa atitude. As classes altas estavam começando a copiar essas atitudes das classes altas da Argentina, com que elas mantinham constante contato. A ‘classe de bem’ estava associada agora também ao uso da língua espanhola. O ministro da Educação, em 1894, chegou a declarar a língua guarani como inimiga do progresso paraguaio, o que fazia com que o estigma negativo dessa língua só aumentasse principalmente dentro da capital paraguaia.

Contrariamente, nas áreas rurais do interior do país onde o contato com a capital era escasso, o guarani continuava sendo usado nas poucas escolas que lá existiam. Também uma

¹¹La infiltración de líderes nacionales educados en la Argentina y la influencia de muchos nuevos maestros argentinos creó una afectación en los Asunceños, quienes durante muchos años imitaron todo lo que proviniera de este país: el sistema educativo, el código y el sistema judicial. Durante largo tiempo los textos escolares fueron enviados directamente desde Buenos Aires sin ser adaptados a la historia o a la cultura paraguayá. (RUBIN, 1974, p. 25)

considerável literatura em língua aborígine começou a surgir principalmente na área da poesia. Essa situação perdurou por bastante tempo. Daí surgiu a atitude de associar o uso do guarani aos campesinos, índios e demais pessoas de pouca educação, ou seja, a uma classe desprestigiada.

Outro episódio marcante no que concerne às principais línguas paraguaias foi a Guerra do Chaco (1932 – 1935). Durante esse período, como artimanha de guerra, o governo paraguaio proibiu seus combatentes de usarem o espanhol nos campos de batalha, o que fez com que renascesse um sentimento nacionalista em relação a esta língua. A partir disso, segundo Rubin (1974) emergia uma atitude ambivalente dos paraguaios em relação ao guarani. Tal atitude foi alimentada por vários fatores que dividiam o sentimento das pessoas em relação à língua aborígine, embora ainda se associasse bastante o uso do espanhol ao progresso. Contudo, o guarani se reconfigurava na sociedade paraguaia: em 1933 o teatro guarani começou a ganhar força, tendo como grande nome na época o dramaturgo Julio Correa, a criação da Associação de Escritores de Guarani, em 1950, estimulava escritores nessa língua, o Ministério da Educação deixou de proibir o uso do guarani em meios escolares e solicitava que o espanhol aos poucos fosse sendo inserido neste meio.

Com isso constatamos que o guarani teve um longo e representativo percurso na história do Paraguai: de um contexto positivo e instigante para quem ali chegava, passando por um período de proibição (perdendo prestígio para a língua espanhola), até chegar a atitudes linguísticas que dividia/divide sua população.

3 QUADRO TEÓRICO

Este capítulo discorrerá sobre algumas teorias que mantêm relação com o tema da pesquisa que é o Contato de Línguas. Lançamos mão de teóricos linguistas como Labov (1972), Ferguson (1959), Fishman (1967), Fasold (1996), entre outros, que colocam como base de suas pesquisas a relação entre língua e sociedade.

Iniciaremos a primeira subseção deste capítulo fazendo uma relação entre Língua e Sociedade e, na sequência, os temas abordados nas demais subseções serão, respectivamente: A situação sociolinguística do Paraguai, Bilinguismo, Língua: fator de marca social, Redes sociais, Atitudes linguísticas, Ensino bilíngüe paraguaio, Alternância de código (*code switching*) e, por último, Diglossia. Tais temas são relevantes para a pesquisa, pois nos dão

base para entender fatos que se depreendem do contato entre línguas dentro de uma comunidade.

3.1 Língua e Sociedade

A língua é vista como o meio pelo qual a sociedade expõe seus pensamentos, define sua realidade e compartilha seus sentimentos. Através da língua em uso, o sujeito e, conseqüentemente, a sociedade, exibem marcas identitárias. Diferentes comunidades marcam suas fronteiras também através da maneira pela qual os falantes utilizam sua(s) língua(s).

A relação entre língua e sociedade tornou-se uma importante perspectiva de estudo da Linguística – ciência que estuda a linguagem e as línguas naturais - e passou a integrar uma relevante área dentro dos estudos da linguagem a partir de alguns contrapontos ao estruturalismo de Saussure, a quem é dado o crédito de ter colocado os estudos da linguagem no âmbito das ciências no início do século XX. Tais contrapontos vieram à tona com os estudos de Meillet (1921), Bakhtin (1929), Labov (1972), entre outros não menos importantes.

Nem sempre a Linguística levou em consideração os fatores sociais. Para Saussure (1916), em seu Curso de Linguística Geral, o objeto de estudo da linguística é a língua tomada em si e por si mesma como uma estrutura de natureza autônoma e desmembrada de fatores externos. Essa corrente linguística é conhecida como Estruturalismo: a língua é percebida de maneira abstrata, sem levar em conta os fatores sociais. Para ele, a língua é homogênea e social – no sentido em que ela é de domínio (pertencimento) da sociedade.

Na corrente Estruturalista, Saussure (1916) postulou algumas dicotomias que serviram de brecha para a entrada dos contrapontos que deram o pontapé de partida para o estudo da linguagem a partir de uma perspectiva social. Entre essas dicotomias temos a concepção de *Langue*/língua e *Parole*/fala. *Langue*: homogênea, social, depositada no cérebro dos falantes, já a *Parole* é heterogênea, individual e manifestada na interação social.

Na década de 60 a visão estrutural e abstrata da língua ganha reforço com a Teoria Gerativa de Noam Chomsky. Na corrente de Chomsky, denominada Gerativismo, ele considera que a faculdade da linguagem é inerente a todos os seres humanos e que, através do que ele chama de Gramática Universal, as regras gramaticais vão se ativando segundo a língua à qual o sujeito é exposto. Nesse sentido o foco de estudo dos gerativistas são as

formações de sentenças gramaticais da língua na mente dos sujeitos, o que configura uma abordagem abstrata da língua.

Tanto o estruturalismo como o gerativismo desconsideram questões sociais como influentes sobre a língua. Porém, no início do século XX já havia alguns teóricos que davam à língua uma concepção social, como o francês Meillet (1921) e Bakhtin (1929). Meillet (1921 *apud* COELHO, 2010) considerava a linguística como uma ciência social e já afirmava que qualquer variação na língua só poderia ser motivada por fatores sociais. Meillet (1921) se opunha a Saussure ao associar linguística externa e interna, bem como ao unir estudos sincrônicos e diacrônicos.

Advindas da Linguística Soviética têm-se as contribuições de Nicholas Marr e suas proposições, em que afirmava que as línguas do mundo tinham a mesma origem, bem como que, pelo fato de as línguas refletirem as lutas das classes sociais, elas seriam instrumento de poder. Também afirmava que os estágios da língua e da sociedade se correspondem. Tais contribuições são retomadas mais tarde por Labov (COELHO, 2010).

Ainda sobre a Linguística Soviética temos as contribuições de Bakhtin (1929) que no seu texto sobre Interação Verbal vem desconstruir a tese defendida pela primeira orientação do pensamento filosófico-linguístico sobre o subjetivismo individualista que defendia que a fonte do conteúdo da consciência (atividade mental) era interior. Para Bakhtin (1929), tanto a atividade mental quanto a expressão exterior constituem um território social. É na interação verbal que o discurso é modelado.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, ou das enunciações, pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação. A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1992, p. 127)

Para ele as atividades mentais, ou ideologias, são fatos que se desenvolvem e se constroem no meio social e não individualmente. Através das relações sociais as línguas vivem e evoluem historicamente.

Todas estas teorias foram base para o nascimento daquela que seria a área da linguagem dedicada aos estudos da língua como fato social: a Sociolinguística. Após vários anos de domínio do estruturalismo, a Sociolinguística nasce mostrando que língua é social, dinâmica, sofre variações e que tudo isso se explica no seio do uso social da linguagem.

A Sociolinguística tem uma grande aproximação com outras áreas de estudos como: a antropologia, a sociologia e com a geolinguística. A relação com a antropologia se dá no momento em que traz para sua discussão a relação entre língua e cultura, levando em conta, por exemplo, os interlocutores e o assunto na análise da conversação. Já a relação com a sociologia se desenvolve quando a sociolinguística considera que existe uma estreita interação e explicação entre o uso da língua e a organização social do comportamento humano, como por exemplo, as atitudes que o sujeito tem em relação a sua língua. Por fim, a relação entre sociolinguística e geolinguística se configura na visão da existência de uma multiplicidade de dialetos dentro de um país como o Brasil, por exemplo. (COELHO, 2010).

O que podemos ver é que a Sociolinguística tem relação com as ciências sociais e que visa tratar de questões que abordam temas como: variação, mudança e contatos linguísticos. Com isso outros temas se inserem no amplo campo da Sociolinguística, como o bilinguismo, políticas de planejamento linguístico, entre outros temas que correlacionem língua e sociedade.

3.2 A situação sociolinguística do Paraguai

No capítulo anterior pudemos nos familiarizar um pouco com a história do Paraguai e, conseqüentemente, com a história das línguas que lá habitam. Vimos que, dentre os países do oeste da América do Sul, o Paraguai tem uma organização linguística singular pela adoção de uma política linguística bilíngüe em que uma língua aborígene se apresenta com uso mais disseminado que a língua dos colonizadores, situação inexistente nos demais países do chamado Novo Mundo, quiçá inexistente no mundo inteiro. “Mas o Paraguai é único no hemisfério oeste, e talvez no mundo, porque desde o século XVI os colonizadores espanhóis e seus descendentes adotaram uma das línguas indígenas da América, o guarani” (FASOLD, 1996, p. 43, tradução nossa)¹².

As questões linguísticas deste país se concentram mais entre o espanhol e o guarani, embora outras línguas habitem lá e contribuam para sua diversidade linguística. Corvalán (1981) comenta que no Paraguai, além dos idiomas oficiais, ainda encontramos comunidades de fala de imigrantes que usam outras línguas como a japonesa, a portuguesa e a língua alemã.

¹²Pero Paraguay es único en el hemisferio oeste, y tal vez en el mundo, porque desde el siglo XVI los colonos españoles y sus descendientes adoptaron una de las lenguas indígenas de América, el guaraní. (FASOLD, 1996, p. 43).

Um importante estudo realizado por Chiquito e Dick (2010) intitulado “*Actitudes lingüísticas en Paraguay: identidad lingüística de los hablantes de lengua materna castellana en Asunción*” nos revela dados importantíssimos e atualizados sobre a situação sociolingüística do Paraguai no que se refere às atitudes lingüísticas dos habitantes em relação às suas línguas oficiais. Este estudo se desenvolveu também em outras vinte capitais de países hispânicos com o mesmo objetivo. Tal material se revela interessante para esta pesquisa, pois ela traz dados que complementam outros importantes estudos desenvolvidos no Paraguai por Rona (1966) e Rubin (1974), que levam em consideração dados do Censo do país.

O Paraguai se divide politicamente em departamentos e suas respectivas capitais e mais o Distrito Federal – Assunção. Os departamentos correspondem aos estados brasileiros. Segundo Rona (1966 *apud* FASOLD, 1996) o Censo de 1950 demonstrava a seguinte situação lingüística da população paraguaia: 89,1% da população da capital (Assunção) sabiam falar espanhol e que destes 76,1% eram bilíngues em espanhol e guarani. Saindo da capital a situação se encontra diferente: 45,8% afirmavam ser monolíngues em guarani e 49,5% afirmavam ser bilíngues em espanhol e guarani.

No entanto, Rona acredita que mesmo assim a porcentagem de bilinguismo é exagerada. Aponta que em 1950 o transporte e a comunicação eram muito precários no Paraguai, como resultado inevitável de que não chegavam às zonas mais distantes. E são nessas zonas onde se falava exclusivamente o guarani. E mais, provavelmente as pessoas do campo que disseram aos entrevistadores que sabiam espanhol, na realidade só conheciam umas poucas palavras. (FASOLD, 1996, p. 44, tradução nossa)¹³.

Sem entrar no mérito do que seria “conhecer” palavras soltas, pois sabemos que há vários tipos de bilinguismo e não é este o objetivo desta parte do trabalho, Rona (1966, *apud* Fasold, 1996) conclui então que menos da metade da população paraguaia dominava o espanhol e que muito abaixo de 40% eram de fato bilíngues.

Os dados registrados por Rubin (1978 *apud* Fasold, 1996) no Censo Paraguaio de 1962 mostraram a seguinte situação lingüística da época: um crescimento no número de falantes monolíngues em guarani (de 45,8% para 52%), baixo índice de falantes monolíngues de espanhol em todo o país e um considerável número de bilíngues em espanhol e guarani.

¹³Sin embargo, Rona cree que aun así el porcentaje de bilinguismo es exagerado. Señala que en 1950 el transporte y la comunicación eran muy pobres en Paraguay, con el resultado inevitable de que no llegaban a las zonas más alejadas. Es en esas zonas donde se habla casi exclusivamente el guaraní. Es más, probablemente la gente del campo que dijo a los encuestadores que sabían español, en realidad sólo conocían unas pocas palabras. (FASOLD, 1996, p. 44).

Depois da expulsão dos jesuítas do país em 1767, as instituições educativas ficaram encarregadas da educação e evangelização da população paraguaia. Essa situação do contato entre espanhol e guarani fomentou uma situação de diglossia no país, pois o guarani ficou sendo a língua usada em meios informais, como em casa, e o espanhol em situações mais formais, como na política. Isso se registrou na Constituição Paraguaia de 1967 que no seu artigo quinto declarava “Los idiomas nacionales de la República son el guaraní y el español. Será de uso oficial el español” (Constitución de la República del Paraguay, de 1967). Porém, houve uma tentativa de mudar esse quadro diglósico do Paraguai quando na constituição de 1992 o guarani se tornou língua oficial da nação junto ao espanhol, o intuito desse reconhecimento foi, entre outros, o de revalorizar a língua guarani a fim de que ela ocupe junto ao espanhol os mesmos espaços na sociedade paraguaia.

Segundo Chiquito e Dick (2010), a partir da constituição de 1992 várias leis e resoluções foram elaboradas a fim de dar força e visibilidade, dentro da nação paraguaia, não só para uma efetiva educação bilíngue do espanhol e efetivamente do guarani, como para que o guarani ganhasse força dentro das esferas formais e oficiais do estado Paraguaio.

A tentativa de manter a força e visibilidade do guarani no território paraguaio remonta a tempos anteriores. Dentre as tentativas de organizar a língua aborígine, encontramos, segundo Rubin (1974), a fundação, em 1942, da “*Academia de la Lengua y Cultura Guaraní*”, que objetivava a garantia de vocábulos da língua guarani e seu *status* de língua legal ao lado do espanhol e tinha o respaldo do então governo paraguaio. Porém foi um grupo que não desenvolveu grandes publicações de notoriedade para a língua ameríndia e, conseqüentemente, foi fadado ao fracasso. “Este grupo parece também não ter sido muito eficaz. Ainda que tivessem um un presidente, não realizavam reuniões regulares eo grupo jamais realizou publicações” (RUBIN, 1974, p. 71, tradução nossa)¹⁴.

Na atualidade, encontramos uma situação diferente da anteriormente descrita: há uma intenção e um trabalho sólido desenvolvido para o fortalecimento da língua guarani. Um dos auge dessa conquista se deu em 1995 com o reconhecimento do guarani como língua histórica dos países que formam o MERCOSUL. Essa atitude consolida e dá visibilidade ao guarani em outras importantes nações do cone sul. Outro grande e recente passo para formalização e normatização desta língua foi a criação da “*Academia de la Lengua Guaraní*” que visa, além das questões de normatização, padronizar a escrita e tornar o idioma mais forte e presente em

¹⁴Este grupo tampoco parece haber sido muy eficaz. Aunque tenía un presidente, no llevaban a cabo reuniones regulares y el grupo jamás dio luz a publicaciones” (RUBIN, 1974, p. 71)

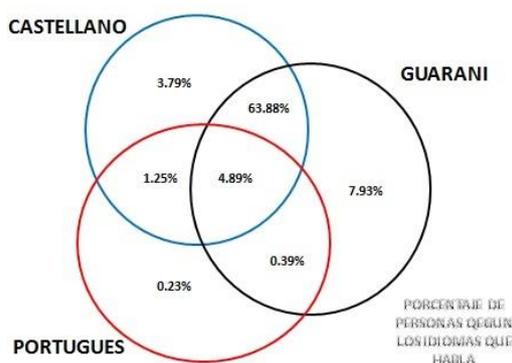
situações ditas formais na nação, como na educação, na cultura e também na política. (CHIQUITO; DICK, 2010)

Ainda que as línguas em evidência sejam o guarani e o espanhol, pela posição de línguas oficiais e pelo número de falantes, a situação atual demonstrada pelo último Censo nacional realizado em 2012 mostra que a nação paraguaia continua sendo multilíngue. Diversas etnias convivem no território paraguaio.

De acordo com os dados da Dirección General de Estadística, Pesquisase Censos, no país há uns vinte povos indígenas compostos de várias etnias que falam seus próprios idiomas: guarani, maskoy, matabo-mataguayo, zamuco e guaicurú. (CHIQUITO; DICK, 2010, p. 1069, tradução nossa)¹⁵.

Sobre o bilinguismo paraguaio o Censo de 2012 demonstra uma evolução no número de falantes: enquanto o número de bilíngues foi adjetivado por Rubin (1974) como “considerável” no Censo de 1962, o Censo de 2012, em contrapartida, demonstra a existência de 63,88% bilíngues. Mais da metade da população paraguaia é bilíngue. A versão digital do jornal paraguaio de circulação nacional *E’a* publicou, em dezembro de 2012, um gráfico retirado da “Dirección General de Encuesta, Estadística y Censo” que demonstra a relação entre as línguas: espanhol, guarani e português.

Gráfico 1 - Porcentagem de pessoas de acordo com o idioma que falam no Paraguai.



Fonte: Jornal Paraguai *E’a*.

No gráfico podemos observar que o acesso à língua espanhola teve um aumento significativo dentro do país, o que favorece o aumento do bilinguismo. O maior acesso à

¹⁵Según datos de la Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos, en el país hay unos veinte pueblos indígenas compuestos de varias etnias que hablan sus propios idiomas: guaraní, maskoy, matabo-mataguayo, zamuco y guaicurú. (CHIQUITO; DICK, 2010, p. 1069).

língua espanhola demarca sua crescente importância dentro do território paraguaio, o que não significa um decrescente uso do guarani. Ainda de acordo com o gráfico podemos observar a relevante quantidade de habitantes que usam o espanhol e o guarani (82,13%) e, conseqüentemente, sua importância no quadro social do Paraguai.

Tal situação permite refletir sobre atitudes linguísticas em relação ao guarani. No seu trabalho que provoca reflexões e críticas sobre o Plano de Educação Bilíngue no Paraguai, Pic-Gillard (2004) afirma que o guarani só é valorizado em um contexto bilíngue. Esse crescente uso da língua espanhola pode nos levar a pensar se essa é a realidade linguística que está presente na sociedade Paraguaia.

3.3 Bilinguismo

O bilinguismo é um tema do qual a sociedade atual não pode fugir. Muitas são as situações diárias em que uma pessoa se depara com atividades de leitura e/ou escuta de línguas não nativas: navegar na internet, jogar videogames, passear pelo shopping, ouvir música, entre outras. Os fluxos migratórios e a facilidade de acesso a cursos de idiomas através de aplicativos de celular têm favorecido o contato das pessoas com pelo menos uma língua não nativa. Tal situação tem feito com que estudos sobre o bilinguismo tenham sido evidenciados e desenvolvidos dentro dos estudos linguísticos.

O bilinguismo acompanha a evolução social e, conseqüentemente econômica, a tal ponto que os sistemas educativos não fogem a esta realidade. Em vários países como o Canadá, Argentina e mesmo o Brasil, as escolas priorizam estudos bilíngues para preparar seus alunos para um mundo cada vez mais competitivo, onde profissionais de competência em mais de uma língua ocupam a base de uma economia global e virtual. (GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER,2016)

Para García, Manoiloff e Wagner (2016) o bilinguismo é uma situação que acomete pelo menos metade da população mundial e apresentam alguns dados sobre o mesmo: no Canadá 35% da população maneja em alto nível de funcionalidade uma conversação em pelo menos dois idiomas e que nos 28 países da União Europeia, mais a Turquia, apresentam em média 56% de sua população utilizando pelo menos um idioma diferente ao nativo.

Considerar uma pessoa como bilíngue suscita uma gama de observações, pois nem todos os autores que estudam sobre o tema apresentam o mesmo conceito sobre ele. García,

Manoiloff e Wagner (2016) recopilam em seu texto alguns autores que comentam sobre critérios e categorias do falante bilíngue.

Para Bloomfield (1935 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016) o bilíngue é aquele que alcança um nível de manejo da segunda língua similar ao de um nativo. Na mesma linha de comparação com a língua nativa Siguán e Mackey (1986 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016) consideram bilíngue o falante que tem uma competência em uma segunda língua parecida com a sua própria língua nativa e que é capaz de usar uma ou outra em qualquer circunstância com parecida eficácia.

Saindo da linha de comparação com a competência de nativos Weinreich (1953) adjetiva de bilíngue o falante que costuma alternar entre duas línguas de maneira habitual. Haugen (1953 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016) diz que o falante com competência para formar sentenças completas e significativas em mais de um idioma é bilíngue. Já Macnamara (1969 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016) afirma que vai ser bilíngue o falante que conheça uma segunda língua ainda que seja em um nível funcional mínimo e em somente uma das quatro macrohabilidades: compreensão oral, expressão oral, na leitura ou na escrita. Rubin (1974) afirma que o bilinguismo tem a ver com habilidades comunicativas em uma segunda língua sem ter relação de comparação com sua língua nativa.

Classificar um falante como bilíngue vai depender da base conceitual teórica utilizada. O foco dado no tipo de competência do falante pode divergir, como vimos, entre autores. Da mesma maneira que o conceito de bilinguismo suscita uma cadeia de definições o nível de bilinguismo do falante também mostra diversas divisões, pois os falantes podem apresentar maior desenvolvimento em algumas habilidades do que em outras de acordo com sua necessidade de uso da segunda língua.

Primeiro, um bilíngue pode utilizar mais uma língua que outra, de acordo com seu contexto social. Segundo, seu conhecimento linguístico pode se modificar como tempo. Terceiro, segundo suas necessidades, um bilíngue pode desenvolver competências muito maiores para certas habilidades e situações que para outras. (GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016, p. 21, tradução nossa)¹⁶.

Os próprios falantes apresentam pensamentos divergentes em relação ao uso de dois idiomas por uma mesma pessoa. Appel e Muysken (1996) apresentam pontos de vista de

¹⁶Primero, un bilingüe puede utilizar más una lengua que otra según su contexto social. Segundo, su conocimiento lingüístico puede modificarse con el tiempo. Tercero, según sus necesidades, un bilingüe puede desarrollar competencias mucho mayores para ciertas habilidades y situaciones que para otras. (GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016, p. 21).

informantes envolvidos em uma pesquisa de Vildomec no ano de 1963 sobre indivíduos que falam diferentes línguas. Tais informantes, entre outras, opinam que quem fala duas línguas não fala bem nenhuma das duas; outro afirma que é incômodo colocar palavras do outro idioma numa conversação que não se desenvolve nele; há quem diz que o bilinguismo amplia horizontes; aumenta a agilidade mental e que melhora a compreensão da relatividade das coisas. Os autores comentam da surpresa que alguns orientais ao ouvir falar sobre comunidades monolíngues, pois na África, por exemplo, o bilinguismo é norma. Pic-Gillard (2004) traz que no Paraguai, para alguns falantes de língua espanhola, o contato entre espanhol e o guarani chega a ser uma contaminação.

Assim como as atitudes em relação ao bilinguismo divergem, o conceito desse fenômeno linguístico bem como a classificação do que seria um indivíduo bilíngue também suscita divergências. Vários são os critérios de classificações que categorizam os bilíngues assim como as definições, esses critérios podem apresentar abordagens diferentes segundo a adequação das atividades que se queira investigar e/ou segundo o autor.

García, Manoiloff e Wagner (2016) apresentam um quadro em que mostram os critérios e categorias mais utilizados dentro da comunidade científica que se dedica ao estudo do bilinguismo, que apresentamos a seguir:

De acordo com o contexto de aquisição de uma segunda língua, o bilíngue pode ser eletivo ou circunstancial. Enquanto o eletivo decide por conta própria aprender uma segunda língua em contextos formais ou mediante atividades migratórias. O circunstancial o faz pela situação contextual em que se encontra e, conseqüentemente, aprende a língua do seu novo país de residência por uma exigência do seu novo entorno social, por exemplo. Essa classificação foi proposta por Valdés e Figueroa (1994 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016).

Outra classificação de falante bilíngue foi proposta por Fishman (1977 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016): vulgar e de elite. O bilíngue vulgar tem sua língua materna desprestigiada dentro da sociedade, enquanto o de elite tem o domínio da língua de maior *status* e se vê beneficiado com o aprendizado de uma segunda língua como um conhecimento adicional.

Hamers e Blanc (2000 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016) trazem a classificação de bilíngue monocultural como sendo aquele falante que não assimila a cultura presente no entorno da sua segunda língua, e de bilíngue bicultural como aquele que além da

língua assimila a cultura que advém da segunda língua, remodelando a sua própria segundo os valores e hábitos da nova sociedade linguística.

Outra classificação obedece ao critério da idade de aquisição da segunda língua e se divide em bilíngue precoce e bilíngue tardio. O precoce tem domínio da segunda língua antes de alcançar determinada idade, já o tardio o faz após esta determinada idade. Esta idade recebe vários recortes, porém “há boas razões para afirmar que o limite oscila entre os 5 e 7 anos” (GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016, p. 23) pelo fato de aprender a segunda língua com os mesmos mecanismos pelos quais a criança aprende sua língua materna.

Hulstijin (2012 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016) destaca a utilidade de distinguir entre bilíngues equilibrados e não equilibrados onde a diferença se manifesta na comparação ou não com o desempenho das habilidades comunicativas com sua língua materna.

Para comparar os níveis de competência em segunda língua há uma classificação em bilíngues incipientes e ambilíngues. Cada uma delas ocupa um extremo desse critério de classificação, sendo o incipiente aquele de menor competência, conhecendo a segunda língua de modo rudimentar e passivo enquanto que o ambilíngue ocupa o outro extremo, com competência linguística em segunda língua comparada à de um nativo, com níveis baixo, médio e alto entre os dois polos. (DIEBOLD, 1961; HULSTIJIN, 2012; KROLL; STEWART, 1994 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016)

A frequência de uso de uma segunda língua também entra como critério de classificação bilíngue e categoriza bilíngues ativos e latentes e foi proposto por Grosjean (1992 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016). Ele diferencia essas duas classificações afirmando que os bilíngues ativos empregam sua língua segunda com maior frequência e competência que os bilíngues latentes que, embora conheçam o idioma, não o empregam no cotidiano.

Levando em conta que o uso de uma segunda língua interfere na representação de sua língua materna, Lambert (1974 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016) traz a divisão de bilíngue aditivo, que faz um uso equilibrado das duas línguas (sem fragilizar nenhuma das duas) e bilíngue sustrativo quando o falante passa a utilizar mais a segunda língua e provoca um debilitamento da sua língua materna pela não frequência do uso.

A diferença colocada entre um bilíngue receptivo e produtivo se mostra nas habilidades linguísticas de cada um desses bilíngues. O receptivo demonstra maiores habilidades na compreensão, seja ela oral ou escrita, enquanto produtivo, além de habilidades

de compreensão, ainda pode se comunicar espontaneamente. (VALDÉS; FIGUEROA, 1994 *apud* GARCÍA; MANOILOFF; WAGNER, 2016)

Por último, Weinreich (1953) apresenta uma divisão entre bilíngues compostos, coordenados e subordinados. Eles mostram diferenças na organização do seu sistema léxico-semântico. Os bilíngues compostos conseguem associar uma unidade léxica na língua materna e na segunda língua a um mesmo conceito. Os bilíngues coordenados associam cada unidade léxica a um conceito diferente na língua materna e na segunda língua. Já os bilíngues subordinados precisam de conexão entre a língua materna e a segunda língua para chegar ao conceito de determinada unidade léxica.

Todas essas perspectivas em relação ao falante bilíngue e até mesmo ao que vem a ser bilinguismo entram em jogo na pesquisa sociolinguística, pois as análises vão carecer de sustentações teóricas que serão suporte das análises que serão feitas da pesquisa de campo realizada. O bilinguismo é um fenômeno complexo que atravessa todas as variáveis aqui demonstradas. Considerar um indivíduo bilíngue envolve diversos aspectos, o que torna a avaliação um processo não menos complexo.

3.4 Língua: fator de marca social

Como vimos, a sociolinguística é a área que estuda a língua e sua relação com a sociedade. Ela estuda essa língua em uso numa determinada comunidade de falantes bem como a variedade desta língua em contextos diversificados. Montrul (2012) completa afirmando que os membros de determinada comunidade linguística compartilham uma língua (ou variedade de uma língua) bem como de normas linguísticas que colocam essa língua/variedade como propícia a determinados contextos sociais. Várias são as pesquisas que comprovam que os estudos de língua e de sociedade podem interagir.

Para diferenciar as variedades de determinada língua devemos observar a língua em comum que determinado grupo de falantes utiliza. Estes grupos compartilham semelhanças linguísticas além de relações econômicas, políticas e sociais que se convertem em questões de prestígio e poder. Uma determinada comunidade falante de determinada língua comparte com seu entorno questões sociais, políticas e econômicas e a esta comunidade pode ser agregado sentimento de prestígio ou de estigma.

Montrul (2012) traz o conceito de socioletos, dialetos e registros. Por socioleto ela diz que é a variedade de determinada língua comum observada pela classe social a que o grupo

pertence; já o dialeto refere-se à variedade linguística regional de determinado grupo de falantes, enquanto que os registros fazem parte das variedades funcionais de determinada língua.

Vale ressaltar que a variedade identificada em determinado grupo não é necessariamente a variedade mais privilegiada e oficialmente determinada pela gramática normativa, ou seja, aquela que menos muda. Essa variedade, conhecida como padrão, pode não ser categoricamente obedecida por determinado grupo, o que significa que ela sofre variações segundo o grupo de falantes que se utiliza desta língua. De um ponto de vista fonológico uma comunidade de fala pode valorizar novas formas de pronúncia a partir de modelos que elas considerem de prestígio por quaisquer que sejam os motivos, sejam eles simplesmente linguísticos ou de cunho social.

No caso do Paraguai o capítulo que aborda as questões históricas - desde a chegada dos colonizadores ao território paraguaio, e com eles sua língua e cultura - demonstra histórica e socialmente como a língua espanhola alcançou o prestígio que até hoje segue vigente nesta sociedade. Segundo Fasold (1996) o nacionalismo (o sentimento de pertencimento àquela nação) abarca, além da religião, da história e da cultura, a língua. Como sabemos, a língua faz parte da história de um país. Nesse ponto o espanhol e o guarani ocupam espaços e funções diferentes no seio da sociedade paraguaia e provocam sentimentos complexos: o guarani é a língua que identifica o paraguaio como tal, porém se falada ao lado do espanhol é que confere prestígio ao falante.

Estas afirmações encontram base em Labov (1972) quando fala sobre as diferenciações dos falantes de uma mesma língua segundo seu *status* social. Ele comenta que o comportamento linguístico de determinado falante muda drasticamente quando este falante muda sua posição social. Ou seja, uma mudança no comportamento linguístico não altera de maneira radical a vida de um falante, porém quando este falante muda sua posição social, a alteração no seu comportamento linguístico muda bastante e de forma mais notória.

Quando Labov (1972) nos traz essa relação entre mudanças nos processos sociais e sua incidência variacionista na língua, ele deixa claro que a língua também é um fator de observação a ser considerado pelos sociólogos quando estes pretendem estudar comportamentos sociais.

Para exemplificar a relação entre língua e marca social, bem como exemplificar também motivos de uma variação linguística, lançamos mão da pesquisa desenvolvida por Labov onde ele analisa, a partir de um indicador fonológico, a presença ou ausência de [r]

consonantal em posição final e pré-consonântica na cidade de Nova York. Ele percebeu que a pronúncia do –r aparecia como uma nova manifestação de prestígio entre os falantes daquela comunidade. Segundo o autor, a cidade de Nova York marcava o –r na sua fala durante o século XVIII, mas a situação mudou totalmente no século XIX quando o –r já não mais era marcado. Tal mudança, segundo Labov, pode ter surgido sob a influência da fala de Londres onde a fala sem o –r foi observada por Walker no ano de 1971 (*apud* LABOV, 1972). Esse exemplo demonstra uma mudança linguística que ocorreu a partir do modelo de uma comunidade de fala tida como de maior prestígio.

Situação antes não levada em conta pela linguística descritiva que tinha a língua como uma estrutura estabelecida por um conjunto de normas sociais e invariáveis de domínio dos falantes de um grupo social. Os estudos atuais da sociolinguística variacionista demonstram que sim, a mudança no comportamento linguístico está diretamente relacionada com comportamentos sociais de tal forma que a língua passa a ser ponto de observação e estudo também dentro do campo da sociologia.

3.5 Redes Sociais

Na atual era digital, em que a Internet tornou-se mais difundida e chegou a todos os setores sociais, a familiaridade com a expressão “Rede social” tem adquirido bastante força. As Redes Sociais, nesse contexto atual online, estão atreladas ao mundo da Internet. O que muita gente não sabe é que esta expressão remonta de tempos anteriores à Internet e que inclusive é uma teoria que foi estudada no âmbito das ciências sociais como a filosofia, a sociologia e a sociolinguística. Onde todas elas interseccionam? Todas têm foco no falante e suas relações interpessoais com seus grupos.

Na área da sociolinguística os estudos sobre Redes Sociais ganharam repercussão com os trabalhos dos Milroy (1978) quando explicaram os processos de manutenção do vernáculo e os padrões de mudanças linguísticas em uma comunidade de fala com o passar do tempo.

Segundo Escrivuela (2017) os estudos dos Milroy tiveram contribuições de investigações outrora iniciadas por Loyd Wayner, em 1940. A consequência destas investigações foi o surgimento da Teoria da Força dos Laços Frágeis que diz que, as pessoas com as quais um determinado indivíduo mantém menos contato, há uma probabilidade de que eles estejam menos envolvidos entre si. Em contrapartida, as pessoas com as quais um indivíduo mantém maior contato (contato mais íntimo), eles estão mais envolvidos

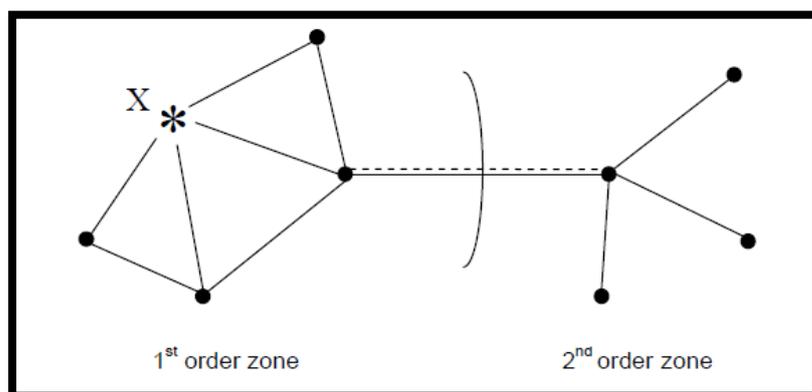
socialmente e possuem Laços Fortes. Ainda segundo Escrihuela (2017), os trabalhos de Elisabeth Bott, em 1957, também tiveram sua contribuição para a teoria de Milroy, pois deste trabalho se depreende que quanto mais ligado um sujeito está com os indivíduos de sua rede, e estes entre si, maior a capacidade de conformidade com as normas e de poder compartilhá-las com os demais desta rede.

Como dito anteriormente, a importância dos estudos sobre Redes Sociais ganhou força com os trabalhos dos Milroy, de 1978, justamente pelo fato deles terem introduzido tais estudos como categoria de pesquisa na Sociolinguística. Em seu trabalho eles explicaram questões sobre variação linguística de vogais do inglês em três comunidades de Belfast, na Inglaterra, e concluíram que o emprego das variantes só poderia ser explicado a partir da observação da interrelação dos indivíduos em suas redes sociais.

Milroy (1987) explica que uma rede social mais densa e múltipla, onde um sujeito se interrelaciona com todos os indivíduos da rede e estes entre si, colabora para que as normas linguísticas que eles compartilham sejam cada vez mais reforçadas.

Para explicar bem as relações entre os indivíduos, Milroy (1987) trabalha com o Princípio da Ancoragem focado no indivíduo para que se possam obter características gerais das redes sociais das quais os indivíduos participam. Cada pessoa sendo vista como um ponto focal, que se relaciona com outro através de linhas que demonstram as relações, pode-se observar o que Milroy (1987) chama de zonas de primeira, segunda, terceira ordem etc. A figura 1 demonstra a configuração das ordens de uma rede social.

FIGURA 1 - Rede Social com duas ordens.



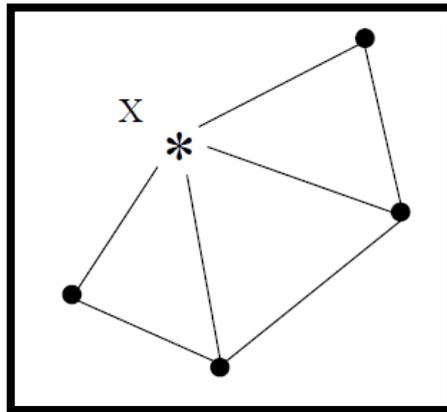
Fonte: (MILROY, 1987, p. 48).

Na figura percebemos que os indivíduos que estão diretamente ligados ao ponto focal, ali tratado como X, fazem parte da zona de primeira ordem. Tais indivíduos fazem parte

de uma zona de segunda ordem a partir do momento em que mantêm contato com outros indivíduos que não mantêm contato com o ponto focal “X”.

Para Milroy (1987) a densidade, o agrupamento e a multiplexidade fazem referência à configuração de uma rede social, sendo a primeira alusiva à sua estrutura da rede e a segunda e terceira ao seu conteúdo. Uma rede social se torna mais densa quando ela possui muitos indivíduos que se relacionam entre si. A figura 2 abaixo o demonstra:

FIGURA 2 - Rede Social densa.

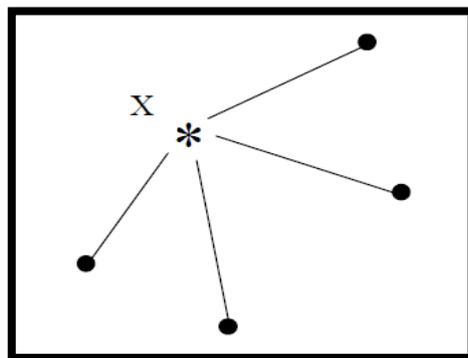


Fonte: (MILROY, 1987, pág. 20).

Neste caso acreditamos que com esta configuração os participantes compartilham de suas normas linguísticas com mais proximidade e que, portanto, eles apresentam também proximidade com as normas que compartilham.

Já uma rede social frouxa, como demonstrada na figura 3, os indivíduos mantêm poucos laços interativos, ou seja, pouco se conhecem.

FIGURA 3 - Rede Social Frouxa.



Fonte: (MILROY, 1987, pág. 20).

Os agrupamentos se formam a partir das redes que têm uma considerável densidade. São essas relações mais fortes e íntimas, que acontecem dentro do mesmo conjunto (ou grupo), as determinantes do compartilhamento das normas linguísticas. Um exemplo desses agrupamentos pode ser as relações de parentesco ou dos grupos de trabalho (MILROY, 1987).

Tratando-se da multiplexidade, vínculos “multiplex” são aqueles em que as pessoas compartilham de mais de um agrupamento podendo ser ao mesmo tempo vizinhos e parentes, por exemplo. Neste caso os indivíduos se relacionam de mais de uma maneira, de maneira múltipla. Os vínculos “uniplex” são, em contrapartida, aqueles unidirecionais, como por exemplo, patrão/empregado. As relações são unidirecionais, os indivíduos se relacionam de uma única maneira (MILROY, 1987).

Trazendo essas noções para nossa discussão, podemos supor que comunidades em que as redes sociais formadas compartilham preferencialmente de uma língua, tendem a criar redes de segunda ordem com a manutenção desta língua. No caso das comunidades em que os indivíduos se sentem mais à vontade usando o guarani no dia a dia, tendem a fazê-lo nas redes sociais de primeira ordem criadas por eles e, assim, sucessivamente nas redes de segunda e terceira ordem, fato que será testado no capítulo referente às análises de dados.

3.6 Atitudes Linguísticas

Dentro da psicologia social se estuda muito sobre atitudes humanas em geral. As atitudes linguísticas, foco desta parte do trabalho, se caracterizam precisamente pelo foco dado à atitude dos falantes em relação à língua ou, de forma mais abrangente, aos dialetos que se pretende pesquisar. Diferentes perspectivas para o estudo dessas atitudes podem ser observadas, entre elas as perspectivas condutistas - que pessoas respondem a situações sociais interacionistas – e perspectivas mentalistas – que consideram a atitude como um estado interno dividida em subpartes como a cognitiva, a afetiva e a conativa. (FASOLD, 1996)

A língua não funciona apenas como um meio de transmitir mensagens: ela vai além da simples troca de informações linguísticas! No uso da língua transmitimos valores, ideologias e muito do que somos como sociedade. Ela se relaciona com a identidade de grupos étnicos. Comunidades se diferenciam de outras através também, e talvez principalmente, do uso de sua língua entre seus falantes.

Appel e Muysken (1996) afirmam que a relação que língua e identidade de grupos étnicos (ou sociais) incidem na avaliação das línguas e nas atitudes que elas provocam. A situação funciona basicamente assim: um grupo *A* tem uma atitude em relação ao outro grupo *B*

(e a suas instituições), que gera atitudes em relação à língua (ou variante) do grupo observado/analizado e, conseqüentemente, aos falantes individuais dessa língua ou variante.

Para por em marcha pesquisas sobre atitudes linguísticas muitos métodos são descritos como formas de captar essas atitudes, dentre eles: direto e indireto, *matched-guise*, questionários, entrevistas e observação. Tais métodos são descritos por Fasold (1996) que os descreve da seguinte forma: Entre o método direto e indireto a diferença se mostra quando no método direto o pesquisador pede aos informantes que respondam às perguntas de uma entrevista ou respondam a um questionário escrito em que se pergunta diretamente a opinião deles sobre as línguas em questão. O *matched-guise*, ou técnica das máscaras, consistena gravação de vários falantes perfeitamente bilíngues que leem um mesmo texto nos dois idiomas. Estas leituras são fragmentadas e colocadas numa única gravação organizadas de forma intercalada de modo que o informante acredite que cada fragmento tenha sido falado por uma pessoa diferente. O informante, dessa forma, vai avaliar características dos falantes (ex: inteligência, simpatia, amabilidade) apenas pela língua, uma vez que pode dar notas diferentes para a mesma pessoa sem saber. O método do questionário, que pode constar de perguntas abertas e fechadas, traz duas maneiras do informante se expressar: à vontade (abertas) e em termos predefinidos pelo pesquisador (fechadas). Na observação o pesquisador fica encarregado de anotar as atividades dos informantes. Classificada por Fasold (1996) como uma técnica menos invasiva, é tida como mais adequada para os condutistas e feita à base de inferências pelos mentalistas. A última técnica aqui mencionada, a entrevista, resulta numa situação em que o pesquisador questiona o informante pessoalmente e registra os dados dos seus questionamentos por meio de gravadores ou anotações. O ponto positivo desse método é que o pesquisador pode guiar a entrevista sempre para o foco e deixando o informante à vontade para expressar-se abertamente. Este foi o método usado nesta pesquisa e, portanto, trataremos mais sobre o mesmo no capítulo referente à metodologia.

Fasold (1996) nos brinda com o resultado de estudos que demonstram como as atitudes linguísticas podem interferir nessas relações sociais. De acordo com os dados trazidos pelo autor, as relações entre professor/aluno e patrão/empregado, por exemplo, podem ser modificadas por essas atitudes em relação à língua (ou variante linguística). Outras áreas em que as atitudes linguísticas poderiam interferir seriam, por exemplo, na aprendizagem de uma segunda língua, bem como na compreensão de variedades linguísticas consideradas como altas e baixas, onde uma variedade pode se tornar inteligível pela outra.

Em seu trabalho sobre o estudo do bilingüismo, Grosjean (2001 *apud* BREMENKAMP, 2014) mostra algumas consequências de atitudes linguísticas negativas em uma situação de contato entre línguas, são elas:

- I. A língua majoritária é apreendida tanto pelo grupo majoritário quanto pelo grupo minoritário;
- II. A língua majoritária acaba sendo aprendida como língua materna pela segunda geração do grupo minoritário;
- III. O grupo minoritário demonstra insegurança sobre o que eles pensam sobre língua(s);
- IV. O uso da língua minoritária se restringe;
- V. Ocorre a substituição da língua minoritária;
- VI. Os usuários da língua minoritária acabam por temer aculturação incompleta diante de situações como alternância de códigos e empréstimos linguísticos;

Visto que as atitudes linguísticas provocam efeitos positivos ou negativos no comportamento social em relação às línguas, nem sempre a atitude negativa gera desprezo por aquela língua. No Paraguai, como visto no capítulo 1 deste trabalho, a estigmatização da língua guarani a elevou à categoria de língua oficial visando, assim, uma revalorização da língua aborígene e estimulando a criação de um Plano Educacional Bilíngue que buscasse novas atitudes em relação a esta língua. (PIC-GILLARD, 2004)

Outro fato instigante é que mesmo que os falantes de línguas minoritárias tenham consciência que sua variedade, por exemplo, não os levaria a uma ascensão social, isso não os faz distanciar-se dela. “Esta forma de lealdade linguística reflete as estreitas relações existentes entre a língua e a identidade social dos grupos etnolinguísticos.”(APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 35, tradução nossa)¹⁷. É sabido que o valor positivo ou negativo atribuído a uma língua (ou variedade de uma mesma língua) em nada se relaciona com a beleza da sua estrutura porque, enfim, cada idioma tem suas particularidades, o que se relaciona de fato com as atitudes linguísticas é o valor social (de prestígio ou de desprestígio) alcançado pelos grupos etnolinguísticos que manuseiam determinada língua/variedade. Giles *et al.* (1979)

¹⁷ Esta forma de lealtad lingüística refleja lãs estrechas relaciones existentes entre la lengua y la identidad social de los grupos etnolinguísticos. (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 35).

apresentam várias pesquisas sobre este tema desenvolvidas no Canadá e em Gales. Colocam duas hipóteses em contraponto: a hipótese do valor inerente (uma variedade é melhor ou mais atrativa que a outra) e a hipótese do valor imposto (uma variedade é considerada melhor ou mais atrativa que a outra porque é falada pelo grupo com mais prestígio ou *status*). Giles e seus colegas encontraram confirmação para a segunda hipótese: um dialeto que era julgado negativamente pelos falantes da comunidade onde se empregava, no caso do francês canadense no Canadá, não era objeto de consideração negativa por parte de membros de uma comunidade diferente (no caso resenhado por Giles *et al.*, a comunidade inglesa). (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 34, tradução nossa)¹⁸.

Fasold (1996) traz à luz uma informação sobre tais atitudes linguísticas no Paraguai: “os sentimentos das pessoas em relação às duas línguas principais[...]parecem ser ambivalentes” (FASOLD, 1996, p. 45). Nesse sentido o que fica demonstrado é que embora a língua guarani (considerada de menor prestígio social) apareça nos sentimentos nacionalistas dos paraguaios, ou seja, nos sentimentos de identidade nacional, esta é uma língua que sozinha não permite o progresso social individual e, conseqüentemente, da nação. O espanhol aparece nas situações de mais formalidade o que lhe concede maior prestígio na sociedade paraguaia. “Los que sólo hablan guaraní no tienen ninguna categoría social” (RONA, 1966 *apud* FASOLD, 1996, p. 46). Esta situação será analisada no contexto atual no capítulo referente à análise de dados.

Daí a atenção dada ao estudo da observação das atitudes linguísticas merecerem um lugar de destaque dentro dos estudos da sociolinguística, por permitirem enxergar uma configuração linguística que vai além de questões estruturais e passa para questões sócio-contextuais.

3.7 Ensino Bilíngue Paraguaio

O que parece ser natural em comunidades bilíngues é que as crianças que entram na escola tenham sua educação com pilares nos dois idiomas de sua comunidade de maneira igual, porém não é isso que acontece em grande parte das comunidades que apresentam esse perfil sociolinguístico. Já vimos que, em muitos casos, numa situação de contato em duas línguas existe uma língua com maior prestígio e outra que se torna estigmatizada por apresentar menor status social. Disso decorre que as línguas consideradas de prestígio passam

¹⁸ Presentan varias investigaciones sobre este tema llevadas a cabo en Canadá y Gales. Se contrastaban dos hipótesis: la hipótesis del valor inherente (una variedad es mejor o más atractiva que la otra) y la hipótesis del valor impuesto (una variedad es considerada mejor o más atractiva que la otra porque es hablada por el grupo con más prestigio o estatus). Giles y sus colegas encontraron confirmación para la segunda hipótesis: un dialecto que era juzgado negativamente por los hablantes de la comunidad donde se empleaba, en el caso del francés canadiense en Canadá, no era objeto de consideración negativa por parte de miembros de una comunidad distinta (en el caso reseñado por Giles *et al.*, la comunidad galesa). (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 34).

a ser usadas para promover, por exemplo, o conhecimento das ciências e das tecnologias, ficando a outra língua restrita a contextos mais informais, como em casa.

Appel e Muysken (1996) comentam que em lugares como no Suriname, Moçambique, Itália e Finlândia, muitas crianças se veem na situação de falar uma língua em casa e terem sua educação repassada em outra língua que elas não dominam bem ou não dominam de forma alguma, ou seja, elas usam no processo educativo uma língua diferente da sua língua materna. Estes autores chamam essa situação de Desconexão ou Alternância entre língua familiar e escolar, o que provoca como resultado um baixo rendimento dessas crianças no contexto escolar. Quando este resultado é atrelado às línguas de menor status, as atitudes linguísticas negativas rumo a essas línguas podem aumentar.

Pic-Gillard (2004), quando trata do Plano de Educação Bilíngue do Paraguai, afirma que os autores desse tipo de plano educativo devem ter em mente que o acesso à educação, bem como as características relacionadas a ela, se relaciona com o tipo de democracia e de sociedade em que está inserido. Portanto, um plano educativo deve ser, antes de tudo, responsável e objetivo com o cidadão que se quer formar. Responsável no sentido de conhecer a sociedade para a qual ele está sendo dirigido e objetivo no sentido de saber o que se pretende alcançar dentro daquele meio social. Para uma comunidade bilíngue fatores sociais e linguísticos devem ser controlados para maior eficácia de um plano educativo, pois o fator linguístico, como mencionado no parágrafo anterior, tem efeito grave no resultado da educação dos seus membros.

O atual plano de educação do Paraguai contempla e promove o bilinguismo. Nele podemos observar que seus elaboradores tiveram a preocupação de manter o bilinguismo coordenado como uma característica da sociedade paraguaia em geral, de maneira equitativa tanto nas áreas urbanas como nas áreas rurais. Dentre os objetivos desse plano de educação, que entrou em vigência em 1995, a educação paraguaia pretende eliminar características diglósicas no seu território bem como promover atitudes positivas em relação à língua guarani que, como vimos, é língua da maioria da população. Este plano de educação projeta alcançar seus objetivos em um prazo de vinte e cinco anos. (PIC-GILLARD, 2004)

O “Programa de Educação Bilíngue” Paraguaio teve início na época da ditadura de Stroessner. Nesse programa, o guarani foi introduzido no contexto educativo formal em forma de uma educação bilíngue de “transição”: o guarani se restringia apenas à oralidade. Os educandos não eram, na verdade, alfabetizados em sua língua materna (o guarani) e sim

emespanhol. Este fato provocou uma desmotivação em massa dos alunos em seguir os estudos e, conseqüentemente, no surgimento de muito analfabetos funcionais.

É conseqüente também focar nesta política educativa ‘disfarçada’ que permite tomar consciência da gravidade do conflito linguístico e suas conseqüências no sistema educativo. [...] De acordo com estudos sérios, neste país (Paraguai), contrariamente ao que revelam as estatísticas mascaradas da ditadura *strosnista*, não se trata de 23% de analfabetismo, e sim de 75% de analfabetos funcionais. (GÓMEZ, 2009, p. 152 - 153, tradução nossa)¹⁹.

Tida como uma época de discriminação linguística, a ditadura de Stroessner fez com que o guarani ficasse relegado à oralidade e associado aos camponeses de pouca instrução escolar, já que os mais letrados tinham o domínio linguístico da língua espanhola – a língua dominante. O guarani estava sendo um meio de fazer com que os paraguaios alcançassem competência educativa na língua espanhola, o modelo não era mais que “una planificación de castellanización” (Gómez, 2009, p. 151). E, novamente, o que percebemos é o guarani usado através de atitudes políticas populistas.

No mesmo ano da queda da ditadura, em 1989, surgiu o “*Consejo Consultativo*” para que houvesse uma reforma na educação paraguaia. Segundo Gómez (2009) os frutos desse conselho tiveram suas bases firmadas na Constituição de 1992: no que se refere ao bilinguismo ficou determinado no Artigo 77: “O ensino no começo do processo escolar se realizará na língua oficial materna do educando. Da mesma forma, se instruirá no conhecimento e no emprego de ambos os idiomas oficiais da República”. (CONSTITUIÇÃO PARAGUAIA DE 1992, tradução nossa)²⁰.

Em 1993 foi criada a “Comisión Nacional del Bilinguismo” que junto com o “Consejo Consultativo” para a Reforma da educação iriam por em marcha um projeto educacional que contemplasse de forma eficaz o bilinguismo do tipo coordenado – aquele em que o educando tivesse a competência de alternar de um sistema linguístico para o outro sem nenhuma dificuldade e de maneira espontânea –, além de conhecer e reconhecer o idioma guarani como pertencente à identidade paraguaia, bem como a fim de diminuir atitudes negativas em relação ao idioma aborígine, situação outrora existente nesta comunidade (GÓMEZ, 2009).

¹⁹ Es conseqüente también enfocar esta política educativa “disfrazada” que permite tomar conciencia de la gravedad del conflicto lingüístico y SUS consecuencias em el sistema educativo [...] Según estudios sérios, en este país, contrariamente a lo que pregoan las estadísticas falseadas de la dictadura strosnista, no se trata de un 23% de analfabetismo, sino de 75% de analfabetos funcionales. (GÓMEZ, 2009, p. 152 -153).

²⁰La enseñanza en los comienzos del proceso escolar se realizará en la lengua oficial materna del educado. Se instruirá asimismo en el conocimiento y en el empleo de ambos idiomas oficiales de la República (CONSTITUIÇÃO PARAGUAIA DE 1992, tradução nossa)

Com o Plano Nacional de Educação Bilíngue criado em 1994 a educação paraguaia tomou a seguinte forma de educação bilíngue de manutenção: o ensino será realizado na língua oficial materna do educando já no início da sua vida acadêmica educativa ou a partir do primeiro grau. A segunda língua também será ensinada no início da vida escolar, porém com o tratamento didático próprio do ensino de uma segunda língua. Este modelo apresenta duas modalidades: para os falantes de guarani como língua materna e para os falantes de espanhol como língua materna. De forma que ao final dos nove anos da educação básica estes educandos atinjam um nível de competência de 50% na língua materna e de 50% na segunda língua, independente de qual seja sua língua materna (se espanhol ou guarani).

Analisando os trabalhos de Pic-Gillard (2004) e o de Gómez (2009) o objetivo de conseguir num prazo de 25 anos uma reorganização social da língua guarani encontrou muitos embates, dentre eles a falta de materiais para alfabetizar os falantes de guarani como língua materna, o que novamente tem favorecido os falantes de língua espanhola como língua materna, que possuem variados materiais para alcançar uma alfabetização de qualidade. O censo de 2012 demonstra um aumento do acesso à língua espanhola, sem que isso acarrete numa diminuição do uso do guarani, porém o plano de conseguir inserir de forma equitativa o guarani em espaços alcançados só pelo espanhol na sociedade paraguaia parece não render muitos frutos (No Anexo I temos uma entrevista concedida pela senhora NIB, coordenadora da Educação Básica do Ministério da Educação e Cultura - MEC - do Paraguai). Em outras palavras, o objetivo de findar atitudes diglósicas no Paraguai parece ainda ser um embate, como veremos no capítulo referente à análise de dados. O objetivo de diminuir atitudes linguísticas negativas em relação à língua guarani pode, sim, estar ganhando espaço com a nova política linguística implantada no país.

3.8 Alternância de código (*code-switching*)

Uma situação de contato em duas ou mais línguas numa determinada comunidade de fala pode acarretar no falante uma série de fenômenos linguísticos como, por exemplo, níveis de bilinguismo. Em uma situação de bilinguismo, como é o caso do Paraguai, é muito comum observar que os falantes tendem a alternar de uma língua para outra em determinadas situações que, vale ressaltar, são controladas por diferenças contextuais que podem ser desde o assunto, o lugar ou até mesmo em função do interlocutor.

Segundo Appel e Muysken (1996) esse movimento de uma língua para outra no mesmo discurso, que é característico do falante bilíngue, é conhecido como alternância de código (*code switching*). Gumperz (1982 *apud* Montrul, 2013) contribui com este conceito afirmando que a alternância de códigos é uma justaposição de pedaços de palavras, frases ou orações em um mesmo discurso obedecendo a dois sistemas linguísticos diferentes. Ou seja, inicia a frase com o léxico e estrutura sintática da língua A e alterna para a língua B obedecendo à estrutura sintática desta.

Essa alternância entre línguas nem sempre é bem vista por todos os falantes da língua. Alguns puristas ou falantes monolíngues têm pensamentos negativos sobre esse fenômeno resultante do contato entre línguas, pois acreditam que, assim com algumas interferências, podem “contaminar” as línguas atingindo sua pureza (MONTRUL, 2013).

Fishman (1972a) afirma que a língua mantém relação com o *status* social e também interfere nos relacionamentos pessoais, pois de acordo com o tema escolhido para uma conversação bem como de acordo com o lugar onde a conversação se desenvolve a língua pode alternar. Isso significa que as línguas exercem funções sociais distintas dentro de uma mesma comunidade de fala.

Appel e Muysken (1996) apresentam fatores que podem acarretar numa mudança de línguas que podem ser: 1) Por uma questão de facilidade ao tratar sobre determinado tema em uma língua que em outra; 2) Porque o falante, ou falantes, não quer(em) que um terceiro entenda sobre o que estão comentando; 3) Porque já faz parte do seu discurso em si mesmo; 4) Para modificar o tom de determinado trecho da conversa; 5) Para comentar a língua envolvida no discurso; ou 6) Por uma função poética da linguagem.

De um ponto de vista linguístico esta alternância pode ocorrer dentro de uma mesma oração ou entre elas, independentemente das línguas apresentarem ou não certa semelhança. Um fato curioso é que, de um ponto de vista de análise das propriedades sintáticas, há alguns pontos oracionais onde a alternância de línguas não ocorre, segundo observaram Gumpers e Hernández-Chávez (1975) numa análise feita da conversação entre americanos, mexicanos e porto-riquenhos.

Embora todos os entrevistados que compõem o *corpus* desta pesquisa tenham mencionado sobre o uso da mistura que fazem constantemente entre a língua espanhola e a língua guarani (conhecido como jopará), uma análise detalhada desse fenômeno não foi levada em conta na análise dos dados desta pesquisa porque os mesmos não alternaram espontaneamente em nenhuma parte das entrevistas realizadas. Como ressalta Labov (2008,

p.141) “o contexto da entrevista formal não evidencia, em geral, a fala casual ou espontânea”. O fato se deve, talvez, porque muitos deles têm o domínio dos dois idiomas - ou pelo menos um grande domínio da língua espanhola, língua em que as entrevistas se desenvolveram – ou, como mencionados por alguns, o fato de eles estarem diante de um estrangeiro (o pesquisador) e suporem que ele não entenderia a língua guarani. Ademais, podemos citar que o foco da pesquisa está nas atitudes linguísticas dos pesquisados e que, claro, o fato da não alternância natural dos códigos não comprometeu o objetivoda presente investigação.

3.9 Diglossia

O termo diglossia foi usado pelo linguista norte-americano Charles Ferguson na língua inglesa pela primeira vez em 1959. Ele observou o fato de que em algumas comunidades os falantes se utilizavam de variedades linguísticas diferentes em circunstâncias diferentes. Outro fato que também chamou sua atenção foi que as variedades linguísticas exerciam funções diferentes naquela comunidade. Segundo Fasold (1996), o termo foi baseado no termo francês *diglossie*, outrora usado pelo linguista francês Marçais.

Ferguson (1959) e Fasold (1996), como forma de aprofundar seus estudos sobre o fenômeno da diglossia, observou e explicou quatro comunidades linguísticas: o Haiti e o uso de suas variedades francês e o crioulo de base francesa; o Mundo árabe e as variedades do árabe clássico e árabe coloquial; a Grécia com o grego clássico e o grego coloquial; e a Suíça alemã que divergia entre o alemão normativo e os dialetos alemães.

Ferguson observou que nessas quatro comunidades havia uma diferença, principalmente, no que se refere às funções sociais dadas ao uso dessas línguas. Em cada comunidade ele observou que a língua apresentava duas variedades que ele denominou de variedade alta (A) e variedade baixa (B). Sobre estas variedades, elas eram empregadas em situações diferentes: a variedade alta em situações mais formais e cuidadas enquanto que a variedade baixa (B) era usada em situações mais informais ou familiares. (A) tinha maior prestígio social, estava presente na literatura rebuscada, aprendida de maneira consciente em institutos de ensino, é a variante normatizada, presente na gramática e com um léxico mais técnico e estável. Em contrapartida, (B) é a variedade de menor prestígio social, mais presente na literatura folclórica, é a primeira variante materna aprendida de maneira inconsciente pelas crianças nos contextos informais com os pais em casa e na rua e com uma gramática mais

simples. Ferguson (1959) *apud* Fasold, (1996) desenha um quadro no qual ele demonstra situações sociais em que as variedades altas (A) eram usadas. São elas:

- I. Sermão das igrejas;
- II. Na escrita;
- III. Em discursos políticos;
- IV. Nas universidades;
- V. Em meios de comunicação como rádios e jornais;
- VI. Nas poesias;

Já a variedade baixa (B) era encontrada em situações como:

- I. Conversas informais com domésticas e garçons, por exemplo;
- II. Conversas em casa com familiares e amigos;
- III. Discursos cômicos;
- IV. Em caricaturas políticas;
- V. Na literatura folclórica;

Tais situações eram tão demarcadas socialmente a ponto de serem mal vistas caso fossem empregadas em contextos que não as requeressem de forma que as pessoas recebam adjetivos como “extremistas”, “insuportáveis” ou “pretenciosos” (FASOLD, 1996).

Tomando por base as características apresentadas por Ferguson, o Paraguai não se encaixaria como uma comunidade diglössica, pois um único ponto considerado pelo autor não permitiria tal adjetivação: no Paraguai a comunidade é bilíngue e as diferenças entre a variedade alta (A) e a variedade baixa (B) se manifestam não entre duas variantes de uma mesma língua e sim entre duas línguas de raízes totalmente diferentes, uma indo-europeia (a língua espanhola) e a outra ameríndia (a língua guarani).

Em 1967, Joshua Fishman (1972c) publicou um artigo no qual ele amplia o conceito de diglossia proposto por Ferguson. Fishman sustenta o anterior conceito, mas amplia para abarcar sociedades com qualquer grau de diferença linguística e, inclusive, com códigos linguísticos diferentes desde que exista uma diferença entre uma variedade alta (A) e uma variedade baixa (B) que sejam usadas e aplicadas com diferentes funções e em diferentes contextos em uma comunidade. Para Fasold (1996), John Gumperz já contribuía para a

reformulação do conceito de diglossia proposto por Fishman quando afirmou que a diglossia não existia apenas em sociedades plurilíngues com diferentes línguas oficiais, mas também em sociedades com diferentes dialetos ou quaisquer outras variedades linguísticas desde que estas diferenças cumprissem funções sociais diferentes. Nesse ponto o Paraguai se caracteriza como uma comunidade diglósica onde a variedade alta (A) é a língua espanhola – usada em contextos mais formais e com maior prestígio – e a variedade baixa (B) é a língua guarani – de menor prestígio e usada em ambientes e situações mais informais e familiares.

Relacionando diglossia e bilinguismo, Fishman (1967) fornece um quadro no qual mostra tal relação exemplificando quatro tipos de sociedades: 1) bilíngue e diglósica; 2) bilíngue sem diglossia; 3) diglósica sem bilingüismo; e 4) nem diglósica nem bilíngue. Nesse estudo Fishman apresenta como exemplo de comunidade bilíngue o diglósica o Paraguai, trazendo para seu estudo Rubin (1974) com os dados de uma sociedade com o bilinguismo difundido e a diglossia marcada.

A diglossia, tão presente no contexto social do Paraguai, é um dos fenômenos lingüísticos que o Plano Nacional de Educação Bilíngue pretende eliminar em seu planejamento educacional, já discutido na seção 3.7. Como foi visto pretende-se que a língua guarani ocupe os mesmos espaços alcançados pela língua espanhola eliminando assim o fenômeno da diglossia da sociedade paraguaia, situação que observaremos no capítulo da análise dos dados levantados nesta comunidade.

4 METODOLOGIA

4.1 Quadro Social

A língua é um dos indícios dos comportamentos sociais. Ao contrário do que se tinha na visão estruturalista – que a língua era homogênea e unitária –, na visão da sociolinguística o falante é ator ativo da língua que inclusive provoca mudanças nela. Como bem fundamenta Lucchessi (2015) o falante “participa ativamente do processo de constituição histórica da língua” sendo o motivo dos processos que levam a uma mudança linguística.

No processo diário de uso de uma ou mais línguas, o sujeito falante pode inclusive demonstrar sentimentos em relação às línguas que usa, produzindo diferentes atitudes em relação a ela (s). Segundo Rubin (1974), uma sociedade apresenta atitudes que revelam alguns sentimentos emotivos e valores atribuídos a uma (ou mais) língua do seu entorno social.

Uma situação bilíngue produz diferentes tipos de atitudes. Algumas delas refletemo valor emotivo que a comunidade confere a sua língua; outras, o valor atribuído a uma língua desde o ponto de vista social ou de algum grupo determinado dentro da comunidade, enquanto que outras representam o valor que se confere a uma língua desde o ponto de vista dos atributos formais da mesma. (RUBIN, 1974, p. 5, tradução nossa)²¹.

Levando em conta esses parâmetros da sociolinguística, buscamos investigar duas comunidades de fala de uma nação bilíngue da América do Sul - o Paraguai - a fim de conhecer mais sobre a relação e os sentimentos que seus falantes demonstram em relação às suas duas línguas oficiais: o espanhol e o guarani. O Paraguai foi escolhido por sua situação linguística singular em relação aos demais países da América do Sul: o bilinguismo onde uma língua indígena divide espaço com a língua dos colonizadores de maneira igual. Nos demais países da América onde uma língua indígena sobrevive, a mesma fica relacionada a comunidades pobres ou sem escolaridade, ou seja, relegada a uma discriminação social, fato que também motivou a escolha do local da pesquisa.

Concentramo-nos em paraguaios nativos, nascidos e criados em seu território e que, conseqüentemente, convivem constantemente com o contato entre suas línguas oficiais conferindo a elas, ainda que inconscientemente, sentimentos e valores. Não foi nosso intuito medir o grau de bilinguismo dos mesmos, e sim os atuais sentimentos e valores atribuídos e demonstrados por suas línguas oficiais, reiteramos.

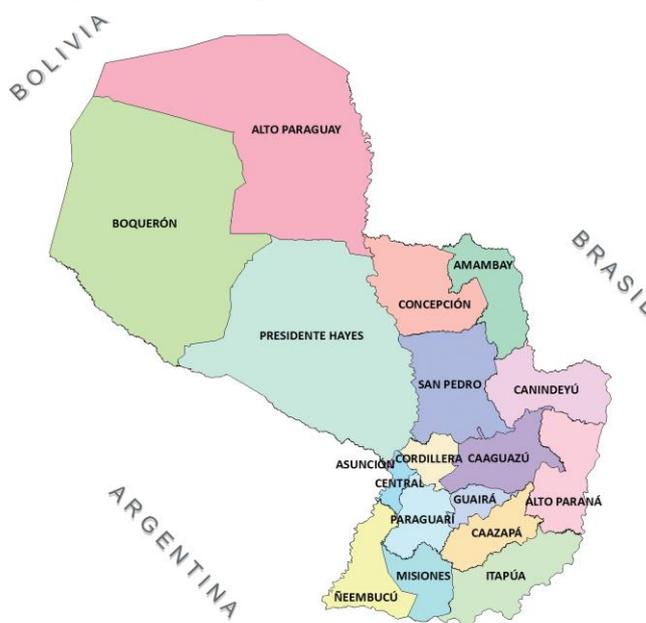
4.2 Comunidades de fala investigadas

Situar geograficamente o Paraguai torna-se interessante para uma melhor compreensão das comunidades de fala pesquisadas. Segundo o Atlas Demográfico do Paraguai de 2012, o país está dividido em 17 departamentos (estados) - incluindo a capital federal (Assunção). Outra divisão geográfica representativa para nossa pesquisa é a feita pelo Rio Paraguai, que divide o país em duas regiões com características populacionais e territoriais bem distintas: o Paraguai Oriental – que engloba 14 departamentos - e o Paraguai Ocidental – que engloba os outros três. No Paraguai Oriental com menor extensão territorial (40% do território nacional) e maior concentração de habitantes (97,4% de toda a população do país) está situada a capital Assunção, que concentra uma população de 515.587 habitantes, segundo o Censo Paraguaio

²¹Una situación bilingüe produce diferentes tipos de actitudes. Algunas de éstas reflejan el valor emotivo que la comunidad asigna a su lengua; otras, el valor atribuído a una lengua desde el punto de vista social o de algún grupo determinado dentro dela comunidad, mientras que otras representan el valor que se asigna a una lengua desde el punto de vista de los atributos formales de la misma. (RUBIN, 1974, p. 5).

de 2012. Já o Paraguai Ocidental, também conhecido como *Chaco Paraguayo*, contem 60% do território nacional e com menor concentração de habitantes (2,6% da população nacional) e é onde se encontra a cidade de Villa Hayes, capital do estado de Presidente Hayes, estado este que apresenta uma população em torno de 109.818 habitantes, também segundo o Censo Paraguaio de 2012.

Mapa 1– Divisão política do Paraguai.

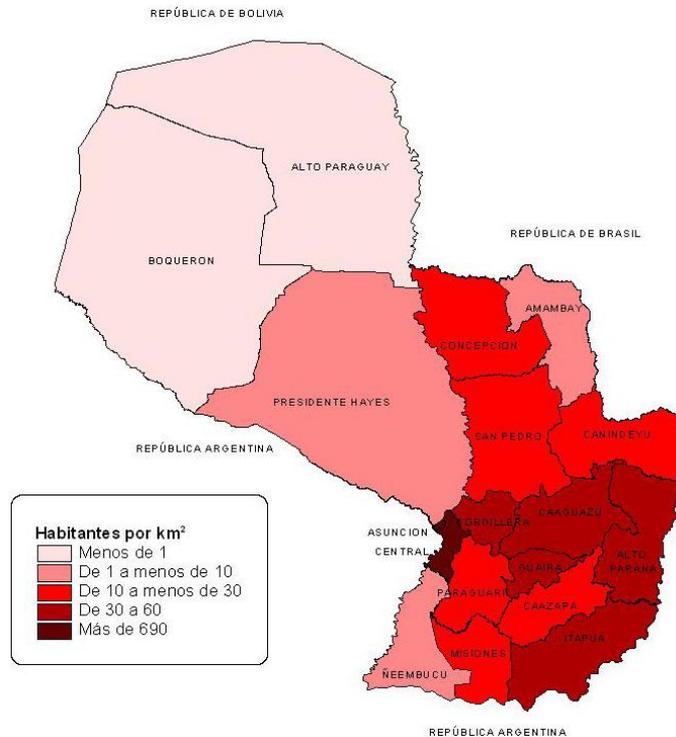


Fonte: Atlas Demográfico del Paraguay, 2012.

Nossa pesquisa se realizou em duas cidades: Assunção, a capital federal, e Villa Hayes, capital do estado de Presidente Hayes. Assunção é a única cidade paraguaia 100% urbana e fica localizada na parte oriental do Paraguai. Conta com 68 bairros com uma predominância de mulheres, que correspondem a 53% da população, segundo o censo de 2012. Ainda segundo o censo de 2012 quase a metade da população tem menos de 30 anos de idade, representando uma população bastante jovem. Um dado curioso sobre a cidade é que proporcionalmente é a cidade com menor índice de analfabetismo, 2,4% da população. Já a cidade de Villa Hayes, segundo o censo 2012, possui uma parte urbana e outra rural, e é um dos oito distritos que compõem o estado de Presidente Hayes. O estado conta com uma população assim dividida: 51,9% de homens e 48,1% de mulheres. Sua estrutura por idade consta que 62,6% do total da população tem menos de 30 anos de idade, ou seja, possui uma população também bastante jovem. Ainda de acordo com o Atlas Demográfico Paraguaio do

ano de 2012, o estado de Presidente Hayes é o que conta com a maior população indígena da nação.

Mapa 2 - Densidade da população paraguaia de 2012.



Fonte: Censo Paraguaio de 2012.

O mapa 2 demonstra a densidade demográfica do Paraguai. Na cidade de Assunção encontramos mais de 690 habitantes por quilômetro quadrado, enquanto que no estado de Presidente Hayes, embora com um território muito maior, encontramos de um a menos de 10 habitantes por quilômetro quadrado. Tal fato foi decisivo para nossa pesquisa na hora de escolher outra cidade, além da capital federal Assunção, para coletar nossos dados.

4.3 Levantamento de dados

A fim de proceder a uma análise quantitativa dos dados observados em relação à situação das línguas oficiais do Paraguai, a pesquisa lançou mão de uma metodologia que conta também com dados sociais dos informantes. As pesquisas de campo foram realizadas através de entrevistas informais, procedidas sem agendamento prévio, com dezenove informantes da cidade de Assunção e dezoito informantes de Villa Hayes, no Paraguai. Para isso, utilizei um questionário semiestruturado (cf. em Apêndice, p. 144)

buscando catalogar situações sociais de uso das línguas oficiais do país em questão, bem como as atitudes e sentimentos dos falantes em relação a essas línguas.

Com mais de meio milhão de habitantes, a cidade de Assunção é a mais populosa do Paraguai e, como forma de atender a todas as regiões da cidade, busquei realizar as entrevistas em bairros de todas as zonas da cidade (norte, sul, leste e oeste). Para lograr êxito, caminhei por estas zonas e, entrando nos estabelecimentos comerciais, comentava sobre minha situação de pesquisador e muitas pessoas me concederam tempo para as entrevistas. Outros sujeitos eu conseguia através de contatos com amigos que eu já tinha na cidade. Alguns outros eu conquistava por intermédio da minha professora local, que me indicava pessoas para me concederem entrevista. Também tive a oportunidade de caminhar pelo *campus* da Universidade Nacional de Assunção e de universidades particulares e lá conversar com os estudantes. Também consegui entrevistas no Teatro Municipal da cidade de Assunção. Nesse lugar pude conduzir as conversas com os funcionários do local. Todas as entrevistas tiveram uma média de quinze minutos de duração.

Já a cidade de Villa Hayes, conhecida como a porta de entrada do Chaco Paraguai, tem sua atividade econômica basicamente centrada em atividades industriais, de prestação de serviços e no comércio. Como nesta cidade eu não tinha nenhum contato para intermediar as entrevistas, eu saía caminhando nos bairros e abordando as pessoas em suas casas e/ou nos comércios da cidade. Durante três dias me dediquei a essa atividade e contei com a gentileza das pessoas que responderam as minhas perguntas, após me identificar como pesquisador brasileiro da PUC Minas. Essas entrevistas tiveram a duração média de dez a quinze minutos.

As entrevistas realizadas constituem um procedimento para responder às questões colocadas nos objetivos, tanto o geral quanto os específicos, que serão observados no capítulo referente à análise dos dados.

4.4 Critérios sociais para a seleção dos sujeitos da pesquisa

Com o intuito de conhecer mais um pouco sobre os informantes que participaram da nossa pesquisa, enumero-os abaixo com algumas características que consideramos relevantes para nosso estudo. Eles foram selecionados de acordo com a origem e idade. Os sujeitos de Assunção, em sua maioria, foram selecionados de acordo com o contato que pude ter com eles quando estudei na cidade, além de outros indicados por estes amigos. Também pude

entrevistar pessoas em seus ambientes de trabalho quando eu comentava sobre a minha pesquisa e eles se dispuseram a ajudar.

Pela falta de contato com os habitantes de Villa Hayes, a seleção dos informantes se deu através de várias idas até a cidade onde, caminhando pelas ruas eu me aproximava das casas, chamava os moradores, comentava sobre a pesquisa e muitos se dispuseram em participar da entrevista. Cada entrevista teve uma duração média de dez a quinze minutos e seguiu o roteiro de entrevistas semiestruturadas (cf. Apêndice, p. 144). Algumas pessoas se recusavam em falar sobre as questões socioeconômicas, o que impediu a análise de todas as perguntas. Porém, a observação participante foi de grande relevância para a apreciação dos dados.

Os informantes, como mencionado anteriormente, estão divididos segundo a origem (de Assunção e Villa Hayes) e, conseqüentemente, de acordo com o lugar onde a pesquisa com eles foi desenvolvida. Identificamos os entrevistados de Assunção por números cardinais e os de Villa Hayes por letras.

➤ ASSUNÇÃO

1. ENTREVISTADO 1 (E1): Sexo feminino. Doutora em Letras e professora de Língua Espanhola e Língua Guarani de faculdades privadas em Assunção. Idade: 55 anos.
2. ENTREVISTADO 2 (E2): Sexo feminino. Secretária de uma faculdade privada em Assunção. Idade: 35 anos.
3. ENTREVISTADO 3 (E3): Sexo feminino. Cantora e secretária dos cursos de graduação de uma faculdade privada localizada na Grande Assunção, em Fernando de la Morra. Formada em Administração. Idade: 34 anos.
4. ENTREVISTADO 4 (E4): Sexo masculino. Vendedor de uma loja de departamentos localizada no centro de Assunção. Estuda Administração em uma faculdade privada. Possui 25 anos de idade.
5. ENTREVISTADO 5 (E5): Sexo feminino. Vendedora em uma farmácia na seção de produtos de estética e perfumaria. Nível superior em curso: Enfermagem. Idade: 29 anos.
6. ENTREVISTADO 6 (E6): Sexo masculino. Assistente de palco da Escola Municipal de Teatro. Idade: 55 anos.
7. ENTREVISTADO 7 (E7): Sexo masculino. Ator e bailarino. Idade: 25 anos.

8. ENTREVISTADA 8 (E8): Sexo feminino. Estudante do curso de Comunicação da “Universidad Nacional de Asunción”, instituição pública federal. Trabalha com comunicação. O pai é de Villa Rica e a mãe de Assunção. Idade: 18 anos.
9. ENTREVISTADO 9 (E9): Sexo masculino. Estudante de Psicologia da “Universidad Nacional de Asunción”, instituição pública federal. Idade: 20 anos.
10. ENTREVISTADO 10 (E10): Sexo feminino. Estudante de Psicologia da “Universidad Nacional de Asunción”, instituição pública federal. Idade: 20 anos.
11. ENTREVISTADO 11 (E11): Sexo feminino. Estudante de universidade privada. Os pais são de Assunção. Idade: 18 anos.
12. ENTREVISTADO 12 (E12): Sexo feminino. Trabalha como lavadeira em sua própria lavanderia de roupas no centro da cidade. Seus pais são de Assunção. Idade: 58 anos.
13. ENTREVISTADO 13 (E13): Sexo feminino. Estudante de Desenho Gráfico em uma universidade privada de Assunção. Seus pais são argentinos. Idade: 18 anos.
14. ENTREVISTADO 14 (E14): Sexo masculino. Tem uma loja de videogames com sua família em um shopping chamado Asunción Supercentro, no centro da cidade. Idade: 21 anos.
15. ENTREVISTADO 15 (E15): Sexo feminino. Vendedora de passagens de ônibus em uma empresa de viagens internacionais chamada “Sol de Paraguay”. Graduada em Hotelaria e Turismo. Tem 24 anos de idade.
16. ENTREVISTADO 16 (E16): Sexo masculino. Segurança do escritório de uma empresa de ônibus de viagens internacionais chamada “Sol de Paraguay”. 51 anos de idade.
17. ENTREVISTADO 17 (E17): Sexo masculino. Estudante do último ano do curso de medicina de uma universidade particular de Assunção. 28 anos de idade.
18. ENTREVISTADO 18 (E18): Sexo masculino. Trabalha com eventos. 30 anos.
19. ENTREVISTADO 19 (E19): Sexo masculino. Médico. 27 anos.

➤ VILLA HAYES

20. ENTREVISTADO A (EA): Sexo feminino. Idade: 28 anos.
21. ENTREVISTADO B (EB): Sexo feminino. Dona de uma loja de variedades. Idade: 40 anos.
22. ENTREVISTADO C (EC): Sexo masculino. Dono de uma loja de variedades no centro da cidade. Idade: 39 anos.

23. ENTREVISTADO D (ED): Sexo feminino. Dona de uma venda de armarinho. Idade: 35 anos.
24. ENTREVISTADO E (EE): Sexo feminino. Vendedora ambulante. Idade: 65 anos.
25. ENTREVISTADO F (EF): Sexo feminino. Idade: 65 anos.
26. ENTREVISTADO G (EG): Sexo masculino. Idade: 58 anos.
27. ENTREVISTADO (EH): Sexo feminino. Vendedora ambulante nos fins de semana no calçadão de Villa Hayes. 25 anos de idade.
28. ENTREVISTADO I (EI): Sexo feminino. Estudante de ensino médio e trabalha como vendedora ambulante com sua irmã no calçadão de Villa Hayes durante os fins de semana. 18 anos de idade.
29. ENTREVISTADO J (EJ): Sexo feminino. Estudante. Idade: 20 anos.
30. ENTREVISTADO K (EK): Sexo masculino. Estudante de Agrárias na “Universidad Nacional de Asunción”, instituição federal. Trabalha na praça da cidade com um playground para crianças. Tem 20 anos de idade.
31. ENTREVISTADO L (EL): Sexo masculino. Estudante de escola pública. Trabalha com seu irmão com um playground montado em uma praça no centro turístico de Villa Hayes. Idade: 15 anos.
32. ENTREVISTADO M (EM): Sexo feminino. Trabalha em uma loja de roupas. Idade: 30 anos.
33. ENTREVISTADO N (EN): Sexo feminino. Estudante e tem 15 anos de idade.
34. ENTREVISTADO O (EO): Sexo feminino. Estudante e tem 15 anos de idade.
35. ENTREVISTADO P (EP): Sexo masculino. É dono de uma loja de sapatos junto com sua esposa. Tem 37 anos de idade.
36. ENTREVISTADO Q (EQ): Sexo feminino. Junto com seu marido, trabalha em uma loja de sapatos. Tem 35 anos de idade.
37. ENTREVISTADO R (ER): Sexo masculino. Aposentado. Idade: 57 anos.

Os entrevistados cobrem todas as faixas etárias pretendidas pelo pesquisador e, claro, obedecem a origem também pretendida. No que se refere à apreciação dos dados sobre questões socioeconômicas, tivemos dificuldades na região de Villa Hayes, talvez por eu não ser um sujeito familiar a eles, muitos se abstiveram de responder a estas questões. As entrevistas tiveram um caráter mais formal pelo local das entrevistas (geralmente nos estabelecimentos comerciais ou na porta da casa dos sujeitos). Todos os sujeitos das duas

regiões pesquisadas tentaram, de início, levar a conversa com um discurso mais formal/cuidado, mas logo se sentiram mais à vontade, o que fez com que o pesquisador obtivesse informações além do que se restringia ao questionário semiestruturado. Muitas dessas informações foram apreciadas na análise dos dados.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Serão submetidos a uma análise qualitativa neste capítulo os dados coletados durante entrevistas realizadas nos meses de janeiro de 2017 e em fevereiro de 2018 nas cidades de Assunção e Villa Hayes, no Paraguai, como mencionado anteriormente no capítulo que trata sobre a metodologia. Em quantidade os sujeitos estão assim desenhados:

Quadro 1 - Divisão geral dos informantes por área segundo a densidade demográfica, Sexo/Gênero e Faixa Etária.

Asunción (Maior densidade demográfica)			Villa Hayes (Menor densidade demográfica)		TOTAL
Faixa Etária/Sexo-Gênero	M	F	M	F	
50 ou +	2	2	2	2	08
26 – 49 anos	3	3	2	4	12
15 – 25 anos	4	5	2	6	17
Total	09	10	06	12	37

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Para melhor analisar os dados, dividimos os sujeitos da nossa pesquisa em grupos:

- I. Segundo a área de origem chamamos de:
 - Grupo A: os informantes que são procedentes de Assunção
 - Grupo B: os informantes que são procedentes de Villa Hayes
- II. Segundo a idade chamamos de:
 - Grupo I: informantes com 50 anos ou mais de idade;
 - Grupo II: informantes de 26 a 49 anos de idade;

- Grupo III: informantes de 15 a 25 anos de idade;

Tomaremos as perguntas feitas em entrevista semiestruturada e analisaremos as respostas dadas por cada grupo – e em cada área - que contemplem o objetivo da pesquisa: identificar as atitudes linguísticas dos falantes de duas comunidades de fala paraguaias em relação às suas línguas oficiais – o espanhol e o guarani.

Como dito no parágrafo anterior, a análise será feita a partir das perguntas realizadas conforme questionário semiestruturado (cf. Apêndice, p. 144) e uma análise quali-quantitativa das respostas dos entrevistados. Salientamos que, como todo trabalho que envolve perguntas abertas, nem todas as respostas dadas pelos informantes foram relevantes para a nossa pesquisa, ainda que todos os sujeitos aqui catalogados tivessem sido de grande valia para nosso estudo. Exploraremos, então, as respostas que atenderam ao nosso objetivo, confirmando ou rechaçando nossas hipóteses.

Os informantes de Assunção estão assim agrupados:

Quadro 2 - Informantes procedentes de Assunção – Grupo A.

Assunção (área de maior densidade demográfica)				
GRUPO	Faixa Etária/Sexo-Gênero	M	F	TOTAL
A – I	50 anos ou mais	2	2	4
A – II	26 – 49 anos	3	3	6
A – III	15 – 25 anos	4	5	9
	Total	09	10	19

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Os informantes procedentes de Villa Hayes estão assim agrupados:

Quadro 3 - Informantes procedentes de Villa Hayes – Grupo B.

Villa Hayes (área de menor densidade demográfica)				
GRUPO	Faixa Etária/Sexo-Gênero	M	F	TOTAL
B – I	50 anos ou mais	2	2	04
B – II	26 – 49 anos	2	4	06

B – III	15 – 25 anos	2	6	08
	Total	06	12	18

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Como podemos observar o número de informantes está equilibrado: 19 informantes de Assunção e 18 de Villa Hayes. Porém, a relação quantitativa entre o sexo masculino e feminino está em desequilíbrio: 9 homens de Assunção e 06 de Villa Hayes contra 10 mulheres de Assunção e 12 de Villa Hayes. Isto se justifica pelo fato de que quando a pesquisa foi iniciada, pensamos em fazer análise dos dados apenas entre os grupos I (informantes com 50 anos ou mais) e III (informantes entre 15 e 25 anos), mas diante da dificuldade de encontrar na cidade de Villa Hayes apenas o perfil *a priori* pensado, decidimos por inserir os informantes do grupo II (de 26 a 49 anos) em nossa análise, que a tornou mais rica de dados.

Iniciamos nossa análise do questionário desenhando-a em tabelas que contêm em seus títulos a pergunta feita ao informante. Ainda na tabela encontramos a identificação de cada informante bem como suas respostas. Ressaltamos que as informações detalhadas sobre cada informante estão no item 5.2 deste estudo que versa sobre os sujeitos da pesquisa. Obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 4 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.

GRUPO A – I: 4 informantes		
50 anos ou mais		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E1	F	Espanhol e guarani
E6	M	Espanhol e guarani
E12	F	Guarani e espanhol
E16	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Quadro 5 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.

GRUPO A – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E2	F	Espanhol e guarani
E3	F	Espanhol e guarani
E5	F	Espanhol e guarani
E17	M	Espanhol e guarani

E18	M	Espanhol e guarani
E19	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Quadro 6 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.

GRUPO A – III: 9 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E4	M	Espanhol e guarani
E7	M	Espanhol e guarani
E8	F	Espanhol e guarani
E9	F	Espanhol e guarani
E10	M	Espanhol e guarani
E11	F	Espanhol e guarani
E13	F	Espanhol e guarani
E14	M	Espanhol e guarani
E15	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

De acordo com os quadros 4, 5 e 6– que desenhama situação de Assunção - podemos observar que todos os informantes mencionam as duas línguas espanhol e guarani – nessa ordem –como sendo sua língua, exceto o informante **E12** que menciona o guarani antes do espanhol. Esta pergunta aberta permitia que os informantes usassem a ordem que lhes viesse à cabeça para responder sobre suas línguas e, como vemos, o espanhol acaba sendo a primeira língua citada na resposta de 18 dos 19 informantes.

Outro detalhe que ressaltamos foi que, quando perguntado, o informante **E15**, sem titubear, respondeu apenas “Castelhano” e para saber se era apenas essa língua que o representava, o entrevistador seguiu com o questionamento “Você se identifica mais com o castelhano?” e a resposta encontrada foi: “Sim, o castelhano. *Mas também* falo muito o guarani. Minha família usa muito o guarani”. O uso desse termo aditivo consolida uma visão de que o guarani, para uma parcela mínima –no caso 5,2% -, aparece de maneira subjacente ao espanhol sendo uma língua “aditiva” no discurso de alguns. Com isso, percebemos que a língua indígena jáse mantém em alta na identidade afetiva dos assuncenos sem distinção de idade ou sexo/gênero.

Embora haja esta consideração com a língua guarani – no sentido em que ela sempre é mencionada - nas relações diárias o espanhol acaba se sobressaindo na comunicação das pessoas de Assunção. Há um orgulho do idioma indígena, porém o uso fica atrelado apenas a algumas funções sociais. Verificaremos isto com mais detalhe mais adiante.

Quadro 7 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.

GRUPO B – I: 4 informantes		
50 ANOS OU MAIS		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EE	F	Guarani
EF	F	Espanhol e guarani
EG	M	Espanhol e guarani
ER	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Quadro 8 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.

GRUPO B – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EB	F	Espanhol e guarani
EC	M	Espanhol e guarani
ED	F	Guarani e espanhol
EM	F	Guarani e espanhol
EP	M	Espanhol e guarani
EQ	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Quadro 9 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Cuál es su idioma?.

GRUPO B – III: 8 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EA	F	Guarani e espanhol
EH	F	Espanhol
EI	F	Espanhol e guarani
EJ	F	Espanhol e guarani
EK	M	Guarani e espanhol
EL	M	Guarani e espanhol
EM	F	Guarani e espanhol
EO	F	Guarani e espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Nos quadros 7, 8 e 9 – que desenhama situação de Villa Hayes – podemos perceber que no Grupo B - I 75% mencionam que suas línguas são o espanhol e guarani contra 25% que mencionam que apenas o guarani é sua língua. No grupo B - II 100% dos informantes mencionam o espanhol e guarani juntos como sendo sua língua. Já no grupo B – III 87,5% mencionaram o espanhol e o guarani juntos contra 12,5% que responde que sua língua é

apenas o espanhol. Podemos ver aqui que entre os mais velhos de origem rural o guarani se sobressai afetivamente em relação ao espanhol, pois, dito de outra forma, 100% dos informantes mencionaram o guarani em suas respostas contra 75% que mencionaram o espanhol. Isto dentro do grupo B – I, os mais velhos de origem rural. Entre os adultos encontramos 100% identificando-se afetivamente com as duas línguas igualmente. E entre jovens o espanhol foi mais citado que o guarani, pois foi mencionado por 100% dos informantes contra 87,5% dos informantes que mencionaram guarani.

Sobre a ordem em que as línguas aparecem nas respostas dos informantes, temos que 38,8% do total de informantes do grupo B mencionam o guarani antes do espanhol, o que corresponde a sete dos dezoito informantes de Villa Hayes. Um fato interessante sobre a ordem em que as línguas são mencionadas nas respostas é que ela foi catalogada na fala dos Grupos B – II - grupo dos adultos (de dois deles) -, e na fala do Grupo B – III - grupo dos jovens (de cinco deles).

Damos destaque à resposta do entrevistado **EH** que ao ser perguntado qual era seu idioma respondeu apenas “espanhol”. Quando questionado se apenas espanhol, ele confirmou que sim. Quando a entrevista seguiu o entrevistado foi questionado sobre a língua que aprendeu a falar com seus pais e então mencionou o guarani.

Esses comportamentos de não menção ao guarani, de certa forma, são uma maneira de atribuir sentimentos afetivos negativos em relação a este idioma que, como já vemos, são em quantidade mínima, mas que ainda existem.

Sobre esta pergunta percebemos que fatores não linguísticos, como sexo/gênero, não assumem um papel relevante nas respostas. No entanto, quando levamos em conta os fatores idade e origem, identificamos um maior apreço pela língua guarani entre as pessoas mais velhas de origem rural e, em contrapartida, um apreço maior pelo espanhol entre os mais jovens de origem rural. Porém essa situação é bem sutil, nada em grande desequilíbrio.

Porém em uma situação de observação participante verificamos que em Villa Hayes as pessoas conversavam nas ruas e nos transportes públicos utilizando o guarani com uma frequência bem maior que em Assunção, onde o guarani fica reduzido a pequenas expressões em determinadas situações, como também veremos mais a frente.

Seguindo com o questionário, foi perguntado aos informantes: “¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?” com o intuito de saber sobre o primeiro contato com um dos idiomas do país, ou seja, saber sobre sua língua materna e relacionar com a pergunta anterior que era sobre a língua que os representava.

Quadro 10 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.

GRUPO A – I: 4 informantes		
50 anos ou mais		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E1	F	Espanhol
E6	M	Espanhol e guarani
E12	F	Guarani
E16	M	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

O quadro 10 mostra o desenho das respostas dadas pelos informantes de Assunção, e nela percebemos que 25% dos informantes responderam que aprenderam só espanhol, 25% responderam que aprenderam o espanhol e o guarani com seus pais e 50% responderam que sua língua materna é o guarani. Nesse quadro a língua que atinge maior espaço entre a população mais velha de Assunção é o guarani, tendo sido mencionada três vezes contra duas menções ao espanhol.

Fazendo um paralelo com a pergunta anterior (Qual é sua língua?), mesmo os que aqui disseram que aprenderam só uma das línguas com seus pais, consideram as duas como sendo seus idiomas, o que faz com que depreendamos que os mais velhos de Assunção possuem uma atitude afetiva positiva em relação às suas duas línguas oficiais.

Quadro 11 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.

GRUPO A – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E2	F	Espanhol e guarani
E3	F	Espanhol
E5	F	Espanhol e guarani
E17	M	Espanhol
E18	M	Espanhol
E19	M	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Esta tabela nos mostra que 66,66% dos informantes adultos de Assunção afirmam que aprenderam só espanhol com seus pais e 33,34% afirmam que aprenderam o espanhol e o guarani. Ninguém afirma que só aprendeu guarani em casa! Em número de menções o

espanhol aqui neste quadro apareceu em todas as respostas: 6 menções ao espanhol contra 2 menções ao guarani. Mesmo essa maioria que aprendeu só espanhol com seus pais consideram o guarani também como sua língua. Isso pode ser concluído quando comparamos com a pergunta anterior (Qual sua língua?), em que 100% destes mesmos informantes responderam que suas línguas são o espanhol e o guarani. Isso revela uma atitude de apreço pela língua guarani, mesmo por aqueles que só aprenderam espanhol com os pais.

Observamos que do grupo A-I para o grupo A-II há uma relevante diferença na resposta dos informantes. Enquanto que no grupo A-I (dos mais velhos) o guarani foi a língua mais citada, no grupo A-II (dos adultos) a língua mais citada foi o espanhol. Essa grande diferença encontra explicação na política linguística que desfavorecia o guarani no período da ditadura de Stroessner (de 1934 a 1989), comentado no capítulo 2 deste estudo (cf. Capítulo 2). Neste período o regime ditatorial proibiu o idioma guarani de ser falado e ensinado nas escolas, chegando a castigar fisicamente quem o falasse. Muitos preconceitos em relação à língua guarani nasceram aí.

Em contrapartida, a língua guarani alcançou o patamar de língua oficial da República do Paraguai em 1992 e nesta mesma década se implantou nas escolas a política de ensino bilíngue vigente até os dias atuais. Esses fatos sustentam as diferenças observadas nas respostas dos informantes.

Quadro 12 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.

GRUPO A – III: 9 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E4	M	Espanhol
E7	M	Espanhol
E8	F	Espanhol
E9	F	Espanhol
E10	M	Espanhol
E11	F	Espanhol
E13	F	Espanhol
E14	M	Espanhol e guarani
E15	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Na configuração do quadro que informa sobre os mais jovens de Assunção encontramos 77,77% desses informantes afirmando que a língua aprendida com os pais foi

somente o espanhol contra 22,23% que afirmam que além de espanhol aprenderam também o guarani, ou seja, aprenderam as duas juntas. A variável sexo/gênero aqui não reflete um critério de influência, pois os que aprenderam as duas juntas foram um informante de cada sexo. Em número de menções vemos que o espanhol foi mencionado pelos nove informantes contra apenas duas menções ao guarani.

Quando comparamos as respostas do grupo A-III (dos mais jovens) mostradas no Quadro 6 - que responde à pergunta “Qual é seu idioma?” - com as respostas do Quadro 12 podemos encontrar um sentimento positivo em relação ao guarani (e que foi comum a todos os grupos de Assunção). Tal inferência se dá pelo seguinte motivo: mesmo que os informantes tenham aprendido apenas o espanhol com os pais, eles possuem um sentimento de identificação com a língua guarani que foi revelado ao comparar as duas perguntas até agora analisadas.

Um fato que talvez ainda tenha resultado nesse quadro do espanhol não aparecer como língua materna de apenas 10,5% da população de Assunção também é encontrado na história pois, segundo Rubin (1974), muitas famílias de Assunção proibiram que seus filhos aprendessem guarani, fora o fato de a classe alta assuncena ainda ter imposto essa situação dentro do âmbito escolar.

Os pais desta geração de falantes tanto aprenderam a falar quanto estudaram em uma época em que o guarani foi um idioma proibido de ser usado na sociedade paraguaia (época da ditadura de Stroessner). No entanto, essa geração foi para a escola numa época em que a situação do guarani foi diferente da situação vivida pelos seus pais: enquanto seus pais viveram durante a proibição do guarani, eles vivem a época em que se pretende que o guarani ocupe o mesmo espaço que o espanhol, ou seja, estes jovens vivem no período do atual Plano de Educação Bilíngue.

Quadro 13 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.

GRUPO B – I: 4 informantes		
50 ANOS OU MAIS		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EE	F	Guarani
EF	F	Espanhol e guarani
EG	M	Guarani
ER	M	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Vemos que 75% dos informantes deste grupo respondem que a língua aprendida com os pais foi o guarani, contra 25% dos informantes que respondem que aprenderam espanhol e o guarani com os pais. O guarani é mencionado por todos os quatro informantes contra apenas um que menciona o espanhol em primeiro lugar. O caso da informante EE é peculiar. Trata-se de uma senhora totalmente indígena que, mesmo falando um pouco de espanhol, não revelou nenhuma atitude em relação a esta língua. Atrevemo-nos a dizer que revela uma ausência de atitude em relação ao espanhol. Sustentamos esta inferência em Morales (2004) que diz que é impossível pensar em uma atitude neutra em relação a uma língua ou variante, e que é mais viável haver uma ausência de atitude.

Quadro 14 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.

GRUPO B – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EB	F	Guarani
EC	M	Guarani
ED	F	Espanhol
EM	F	Guarani e espanhol
EP	M	Guarani
EQ	F	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Neste quadro, dos seis informantes, apenas um não mencionou o guarani como língua aprendida com seus pais, afirmando que foi somente o espanhol. Ainda assim o guarani não perde terreno neste grupo: 5 menções ao guarani contra 2 ao espanhol. Dessa forma, o quadro fica assim desenhado: 66,66% dos informantes afirmam que aprenderam somente o guarani com seus pais; 16,66% afirmam que aprenderam somente o espanhol e outros 16,66% disseram ter aprendido as duas línguas juntas. Em comparação à pergunta feita “Qual sua língua?”, mostrada no quadro 8, os informantes abraçaram o espanhol como demonstração de prestígio, pois embora a maioria aqui tendo aprendido guarani com seus pais, afirmaram que suas línguas são o guarani e o espanhol.

Quadro 15 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?.

GRUPO B – III: 8 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EA	F	Guarani
EH	F	Guarani
EI	F	Guarani
EJ	F	Espanhol e guarani
EK	M	Espanhol e guarani
EL	M	Espanhol e guarani
EM	F	Espanhol e guarani
EO	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

No quadro 15 temos: 62,5% dos informantes tendo aprendido espanhol e guarani com seus pais contra 37,5% tendo aprendido somente guarani sendo o guarani mencionado 8 vezes e o espanhol cinco.

O que se pode observar é que há uma diferença por área. Em Assunção a maioria da população – 12 dos 19 informantes de Assunção, ou 63,15% deles – aprende só o espanhol em casa. Podemos perceber também que, na atualidade, não se aprende apenas guarani nesta comunidade específica. Os 10,5% de informantes que aprenderam apenas guarani pertencem à população mais velha, nenhum adulto e nenhum jovem afirmou aprender apenas guarani, ou só espanhol ou os dois idiomas juntos.

Na região rural o quadro configurativo é o inverso: podemos observar que praticamente nenhum falante aprende somente o espanhol – apenas 1, dos 18 informantes, afirmou ter aprendido só espanhol, ou 5,5% da população investigada. A maior parte das pessoas investigadas da zona rural – 10 dos 18 informantes, ou 55,55% deles – ainda aprende só o guarani, sem a presença do espanhol em casa.

Deste quadro percebemos que a língua guarani vem perdendo terreno na comunidade de área urbana, uma vez que vem perdendo, nesta área, o posto de língua materna. Em contrapartida, na área rural o guarani segue tendo bastante espaço e ocupando majoritariamente o posto de língua materna. Como participante, observei que nas ruas de Villa Hayes as pessoas se comunicam bastante em guarani; já em Assunção o espaço é do espanhol, quando comparadas as mesmas situações comunicativas: dentro dos ônibus, nas praças.

Destacamos aqui a resposta de um dos informantes do grupo A-I (o dos mais velhos) de Assunção quando indagado sobre sua língua materna:

- **E3:** “En castellano. Antes no éramos tan cerrados con el tema de los idiomas, ¿verdad? O sea, se consideraba un tabú el tema del idioma guaraní. Muchos tenían vergüenza para hablar el idioma guaraní, porque hablar el idioma guaraní representaba la gente que venía allá del interior. Nosotros que estamos en la ciudad no estamos acostumbrados a usar el idioma, ¿verdad? Y cuando usábamos la gente decía: ‘¡qué guarangos!’. ¿Entendés? Guarangos”.

Com isso vemos que a história interfere um pouco no fato de muitos pais ensinarem só espanhol para seus filhos na comunidade de Assunção. Como vimos no capítulo 2, a língua guarani foi bastante atacada, sendo muitas vezes atrelada à comunidade indígena que não tinha acesso à educação na capital do país, sendo considerada uma língua feia e de pessoas do interior.

Quadro 16 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: Cuando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.

GRUPO A – I: 4 informantes		
50 anos ou mais		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E1	F	Espanhol
E6	M	Espanhol e guarani
E12	F	Guarani
E16	M	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Temos que 50% dos falantes dizem que só falam em guarani em reuniões de família, 25% falam as duas línguas e outros 25% que só falam em espanhol. A Teoria das Redes Sociais, comentada no item 3.5 deste estudo corrobora para o que vemos aqui: os informantes deram aqui as mesmas respostas e da mesma forma que quando perguntados sobre a língua que aprenderam com os seus pais.

O informante **E16** comenta que “Aparece assim uma conversa em castelhano/espanhol. Mas, mais em guarani”.

A Teoria das Redes Sociais sustenta isso: quanto mais um sujeito está com os indivíduos de sua rede, e estes entre si, maior a capacidade de conformidade com as normas linguísticas e de poder compartilhá-las com os demais desta rede. (ESCRIHUELA, 2017)

O informante **E6** diz que “mais em castelhano se falava socialmente, depois o guarani mais no cotidiano. Pelo menos palavras em guarani existiam. Certamente em guarani porque é mais rápido. Se não aprender em casa, aprende na rua com os amigos ou na escola”. Isso confirma que o laço mais íntimo com o guarani faz com que, de uma forma ou outra, ele apareça. Fishman (1967) afirma que é diglósica a comunidade com uma variedade Alta (A) e uma Baixa (B) com diferentes funções e em diferentes contextos em uma comunidade. A diglossia também fica marcada quando os sujeitos atribuem funções sociais mais altas à língua espanhola, pois segundo este informante, isso acontecia em situações sociais mais formais. Isso está marcado no trecho destacado no início deste parágrafo, quando o informante **E6** afirma que em situações sociais (mais formais) se falava o espanhol e no cotidiano (situações de mais intimidade) se falava o guarani.

Quadro 17 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: Cuando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.

GRUPO A – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E2	F	Guarani
E3	F	Espanhol e guarani
E5	F	Espanhol e guarani
E17	M	Espanhol
E18	M	Espanhol e guarani
E19	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Aqui 66,66% dos informantes afirmam usar os dois idiomas quando estão reunidos em família, o que diz respeito a 4 dos 6 informantes. 16,66% afirmam usar só espanhol e outros 16,66% afirmam usar só o guarani. Com relação às menções, as duas línguas estão em pé de igualdade: 5 menções ao espanhol e 5 menções ao guarani. Isso revela um quadro bem estável, em que as duas línguas parecem ocupar os lares de maneira equivalente, ainda que o espanhol tenha sido a língua mais mencionada, quando a estes informantes foram perguntados sobre a língua que aprenderam a falar com seus pais. Nesse quadro elas se equivalem, pois muitos informantes dizem que parte de sua família vem do interior ou que os avós só falam em guarani e que, por respeito a eles, ou para que eles entendam, acabam usando guarani.

Destacamos a resposta do informante **E5**, que comenta que na família paterna eles conversavam tudo em guarani, enquanto por parte da mãe usavam mais o espanhol porque são mais “chetos” – palavra usada no espanhol paraguaio para referir-se às pessoas que têm dinheiro e são da alta sociedade, algo como “mauricinho/patricinha” do português brasileiro. De acordo com Morales (2004), um dos três componentes que formam a atitude linguística é o cognitivo, que inclui os estereótipos que o indivíduo tem sobre a língua. Aqui vemos que o fato de os parentes pertencerem a uma classe mais alta leva-os a usarem o espanhol – uma relação de causa: o espanhol é usado porque eles são abastados -, estereotipando, assim, o espanhol a um rol de língua de maior prestígio.

Quadro 18 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: Cuando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.

GRUPO A – III: 9 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E4	M	Espanhol e guarani
E7	M	Espanhol e guarani
E8	F	Espanhol e guarani
E9	F	Espanhol
E10	M	Espanhol
E11	F	Espanhol e guarani
E13	F	Espanhol
E14	M	Espanhol e guarani
E15	F	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Este quadro nos mostra que a maioria, 55,55%, percebia o uso das duas línguas nas reuniões de família. 33,33% percebiam o uso apenas do espanhol nos encontros e festividades familiares, contra apenas 11,11% dos informantes que mencionaram escutar tudo em guarani.

O informante **E15** comentou que o guarani era mais ouvido, porque os avós eram vivos e só falavam em guarani, mas que em casa, com os pais, eles falavam apenas em espanhol.

O informante **E8** comenta que “quando os meus tios vinham do interior eles, às vezes, falavam em guarani com meu pai. Nas reuniões em família falava-se misturado. Muitas expressões são em guarani, expressões de emoção. É que tem coisas que para a gente é mais fácil descrever em guarani que em espanhol”.

E9 diz que “No meu caso, castelhano/espanhol. Mas depende também de que cidade são seus parentes, porque às vezes você tem parentes do interior eles, por exemplo, falam tudo em guarani. Então aí também varia”.

E11: “Meus tios são... bom, a maior parte da minha família é do interior. Também não os entendia muito porque não estava muito tempo com eles, eu só ficava com meus primos. Então eu só ficava na televisão e tudo era em espanhol, então...”.

Neste caso podemos notar que as percepções, crenças e estereótipos revelados na fala dos informantes contribuem para que o guarani seja atrelado a pessoas mais velhas e/ou quem tem sua origem no interior do país. O componente cognitivo da atitude linguística deste grupo de informantes promove ainda uma atitude negativa em relação ao guarani em suas justificativas. Vemos que ninguém explica o motivo de usarem o espanhol em sua interação comunicativa diária, mas uma boa parte dos informantes justifica o uso do guarani em seu entorno sociointeracional, como se isso exigisse uma justificativa por não ser algo esperado.

Quadro 19 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: Cuando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.

GRUPO B – I: 4 informantes		
50 ANOS OU MAIS		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EE	F	Guarani
EF	F	Espanhol e guarani
EG	M	Espanhol e guarani
ER	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Visualizamos aqui que 75% deste grupo dizem usar o espanhol e o guarani em suas reuniões de família, contra outros 25% que afirmam ser só o guarani. Em menções o guarani tem mais espaço entre os informantes: 3 menções ao espanhol e 4 ao guarani. Podemos ver o guarani em 100% das respostas deste grupo.

Um fato que chamou bastante a atenção foi que, neste grupo, eles parecem ser os mais velhos das reuniões em família e que, portanto, sua referência de ouvir espanhol tende a ser nas conversas entre os mais novos. O entrevistado **EF** comenta que a nova geração já não está falando bem o guarani “ni siquiera el guaraní normal” e acrescenta que o guarani não tem validade na cidade e que ele é usado mais em tons de brincadeiras nas escolas, pois “ninguém a usa para nada”. Essa afirmação se refere à percepção do informante sobre os mais jovens. O

informante **EG** diz que tem quatro filhos e que sempre que ele fala algo em guarani em casa, seu filho mais novo pergunta o que significa, pois não sabe nada em guarani.

Entre os mais velhos o guarani é língua de uso preferencial. Na situação de observação participante, quando cheguei para entrevistar os informantes **EF**, **EG** e **ER** eles estavam conversando em guarani, sentados na porta de casa em seu momento de ócio de um domingo; bem como o informante **EE**, que também estava em um momento de descontração com sua neta de seis anos e que também conversavam em guarani. É uma língua que entre essa faixa etária sobrevive e tem bem mais espaço que o espanhol.

O informante **EF** demonstrou uma situação de sentimento ambíguo em relação ao guarani. Quando a questão que encabeça esta tabela lhe foi feita, **EF** respondeu que apenas o espanhol era usado para conversa em reunião entre amigos, porém no meio da entrevista afirmou espontaneamente sobre o guarani, talvez por estar mais à vontade: “Es nuestro idioma nativo, es dulce y da gusto hablar, da gusto hablar en guaraní. ¡A mí me encanta hablar en guaraní! No siempre hablo, pero me gusta hablar guaraní.”. Isso demonstra uma lealdade ao seu idioma e, ao mesmo tempo, um rechaço. Rubin (1974) comenta que muitos paraguaios têm sentimentos ambivalentes em relação a seus idiomas e que o bilíngue que prefere o espanhol, ainda assim reconhece a importância do guarani, e o que prefere guarani não deixa de ressaltar a importância do espanhol a nível internacional.

Quadro 20 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: Cuando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.

GRUPO B – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EB	F	Guarani
EC	M	Guarani
ED	F	Espanhol e guarani
EM	F	Espanhol e guarani
EP	M	Guarani
EQ	F	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

A situação revelada no quadro 20 é que o guarani, sozinho, é disparadamente o idioma mais falado nas reuniões de família da população adulta de Villa Hayes: 66,6%. Se formos

analisar por outro viés, ele é usado por 100% das famílias desta comunidade, pois os 33,3% restantes afirmaram usar espanhol e o guarani juntos.

A resposta do informante **ED**, quando perguntado sobre o idioma mais falado nas reuniões de família, foi: “O jopará. Os dois juntos... Com os amigos também!”. Segundo este informante, o uso das duas línguas “juntas” não se resume apenas ao ambiente familiar, ou seja, entre os amigos também acontece esta alternância do espanhol para o guarani e do guarani para o espanhol. Jopará é uma palavra em guarani que significa mistura.

Vemos o grande espaço que o guarani tem na comunidade de Villa Hayes; o espanhol, sozinho, não costuma ser idioma usado nas reuniões familiares, de acordo com as pessoas adultas.

Quadro 21 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: Cuando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?.

GRUPO B – III: 8 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EA	F	Guarani
EH	F	Espanhol e guarani
EI	F	Espanhol e guarani
EJ	F	Guarani
EK	M	Guarani
EL	M	Guarani
EM	F	Guarani
EO	F	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Sobre o espaço do guarani na comunidade de Villa Hayes, com a tabela 21 concluímos que ele está presente em 100% das reuniões familiares desta comunidade. Aqui, nos 25% dos casos em que o espanhol aparece, isso acontece junto com o guarani, em consonância com a pergunta sobre a língua que aprenderam a falar com seus pais, onde nenhum informante deste grupo afirmou ser somente o espanhol.

Observemos as respostas de alguns dos informantes deste grupo:

EH: “O castelhano. Entre os adultos mais o guarani. Entre os adultos eles usam mais o guarani”.

EJ: “O guarani. Meus pais com meus irmãos, com os irmãos deles... eu, às vezes, para falar com certas pessoas. Mas eu geralmente já me adapto. Mas eu geralmente me dirijo às pessoas falando em espanhol. Mas se estão falando em guarani, meto o guarani”.

O comportamento destes jovens demonstra que usar o guarani não parte deles, e podemos inferir que em gerações futuras – quando eles estiverem mais velhos - o guarani pode não ser a língua majoritária, ou seja, a língua mais falada nesta comunidade.

De fato, a atitude cognitiva, identificada na percepção que estes informantes revelam sobre a atuação do guarani em seu contexto familiar, abre um quadro bem diferente do quadro de Assunção. Em Assunção há famílias em que só o espanhol é falado nas reuniões entre seus membros (26,31%), e há também famílias em que só o guarani é falado (21%). Em contrapartida, em Villa Hayes em nenhuma família se fala só espanhol em suas reuniões: Ou se fala o espanhol junto com o guarani (38,8%) ou, em 61,11% delas, só o guarani aparece.

Para o quadro que se desenha abaixo, a partir da pergunta “¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?”, deixamos para fazer as considerações ao final da resposta de todos os grupos, pois elas, neste caso, são semelhantes e se sustentam para uma consideração geral.

Quadro 22 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.

GRUPO A – I: 4 informantes		
50 anos ou mais		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E1	F	Espanhol
E6	M	Espanhol
E12	F	Espanhol
E16	M	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Neste quadro vemos que 100% dos informantes usam o espanhol para a língua escrita. Nenhuma menção se faz ao guarani.

Quadro 23 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.

GRUPO A – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E2	F	Espanhol e guarani

E3	F	Espanhol e guarani
E5	F	Espanhol e guarani
E17	M	Espanhol e guarani
E18	M	Espanhol e guarani
E19	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

No quadro 23, que trata dos adultos de Assunção, 100% deles afirmam usar o espanhol e o guarani para escrever mensagens com família e amigos.

Quadro 24 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.

GRUPO A – III: 9 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E4	M	Espanhol e guarani
E7	M	Espanhol e guarani
E8	F	Espanhol
E9	F	Espanhol e guarani
E10	M	Espanhol e guarani
E11	F	Espanhol e guarani
E13	F	Espanhol e guarani
E14	M	Espanhol e guarani
E15	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

No quadro que desenha a tabela dos mais jovens, apenas 11,1% dos informantes (1 dos 9) afirmam usar apenas o espanhol, enquanto os demais, 88,9%, afirmam usar as duas línguas – espanhol e guarani – para troca de mensagens. Fica demonstrado que o espanhol aparece em 100% dos casos para uso na escrita.

Este fato não difere no quadro desenhado na comunidade de Villa Hayes, onde vamos ver que o espanhol entra em 100% das respostas. Vejamos:

Quadro 25 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.

GRUPO B – I: 4 informantes		
50 ANOS OU MAIS		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EE	F	-
EF	F	Espanhol e guarani

EG	M	Espanhol e guarani
ER	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

O informante **EE** afirmou não saber escrever, por isso 100% dos informantes afirmaram usar o espanhol e o guarani para troca de mensagens com família e amigos.

Quadro 26 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.

GRUPO B – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EB	F	Espanhole guarani
EC	M	Espanhol e guarani
ED	F	Espanhol
EM	F	Espanhol e guarani
EP	M	Espanhol
EQ	F	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Neste quadro 100% afirmam usar o espanhol. Dito de outra forma, 50% usam somente o espanhol e 50% afirmam usar espanhol e guarani.

Quadro 27 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por escrito con su familia y amigos?.

GRUPO B – III: 8 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EA	F	Espanhol e guarani
EH	F	Espanhol
EI	F	Espanhol e guarani
EJ	F	Espanhol e guarani
EK	M	Espanhol e guarani
EL	M	Espanhol e guarani
EM	F	Espanhol
EO	F	Espanhol e Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Aqui 25% dos informantes o grupo B-III afirmaram usar somente o espanhol para mensagens escritas e os outros 75% dizem usar espanhol e guarani.

Dois situações chamam a atenção sobre essa pergunta - que analisa o comportamento dos informantes em relação à atitude demonstrada sobre o uso da escrita nas duas línguas analisadas – são elas:

- I. 100% dos informantes das duas áreas usam o espanhol nas mensagens;
- II. Ninguém usa apenas o guarani para escrever para seus parentes e amigos.

Inferimos que um texto totalmente em guarani é uma realidade inexistente nas trocas de mensagens diárias dos nossos informantes. Já em espanhol sim, chegando ao caso de o grupo A-I ter 100% dos informantes afirmando que só escrevem em espanhol. É importante salientar que 100% dos informantes mencionaram que o guarani entra nas mensagens escritas quando se quer dizer uma piada, zombar de algo (ou alguém) ou em xingamentos, pois, segundo os informantes, a língua guarani “es más fuerte”. Também foi recorrente dizerem que uma piada sai mais engraçada quando contada em guarani. O informante **EE** – do grupo B-I – não sabe escrever, daí a ausência de sua resposta para essa pergunta. Destacamos as respostas de alguns informantes:

- **E15:** Mezclado. Hay palabras que tienen más sentido en guaraní que en castellano. Bromas tienen más picardía hablar en guaraní que en castellano.
- **E16:** El castellano, porque el guaraní tenés que saber para escribir. Tenés que estudiar. Algunas cosas uno sabe, pero es difícil. El castellano está en todas las partes...es más fácil. El guaraní sí podés hablar por teléfono “Mba tekopio” – “¿qué tal?”.

As respostas sobre a mistura do espanhol com guarani também foram bem expressivas, assim como também foi recorrente o comentário que o guarani, quando entra no texto das mensagens escritas, aparece sob algumas expressões ou frases feitas, mas nunca na forma de uma mensagem totalmente em guarani, ou seja, nunca em textos completos. Foi unânime a opinião de que a língua guarani é muito difícil de escrever e que a habilidade de escrita da língua espanhola se atinge mais rapidamente. O fato de o guarani não ter uma escrita padrão pode contribuir para a ocorrência deste fato.

Como vimos na seção que trata sobre a história das línguas no e do Paraguai, o guarani foi proibido por muito tempo nas escolas, ficando relegado às interações orais. O processo para uma escrita normatizada da língua guarani tem resquícios negativos até hoje, pois, como vemos, ninguém escreve totalmente em guarani e todos dizem que o guarani é uma língua bastante difícil.

Na pergunta seguinte buscamos saber como se comporta a língua nas situações cotidianas informais dos informantes, buscando, dessa forma, verificar qual o espaço de cada uma das línguas oficiais em situações de fala não monitorada.

Quadro28 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.

GRUPO A – I: 4 informantes		
50 anos ou mais		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E1	F	Espanhol
E6	M	Guarani
E12	F	Guarani
E16	M	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Sobre os mais velhos de Assunção vemos que 75% deles disseram usar o guarani nas ruas com seus amigos e apenas 25% mencionou o espanhol. Quando questionados se era tudo em guarani, eles responderam que era ‘misturado’, utilizando a palavra “jopará” para referir-se a tal mistura.

Quadro 29 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.

GRUPO A – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E2	F	Espanhol e guarani
E3	F	Espanhol e guarani
E5	F	Espanhol
E17	M	Espanhol
E18	M	Espanhol e guarani
E19	M	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Quando descemos na escala da idade, vemos o guarani perder um pouco de espaço para o espanhol, sendo o espanhol mencionado por 100% dos informantes e o guarani mencionado em 50% das respostas. O fato é que onde o guarani apareceu neste grupo foi junto com o espanhol, ou seja, o guarani não aparece sozinho como sendo a língua usada para uma comunicação entre amigos numa situação informal, descontraída.

Quadro 30 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.

GRUPO A – III: 9 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E4	M	Espanhol e guarani
E7	M	Espanhol
E8	F	Espanhol e guarani
E9	F	Espanhol e guarani
E10	M	Espanhol e guarani
E11	F	Espanhol e guarani
E13	F	Espanhol
E14	M	Espanhol e guarani
E15	F	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

No grupo dos mais jovens também o espanhol é unanimidade: 100% mencionam o espanhol e nenhum deles menciona que conversa apenas em guarani. Os 66,6% que falam do guarani o fazem junto com o espanhol, mas nunca apenas em guarani.

Quadro 31 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.

GRUPO B – I: 4 informantes		
50 ANOS OU MAIS		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EE	F	Guarani
EF	F	Guarani
EG	M	Guarani
ER	M	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Nesse quadro 100% dos mais velhos da área rural usam o guarani para comunicações informais com seus amigos em momentos de descontração. Situação equivalente à área urbana de Assunção, onde somente um dos informantes disse usar o espanhol. Podemos perceber que entre a população mais velha o guarani é uma língua predominante, independente da área. A idade é um fator que se sobressai neste ponto.

Se juntarmos os oito informantes de 50 anos ou mais (os 4 de Assunção e os 4 de Villa Hayes) vamos ter que 12,5% dessa população usa o espanhol em falas não monitoradas com amigos, contra 87,5% que usam o guarani nas mesmas situações de descontração. Entre os mais velhos o guarani tem mais espaço que a língua espanhola.

Quadro 32 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.

GRUPO B – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EB	F	Espanhol e guarani
EC	M	Espanhol e guarani
ED	F	Espanhol e guarani
EM	F	Espanhol e guarani
EP	M	Espanhol e guarani
EQ	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Vemos que 100% dos adultos usam o espanhol e o guarani para conversar com seus amigos. Vamos ver nas respostas analisadas abaixo que eles se sentem mais à vontade conversando em guarani.

Quadro 33 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: Cuando niño(a), ¿qué lengua utilizaba para hablar con los amigos en la calle?.

GRUPO B – III: 8 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EA	F	Guarani
EH	F	Espanhol e guarani
EI	F	Espanhol e guarani
EJ	F	Espanhol e guarani
EK	M	Espanhol e guarani
EL	M	Espanhol e guarani
EM	F	Espanhol e guarani
EO	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Depreendemos que o guarani possui espaço garantido em todas as situações de fala dos informantes de Villa Hayes: 100% deles comentam que usam o guarani. Como visto no quadro 31, os mais velhos usam somente o guarani.

No quadro 33 temos o espanhol em 87,5% da fala dos informantes, porém sempre junto com o guarani e 12,5% ainda afirma falar somente em guarani. Quando comparamos com as respostas do grupo A-III (informante de Assunção da mesma faixa etária do grupo mostrado nesse quadro 33) vemos que, enquanto em Villa Hayes ninguém conduz uma conversa só em espanhol, mas o faz só em guarani; na cidade de Assunção nenhum jovem

conduz uma conversa só em guarani, mas o faz em grande medida em espanhol. Em Villa Hayes, o espaço do guarani é garantido, já em Assunção o espaço do guarani gera abismos, uma vez que há ainda jovens que não conversam sequer misturando as duas línguas.

Mostramos aqui alguns comentários feitos pelos informantes quando responderam sobre a pergunta em foco. As partes sublinhadas são destaques nossos para sustentar nossas inferências:

- **E3:** Más... más el español, pero malas palabras lo que generalmente era guaraní.
- **E4:** De repente ahí, qué sé yo... para comentarios... así de repente de sarcasmo, vamos a decir... “Mba’e nde la reñembo tavy”, o sea, “vos te estás haciendo el tonto” y la gente se reía porque el guaraní causa más risa, o sea, causa más tendencia en la forma de hablar de la persona.
- **E6:** Más guaraní hablaba. Más rápido, más directo, menor rebusque... El castellano era más para lo social, para el colegio. Y había familias que no hablaban guaraní en su casa. Sólo guaraní es más en el interior. Ahora sí ya con la internet, la televisión es más castellano. En los colegios ya se enseña (guaraní).
- **E8:** Pero yo con mis amigos hablo en español. Sólo expresiones como “Nde’rasore”, “Nde racore”... hum... ay... no sé... muchas expresiones así groserías así cortitas.
- **E11:** Más el castellano se escuchaba. Los amigos te dicen unas palabras y relacionás, digamos, vulgarmente a lo que se refiere esa palabra. O sea, no sé la palabra contextualmente o etimológicamente qué significa, pero conozco a lo que se refiere. Por el contexto.
- **E12:** Todo en guaraní en mi época. Porque crecí en la zona de San Geraldo, entonces en esa zona era todo guaraní.
- **E13:** Hay gente que le sale las malas palabras en guaraní. Suele salir de repente las malas palabras, pero no mucho. Son palabras sueltas, no oraciones.
- **E14:** Era...hum...es...los dos idiomas. El español salía con más frecuencia.
- **E16:** Era en guaraní. En la escuela castellano.
- **E17:** Para las groserías el guaraní es más fuerte.
- **E18:** (guarani) Para groserías.
- **EO:** Entre nosotras usamos expresiones como: “Ndè tavy?” – “¿Estás loca?”

Rubin (1974) já havia percebido que os paraguaios, mesmo sendo os da alta sociedade, ao expressarem algum tipo de sentimento o fazem ocasionalmente em guarani. A língua guarani é uma língua de base oral, como dito pela coordenadora da educação básica do

Paraguai, Necio Ila Benítez (cf. anexo, p. 146), então estes sentimentos de raiva ou mesmo de comicidade revelados pelos próprios informantes trazem essa marca da própria história da língua no território paraguaio. Rubin (1974) ainda mostra que é uma língua doce, apropriada para o amor, para demonstrar belos sentimentos, mas que também sempre foi bastante usada para demonstrar ira/raiva e por isso situações assim perduram até os dias atuais.

Quadro 34 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?.

GRUPO A – I: 4 informantes		
50 anos ou mais		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E1	F	Espanhol
E6	M	Espanhol
E12	F	Espanhol
E16	M	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Estas respostas condizem com as respostas dadas por este mesmo grupo na pergunta anterior sobre a troca de mensagens escritas entre familiares e amigos. Tanto lá como aqui 100% das respostas é que o espanhol é a língua usada para habilidades de escrita.

Mais uma vez encontramos na história evidências que sustentam as respostas aqui catalogadas. Como dito no item 3.7 deste estudo, até 1989 o Paraguai viveu sob a ditadura de Stroessner que, em seu plano educativo bilíngue, tinha como forma de trabalho o uso do guarani nas escolas, mas com o intuito de alcançar a excelência na língua espanhola. Ou seja, o guarani era a língua materna usada para fazer com que os alunos aprendessem espanhol. Conforme vimos, as pessoas mais velhas de Assunção possuem habilidade escrita em língua espanhola.

Tabela 35 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?

GRUPO A – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E2	F	Espanhol e guarani
E3	F	Espanhol e guarani
E5	F	Espanhol e guarani
E17	M	Espanhol e guarani
E18	M	Espanhol e guarani

E19	M	Espanhol e guarani
------------	---	--------------------

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Na resposta de 100% dos informantes as duas línguas foram usadas no seu processo de alfabetização. O Plano Nacional de Educação Bilíngue Paraguaio, que entrou em vigência e 1995 e que contempla a alfabetização bilíngue no país – como comentado no item 3.7 deste estudo – atingiu boa parte destes informantes que, então, ainda estavam na educação básica – segundo mostram as características destes informantes, no item 4.2 -, resultando no quadro aqui revelado.

Quadro 36 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?.

GRUPO A – III: 9 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E4	M	Espanhol e guarani
E7	M	Espanhol e guarani
E8	F	Espanhol e guarani
E9	F	Espanhol e guarani
E10	M	Espanhol e guarani
E11	F	Espanhol e guarani
E13	F	Espanhol e guarani
E14	M	Espanhol e guarani
E15	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

O fato de 100% dos informantes do quadro 36 ter sido alfabetizado em espanhol e guarani é resultante também do Plano Nacional de Educação Bilíngue do Paraguai. Nesta faixa etária, eles já iniciaram sua educação básica nos moldes deste plano, o que justifica as respostas dadas.

Quadro 37 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?.

GRUPO B – I: 4 informantes		
50 ANOS OU MAIS		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EE	F	-
EF	F	Espanhol
EG	M	Espanhol

ER	M	Espanhol
----	---	----------

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Os informantes deste grupo apresentam uma característica igual aos informantes do grupo de mesma faixa etária da região de Assunção: 100% dos que leem e escrevem o fazem em língua espanhola. O fato também encontra respaldo na história, uma vez que o plano “mascarado” de educação bilíngue da ditadura de Stroessner era nacional: usar o guarani na escola para se chegar a uma habilidade em língua espanhola.

Quadro 38 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?.

GRUPO B – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EB	F	Espanhol e guarani
EC	M	Espanhol e guarani
ED	F	Espanhol
EM	F	Espanhol e guarani
EP	M	Espanhol
EQ	F	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Neste quadro, vemos que 50% dos informantes disseram que aprenderam a ler e a escrever em espanhol e outros 50% disseram que aprenderam a ler e escrever em espanhol e guarani. Como se nota, 100% dos informantes têm habilidades de leitura e escrita em espanhol contra 50% deles com habilidade de leitura e escrita em guarani.

De acordo com a coordenadora pedagógica da educação básica do MEC Paraguai, embora haja um modelo de educação que atenda tanto o falante de guarani como língua materna quanto um modelo que atenda o falante materno de língua espanhola, muitos pais optam que seus filhos sejam alfabetizados em língua espanhola já que o guarani eles aprendem em casa e é uma língua de menor prestígio social.

Tabela 39 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿En qué lengua aprendió usted a leer y a escribir?.

GRUPO B – III: 8 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EA	F	Espanhol

EH	F	Espanhol e guarani
EI	F	Espanhol e guarani
EJ	F	Espanhol e guarani
EK	M	Espanhol e guarani
EL	M	Espanhol e guarani
EM	F	Espanhol e guarani
EO	F	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Descendo um pouco no quadro etário temos que 25% afirmaram ter aprendido a ler e escrever apenas em espanhol, contra 75% que aprenderam a ler e escrever em ambas as línguas. Dito de outra forma: 100% dos informantes possuem habilidade com a leitura e escrita em língua espanhola, mas há quem afirme não saber ler nem escrever em guarani.

A língua espanhola ocupa as funções mais altas da sociedade, ela está nos sistemas escritos do poder judiciário, nos sistemas de educação e na literatura. Essa situação de diglossia faz com que as famílias da área rural tenham uma inclinação maior pelo modelo de educação que contemple o espanhol, segundo a coordenadora do MEC, e isso está demonstrado nesse quadro.

Um detalhe que merece ser destacado é o fato de não só as famílias terem esta inclinação pela alfabetização dos filhos em língua espanhola, como também a maioria dos professores prefere alfabetizar em espanhol que em guarani. Segundo os estudos de Pic-Gillard (2004) e os de Gómez (2009), um dos grandes enfrentamentos sofridos pela alfabetização em guarani é a falta de materiais didáticos que favoreçam a língua aborígene, o que mais uma vez favorece o espanhol neste âmbito das habilidades de leitura e escrita na área rural.

O censo de 2012 demonstra um aumento do acesso à língua espanhola, sem acarretar numa diminuição do guarani, porém a não entrada do guarani em espaços que antes só eram ocupados pelo espanhol não favorece, ou favorece a passos lentos, a uma das metas do atual plano bilíngue que é de diminuir o quadro diglósico do país.

Estes são alguns pensamentos dos falantes sobre a língua guarani quando indagados sobre a língua em que aprenderam a ler e escrever:

- **EA:** En castellano. Escribir en guaraní es muy difícil.
- **EJ:** Yo sé leer en guaraní. Y si tengo que escribir lo voy a hacer, pero lentamente. Hay palabras que se escriben de otra forma.
- **EK:** Las dos. De hecho, que en la facultad te exigen más el idioma guaraní en la carrera que yo estudio – medicina veterinaria. Porque en el campo más la

gente habla en guaraní y yo tengo que entenderle al dueño para poder llegar al animal. Porque el animal no me puede decir “ay, me duele mi oído”. Tengo que entenderle perfectamente al dueño.

Quadro 40 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?.

GRUPO A – I: 4 informantes		
50 anos ou mais		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E1	F	Espanhol e guarani
E6	M	Espanhol
E12	F	Espanhol
E16	M	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Percebe-se aqui que 25% dos informantes mostraram habilidade com a língua guarani e 100% com a língua espanhola. Vale lembrar que o informante **E1** aprendeu guarani sistematicamente na fase adulta e trabalha com o ensino de língua guarani.

Quadro 41 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?.

GRUPO A – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E2	F	Espanhol e guarani
E3	F	Espanhol e guarani
E5	F	Espanhol e guarani
E17	M	Espanhol e guarani
E18	M	Espanhol e guarani
E19	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Quadro 42 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?.

GRUPO A – III: 9 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E4	M	Espanhol e guarani
E7	M	Espanhol e guarani
E8	F	Espanhol

E9	F	Espanhol e guarani
E10	M	Espanhol e guarani
E11	F	Espanhol
E13	F	Espanhol e guarani
E14	M	Espanhol e guarani
E15	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

No grupo dos adultos, 100% deles afirmaram que leem e escrevem bem em espanhol e em guarani. Quando observamos o grupo dos mais jovens, o guarani vai perdendo um pouco de espaço: 100% dos jovens consideram que leem e escrevem bem em espanhol e, mesmo todos eles tendo aprendido a ler e escrever nos dois idiomas, somente 77,7% disseram que possuíam boas habilidades de leitura e escrita também em guarani.

Quadro 43 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?.

GRUPO B – I: 4 informantes		
50 ANOS OU MAIS		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EE	F	-
EF	F	Espanhol
EG	M	Espanhol
ER	M	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Quadro 44 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?.

GRUPO B – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EB	F	Espanhol
EC	M	Espanhol
ED	F	Espanhol
EM	F	Espanhol e guarani
EP	M	Espanhol
EQ	F	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Quadro 45 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?

GRUPO B – III: 8 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EA	F	Espanhol
EH	F	Espanhol
EI	F	Espanhol e guarani
EJ	F	Espanhol e guarani
EK	M	Espanhol e guarani
EL	M	Espanhol e gurani
EM	F	Espanhol e guarani
EO	F	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Na área rural, o espaço do guarani, em relação às habilidades de leitura e escrita, vai no sentido oposto às habilidades de fala. Entre os adultos, 100% consideram que leem e escrevem bem espanhol contra 16,6% que consideram que além de espanhol também maneja bem as habilidades de leitura e escrita em guarani.

Quando observamos os mais jovens, verificamos que a língua guarani ganha mais espaço. Entre jovens, 100% garantem que leem e escrevem bem em espanhol e 62,5% garantem que o fazem bem também em guarani.

No grupo B-III todos comentaram sobre a dificuldade que é escrever em guarani e, embora eles estudem a língua na escola, eles consideram que sua escrita é muito difícil, como observamos nestes trechos da entrevista:

- **E15:** Es difícil, pero cuando crecés con la familia y hablás mucho en la familia... A mí, por ejemplo, siempre se me dio bien el guaraní. Mis abuelos y mis abuelas... crecí oyéndoles. Puedo entablar una conversación sólo en guaraní.
- **EA:** Castellano. El guaraní es muy difícil de leer y escribir.
- **EN:** Castellano. El guaraní es muy difícil de escribir.

Quadro 46 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?.

GRUPO A – I: 4 informantes		
50 anos ou mais		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E1	F	Espanhol e guarani

E6	M	Espanhol e guarani
E12	F	Espanhol
E16	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

A abordagem se dá de maneira indistinta: os informantes dizem que ora usam o espanhol, ora usam o guarani - 75% deles – e 25% da população investigada de mais velhos usam só o espanhol. Mais abaixo apresentamos alguns comentários feitos:

- **E1:** “Miramos principalmente dos cosas: el lugar donde vamos a preguntar y la presentación de la persona. Hay veces que la apariencia de la persona denota de que viene del campo, entonces más fácil hablar en guaraní. Entonces... pero, llegamos a un punto de la ciudad en que nos damos cuenta por su vestimenta es una persona que va a una oficina, nos dirigimos en español. Los limpiadores que están... los limpiaparabrisas o los vendedores de algo en la calle, nosotros nos dirigimos a ellos, seguro, en guaraní... y ellos contestan en español.

ENTREVISTADOR: Ah, ¿sí? ¿Ustedes se dirigen a ellos en guaraní y ellos contestan en español?

E1: Sí, sí. Porque ellos quieren hablar el español justamente porque vienen de una raíz humilde, de una familia humilde... entonces ellos precisan hablar el español... se comunican...

ENTREVISTADOR: ¿Como para firmarse?

E1: Exacto. Como para decirse “yo también soy de la ciudad, yo también estoy en la ciudad”. Porque el español les va a otorgar un cierto estatus.

- **E6:** Si le vas a retar, a veces le retás en guaraní. Entrás a tu móvil y “salí de ahí”, es más directo en guaraní muy pocos son los que van a decir “salí de ahí”, la juventud no, puede ser que diga. Espontáneamente el guaraní puede ser que salga más rápido para eso en las calles.

ENTREVISTADOR: Y si es para preguntar la dirección o la hora...

E6: Es más en español. A no ser que sea una persona que notamos que ya es de edad ahí sí le decimos en guaraní, eso sí tenemos nosotros, nos avivamos que somos bilingües. Ya sabemos, más o menos, quien nos va a hablar en guaraní o español, ¿verdad? Porque una persona que está en el mercado que vende yuyo, es guaraní, por

supuesto. Esa es la idiosincrasia paraguaya. Ahí está el zumo de la idiosincrasia paraguaya.

ENTREVISTADOR: ¿No hay eso de ser porque la persona va vestida de tal forma?

- E6: Generalmente sí. Uno se da cuenta por la forma de vestirse, por el estilo. Si es una persona así como vos, no le voy a hablar en guaraní. Pero si es un muchachito así de la calle, un vendedor ambulante, entonces en guaraní le puedo hablar... no hay problema en eso. Uno acá ya somos un poco psicólogos los paraguayos. Pero igual si viene una persona bien vestida y nos habla en guaraní, sí le hablamos en guaraní, no hay problema. No hay barreras.

- E12: Abordo en español. En español. Porque no sé si es paraguayo o extranjero ¿viste?

ENTREVISTADOR: ¿Y si son sólo paraguayos?

E12: También les hablo en español.

Podemos ver que os paraguaios de idade mais avançada têm em mente um estereótipo sobre quem fala guarani. Pelas respostas podemos ver que muitos deles outorgam ao falante da língua indígena características menos prestigiosas, o que demonstra uma atitude negativa em relação à língua na cidade.

Quadro 47 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?

GRUPO A – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E2	F	Espanhol e guarani
E3	F	Espanhol e guarani
E5	F	Espanhol e guarani
E17	M	Espanhol
E18	M	Espanhol
E19	M	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

No quadro dos adultos, 50% afirmaram falar em espanhol e guarani e outros 50% só em espanhol. Mais uma vez o espanhol é mencionado em 100% das respostas, contra 50% de

menções ao guarani. Um fato curioso é que todas as mulheres dessa classe de informantes disseram usar os dois idiomas indistintamente e também estereotipam os falantes de cada idioma como percebemos nos excertos de seus comentários abaixo:

- **E3:** ¡En español! Dependiendo, por ejemplo: si fuera una persona joven le iba a decir “Joven, ¿qué hora tiene?”. Si es una persona adulta, le voy a decir: “Mba’e hora eguereko, Don? Karai o kuña karai (¿Qué hora es, señor? Señor o señora)”.
- **E5:** Depende de dónde estamos y de la persona a quien le voy a hablar. Con las personas que son de más edad es con quien se puede hablar más en guaraní. Ahora si son así jóvenes ya hablamos más en castellano.

Quadro 48 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?.

GRUPO A – III: 9 informantes		
15 a 25 años		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E4	M	Espanhol
E7	M	Espanhol e guarani
E8	F	Espanhol
E9	F	Espanhol e guarani
E10	M	Espanhol e guarani
E11	F	Espanhol
E13	F	Espanhol
E14	M	Espanhol
E15	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

No grupo dos mais jovens, o espanhol aparece em 100% das respostas, enquanto que o guarani aparece em 44,5%. Os falantes desse grupo também não deixaram de manifestar suas opiniões acerca de como eles escolhem um ao outro idioma na hora de abordar alguém na rua, ou seja, de estereotipar a língua e, conseqüentemente, o grupo social que dela se faz uso:

- **E4:** De repente si... si uno tiene conocido sí ¿verdad? se puede hablar así como charla del momento “nde tavy eterei” (no sabés nada). O para decir que “sos tonto” o “sos feo”. Cosas así, de repente para degradar a las personas. Pero, como te dije, el tono guaraní es un poquito más agudo que el español. El español, en cambio, es más suave.
- **E7:** En mi caso depende de la persona y depende del lugar. Si estoy en el mercado, por ejemplo, voy a hablar en guaraní porque normalmente la mayoría de las personas

hablan mucho en guaraní. De repente en la ciudad, o que sé yo, hablo en español o pregunto y si me responden en guaraní hablo en guaraní o cosas así. Depende...tipo...Es más por el sitio. De repente por la ciudad es más fácil hablar en español y en lugares como en el mercado, la chacarita o en el campo normalmente la gente habla más guaraní.

- **E8:** Yo uso español, pero si me doy cuenta que la persona habla guaraní...o sea, bien o mal por la forma de vestir, o por lo que esté haciendo, porque se escucha que habla, por ejemplo, por teléfono en guaraní, entonces yo, personalmente, buscaría a otra persona porque no sé hablar guaraní.
- **E10:** Depende de la persona. Todo es una cuestión cultural: el guaraní fue un idioma que se le oprimió mucho, se le trató como de gente baja, ¿enetendés? Se le persiguió mucho... En la escuela mismo se dice que el país es uno de los pocos que tenemos dos idiomas y se cultiva más por esa parte para que la gente no haga de menos el idioma que es nuestro.
- **E11:** En caso que se me acercaron personas que sólo hablaban guaraní y yo no sabía entonces yo solo decía 'no' y la persona se daba cuenta entonces de que yo no hablaba guaraní y buscó a otra persona que sí habla.
- **E14:** Depende de la persona: si te responde en español, sigue hablando en español, pero si es en guaraní ya ves que es el idioma que está más acostumbrado a hablar y tenés que hablar en guaraní.
- **E15:** ¡Claro! De repente... ¡qué sé yo! Algún trabajador de la calle, alguien que está vendiendo algo por la calle, por el aspecto vos te das cuenta que generalmente habla más el guaraní. Cuando iniciás la conversación y te responde en guaraní, entonces seguís hablando en guaraní.

Quadro 49 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?.

GRUPO B – I: 4 informantes		
50 ANOS OU MAIS		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EE	F	Guarani
EF	F	Espanhol e guarani
EG	M	Espanhol e guarani
ER	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Quadro 50 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?.

GRUPO B – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EB	F	Espanhol e guarani
EC	M	Espanhol e guarani
ED	F	Espanhol e guarani
EM	F	Espanhol e guarani
EP	M	Espanhol e guarani
EQ	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Os quadros 49 e 50 demonstram que 100% dos informantes usam o guarani em situações como as da pergunta feita. Na zona de Villa Hayes, o guarani é bem mais usado nas situações familiares, o que faz com que os falantes não revelem nenhuma tendência em marcar negativamente essa língua. No quadro 49 – dos mais velhos - percebemos que o espanhol só foi citado por 75% dos informantes. Na região de Assunção, em nenhum momento o guarani ultrapassou o espanhol, como podemos ver no quadro 49. O comentário principal, sobre a questão do uso, foi que eles usam o idioma que o interlocutor usar, sem levar em conta a região ou o aspecto pessoal como o fazem os assuncenos.

Quadro 51 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: Al abordar un desconocido en la calle ¿elige usted un idioma de preferencia o el idioma elegido depende de la situación?.

GRUPO B – III: 8 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EA	F	Espanhol e guarani
EH	F	Espanhol e guarani
EI	F	Espanhol e guarani
EJ	F	Espanhol e guarani
EK	M	Espanhol e guarani
EL	M	Espanhol e guarani
EM	F	Espanhol
EO	F	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Ao demonstrar o idioma que preferem usar na abordagem a um desconhecido, o falante se utiliza de um julgamento prévio, ao relacionar o interlocutor e sua língua, ou então manifesta a sua própria preferência por uma das línguas.

No grupo B-III, os entrevistados foram recorrentes na afirmação de que se alguém falar em espanhol, eles respondem em espanhol, mas se um indivíduo falar em guarani, eles respondem ‘misturando’ as duas línguas porque consideram difícil falar tudo em guarani. 100% dos informantes mencionaram o espanhol e 75% dos informantes mencionaram o guarani, porém junto com o espanhol.

Quadro 52 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.

GRUPO A – I: 4 informantes		
50 anos ou mais		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E1	F	Espanhol
E6	M	Espanhol e guarani
E12	F	Espanhol e guarani
E16	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Aqui encontramos 100% de menções ao espanhol contra 75% de menções ao guarani, revelando que entre os mais velhos de Assunção os dois idiomas são bem vistos na hora de ‘paquerar’.

Quadro 53 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.

GRUPO A – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E2	F	Espanhol e guarani
E3	F	Espanhol
E5	F	Espanhol
E17	M	Espanhol
E18	M	Espanhol
E19	M	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Quando a idade vai diminuindo, a diferença em Assunção é bem marcada. Entre os adultos temos 100% de menções à língua espanhola contra 16.6% de menções à língua guarani.

Quadro 54 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.

GRUPO A – III: 9 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E4	M	Espanhol
E7	M	Espanhol
E8	F	Espanhol
E9	F	Espanhol e guarani
E10	M	Espanhol e guarani
E11	F	Espanhol
E13	F	Espanhol
E14	M	Espanhol
E15	F	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Entre os mais jovens de Assunção o quadro é parecido com o dos adultos, pois o espanhol é mencionado pela maioria, com 22,2% dos informantes mencionando o guarani e 100% mencionando o espanhol.

Quadro 55 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.

GRUPO B – I: 4 informantes		
50 ANOS OU MAIS		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EE	F	Guarani
EF	F	Espanhol e guarani
EG	M	Espanhol e guarani
ER	M	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Comparando os mais de velhos de Assunção com os de Villa Hayes vamos perceber que os dois idiomas são usados de forma parecida, porém enquanto na tabela 52, relativa aos mais velhos de Assunção, o espanhol apareceu em 100% das menções contra 75% de menções ao guarani, aqui vemos o contrário: 100% de menções ao guarani contra 75%

demenções ao espanhol. Isso nos mostra que o espaço do guarani na zona de Villa Hayes, entre os mais velhos, é sempre mais dominante que o espanhol.

Quadro 56 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.

GRUPO B – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EB	F	Espanhol e guarani
EC	M	Espanhol e guarani
ED	F	Espanhol e guarani
EM	F	Espanhol e guarani
EP	M	Espanhol e guarani
EQ	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

O quadro dos adultos de Villa Hayes mostra que as duas línguas são conscientemente usadas em igual medida, sem que haja uma atitude negativa de uso contra qualquer uma delas: 100% de menções ao espanhol e 100% de menções ao guarani.

Quadro 57 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Cuál el idioma de preferencia para levantar?.

GRUPO B – III: 8 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EA	F	Espanhol e guarani
EH	F	Espanhol e guarani
EI	F	Espanhol e guarani
EJ	F	Espanhol e guarani
EK	M	Espanhol e guarani
EL	M	Espanhol e guarani
EM	F	Espanhol
EO	F	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

O idioma usado para paquerar demonstra uma atitude baseada no estereótipo que se faz em relação à beleza atribuída ao idioma. Por se tratar de uma das situações sociais em que se dividem as funções atribuídas às línguas, podemos inferir que contribui para a situação de diglossia que está presente na atitude desses informantes que, de maneira consciente, propiciam a seguinte situação: a língua de menor prestígio social não é bem vinda em

situações formais, em que duas pessoas sem intimidade estão conversando (a paquera); isto entre os adultos e jovens de Assunção, como comprovamos com os excertos de alguns informantes destacados a seguir.

Fernández (2005) comenta que uma das bases que sustentam as atitudes linguísticas é a consciência linguística, ou seja, os falantes têm consciência das situações sociolinguísticas que rodeiam determinada variedade ou mesmo determinada língua.

Giles (1979) em uma de suas hipóteses sobre a atitude linguística sustenta que uma variedade de uma língua é julgada como melhor ou com atitudes mais positivas quando os falantes daquelas variedades são socialmente mais prestigiados dentro daquela comunidade de fala.

Este quadro teórico fica demonstrado nesta parte da análise onde a diferença entre as duas regiões é bem marcada: a preferência pelo espanhol está entre adultos e mais jovens de Assunção e o uso indistinto de ambos os idiomas se dá entre a população de Villa Hayes.

Retiramos, para comprovação desse ponto, alguns excertos de alguns informantes:

- **E3:** Sí. Me tocó una oportunidad... siempre fui así más de hablar español. Y tanto así que tuve una oportunidad de conocer a una persona, pero él también venía del interior. Y él al tratar conmigo se refería en guaraní, entonces me parecía chocante allí. No me agradaba, o sea, no me iba a conquistar así (risas). Entonces... no... yo creo que es una cuestión de costumbre también. De repente si no estás acostumbrado, a lo mejor no. Y yo no estaba acostumbrada que un hombre me hablara en guaraní. Con mi marido sí hablamos, bromeamos, así...decimos cosas en guaraní. Pero no es un idioma que nos acostumbramos a usar.
- **E4:** Solamente el español. Porque como te dije el guaraní es muy chocante y por eso la mayoría de las personas no quieren hablar tanto...por costumbre...porque así fue su formación ética...o esas cosas. Como te dije el guaraní normalmente se utiliza más para los insultos. Normalmente el caso de algunas personas que son del interior si, utilizan mucho el guaraní como medio de comunicación.
- **E5:** En castellano siempre. Cuando ya vivís con él algunos años ahí sí, empezamos con las discusiones en guaraní. Es que duele más cuando te enchufan un guaraní en el medio de la discusión. Es más chocante en guaraní. Suena más fuerte cuando de repente estás enojado y querés hacerle sentir mal a la otra persona y quiere ofenderle con más fuerza.

- **E6:** Entre los varones acá para la parte popular es el guaraní para decir un piropo a la mujer, por ejemplo, que es más fácil. Pero, cuando pasa una extranjera – alemana o francesa, por ejemplo - igual, nomás, entre ellos dicen: “*que iporã ko kuña*” “*¡Qué linda mujer!*” dicen. “Iporã” es lindo. ¡Adiós! o tal cosa en guaraní. Eso en el sector popular, digamos. Pero en el sentido ya de los jóvenes ahora sí ya dicen en español los piropos a las mujeres no hacen ya en guaraní. Pero ahora la gente... los jóvenes... llegó el momento que quieren hablar guaraní. Antes no. Ahora sí quieren hablar guaraní. Porque se viajan y si les preguntan y es un asco que no sepan el idioma ¿verdad? Y a parte que hay enseñanza en los colegios, entonces le dan más chance allá: cursos de guaraní, concursos en guaraní, de canto, de música. Entonces más les conviene a los jóvenes conocer el idioma. ¿Les cuesta? ¡Les cuesta!
- **E15:** El castellano. Siempre.
- **EO:** En español. Pero, ellos hablan más guaraní porque son hombres.

Como podemos notar, a língua guarani fica reservada para algumas funções mais íntimas, não sendo bem vista por alguns paraguaios da cidade de Assunção como língua para se usar em momentos mais formais como quando duas pessoas estão se conhecendo.

O único comentário sobre a inadequação do guarani nesta situação de paquera dentro da comunidade de Villa Hayes saiu da informante EO que acredita que só os homens podem usar o guarani. Mas o fator sexo/gênero não interferiu nas respostas dos informantes, pois como vimos no quadro de jovens de Villa Hayes, homens e mulheres mencionaram que usam o espanhol e o guarani na hora de ‘paquerar’.

As línguas, como sabemos, são capazes de transmitir significados sociais e também valores sentimentais. As atitudes linguísticas têm a ver tanto com a língua em si quanto com a identidade dos grupos que falam esta língua. A identidade se manifesta nas atitudes que os usuários têm sobre esta língua e seus falantes (FERNÁNDEZ, 2005). Isto será analisado na pergunta que se segue, que acreditamos ser uma das perguntas mais importantes deste estudo, pois tem a ver com a identificação dos falantes com um de seus idiomas oficiais.

Quadro 58 - Respostas do Grupo A- I para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?

GRUPO A – I: 4 informantes		
50 anos ou mais		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E1	F	Espanhol e guarani
E6	M	Espanhol e guarani

E12	F	Guarani
E16	M	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

No quadro dos mais velhos de Assunção: 100% valorizam o guarani e 50% valorizam o espanhol e o guarani juntos. Como vimos, a identidade se manifesta no indivíduo a partir da atitude que ele tem sobre a língua.

Quadro 59 - Respostas do Grupo A- II para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?.

GRUPO A – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E2	F	Espanhol e guarani
E3	F	Espanhol e guarani
E5	F	Espanhol e guarani
E17	M	Espanhol e guarani
E18	M	Espanhol
E19	M	Espanhol

Fonte: Dados da própria pesquisa.

No grupo dos adultos, 33,3% deles se identificam apenas com o espanhol, enquanto que 66,7% se identificam tanto com o espanhol quanto com o guarani.

Quadro 60 - Respostas do Grupo A- III para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?.

GRUPO A – III: 9 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
E4	M	Espanhol e guarani
E7	M	Espanhol e guarani
E8	F	Espanhol e guarani
E9	F	Espanhol e guarani
E10	M	Espanhol e guarani
E11	F	Espanhol e guarani
E13	F	Espanhol e guarani
E14	M	Espanhol
E15	F	Espanhol e guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

No grupo dos jovens, o espanhol aparece com apenas um informante comentando que se identifica apenas com o espanhol, enquanto os demais respondem que se identificam tanto

com o espanhol quanto com o guarani. Em proporções temos que 11,1% dos informantes mencionam apenas o espanhol e os outros 88,9% se sentem identificados com as duas línguas oficiais do Paraguai. Analisando sob a ótica das menções temos que 100% dos informantes se identificam com o espanhol e 88,9% se identificam com o guarani.

Quadro 61 - Respostas do Grupo B - I para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?.

GRUPO B – I: 4 informantes		
50 ANOS OU MAIS		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EE	F	Guarani
EF	F	Espanhol e guarani
EG	M	Guarani
ER	M	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Como já vimos percebendo, o guarani tem mais espaço na zona de Villa Hayes. No grupo dos mais velhos, 75% mencionam que se identificam somente com o guarani e 25% com o espanhol e o guarani. Em menções 100% dos informantes mencionam o guarani e apenas 25% mencionam o espanhol.

Quadro 62 - Respostas do Grupo B - II para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?.

GRUPO B – II: 6 informantes		
26 a 49 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EB	F	Espanhol e guarani
EC	M	Espanhol e guarani
ED	F	Guarani
EM	F	Espanhol e guarani
EP	M	Guarani
EQ	F	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

No grupo dos adultos de Villa Hayes: 50% mencionam apenas guarani e 50% mencionam o espanhol e guarani juntos. Em menções temos 100% mencionando o guarani e 50% mencionando o espanhol.

Quadro 63 - Respostas do Grupo B - III para a pergunta: ¿Valora usted un idioma más que otro?

GRUPO B – III: 8 informantes		
15 a 25 anos		
ENTREVISTADO	SEXO – GÊNERO	RESPOSTAS
EA	F	Guarani
EH	F	Guarani
EI	F	Guarani
EJ	F	Espanhol e guarani
EK	M	Guarani
EL	M	Guarani
EM	F	Guarani
EO	F	Guarani

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Entre os mais jovens, a língua guarani também ganha espaço no que se refere à língua com a qual eles se identificam mais: temos 12,5% dos informantes mencionando espanhol e guarani juntos, contra 87,5% mencionando apenas o guarani. Dito de outra forma, 100% mencionam o guarani e apenas 12,5% mencionam o espanhol.

Retiramos alguns comentários que consideramos pertinentes para a resposta que estamos analisando, pois mostram a diferença de opinião, principalmente, entre as zonas de Assunção e Villa Hayes:

- **E14:** Español. El que habla guaraní se le hace de menos, no sé por qué. Porque los campesinos son los que hablan guaraní, entonces al que habla guaraní ya se le cree que es campesino...ya es del interior. Cuando estamos entre amigos y queremos joder, sale en guaraní.
- **E15:** El castellano. Pero también hablo mucho el guaraní. Mi familia también usa mucho el guaraní.
- **E16:** El guaraní. Es más pronto. Ya se entiende.
- **E17:** Es una pregunta muy relativa. El español porque es el idioma que más hablamos y el guaraní porque es nuestra cultura.
- **E18:** Nuestra lengua natal, natal es el español.
- **EH:** Si vamos a dar más valor, tenemos que dar al guaraní, porque es nuestro idioma.
- **EK:** Me siento más identificado con el guaraní.
- **EL:** El guaraní da gusto hablar y el castellano no da gusto así.
- **EN:** El guaraní. El guaraní es más de Paraguay, porque la lengua española vino de otro país. Em cambio, el guaraní surgió acá.

Os informantes de Villa Hayes, todos, mostram uma atitude afetiva positiva em relação à língua indígena, enquanto que os assuncenos dividem suas opiniões sobre este assunto, porém sem mostrar uma atitude de puro rechaço ao guaraní. O informante **E14** que diz achar que o guaraní é língua das pessoas do campo, ainda assim assume falar o guaraní em situações de brincadeira com os amigos, ou seja, em situações divertidas com pessoas com as quais tem mais intimidade.

Duas perguntas que vamos analisar abaixo permitiam comentários e respostas abertas dos informantes e iremos analisá-las em seguida.

A pergunta de número 19 do questionário semiestrurado indaga: ¿Hay alguna situación en la que trata usted de usar sólo uno de los idiomas de su país, o sea, una situación en la que trata de **no** mezclar los idiomas? ¿cuál es el idioma que usa usted en esa situación?

- **E2:** El castellano. También usábamos el guaraní, pero más el castellano. En la secundaria sí, usaba solo el castellano en atención a los compañeros extranjeros, para que no se cohíban, entonces siempre los maestros nos pedían para hablar sólo en castellano. A pesar de que teníamos como una materia más, entonces ellos también tenían que aprender guaraní.
- **E3:** En guaraní. Porque mis alumnos, o sea, con la gente que yo trato son así (*apuntó a la señorita que recién había salido de la sala*).

ENTREVISTADOR: ¿Del campo?

E3: No, no es que viene, sino que...es... ¿Cómo te voy a decir? Es como si fuera una relación de amiguismo usar el guaraní, ¿verdad? Un... una señal deconfianza. Porque si yo no tengo confianza con una persona no le voy a hablar en guaraní. Le hablo de una forma formal que sería en el idioma español. Pero cuando uno ya gana confianza entonces ya le mete el guaraní.

- **E4:** Español hablo más. Claro, de repente, tengo que hablar más español porque es el idioma adecuado para hablar. Nosotros somos un país bilingüe. Pero en cuanto empresas... ya sean minoristas, mayoristas o empresas tercerizadas, normalmente se utiliza el idioma español. Y no se puede mezclar el guaraní, porque el guaraní de hecho tiene un acento bastante agudo, digamos. Porque, de repente si yo te digo “hola”, te digo... y en guaraní dice “Mba’e teko piko” va a tener un acento bastante

¿verdad? Llamativo, vamos a decir así. Y normalmente en las empresas se utilizan más el español.

- **E5:** Entre nosotros sí, no mucho...pero...con la jefa no se utiliza mucho el idioma [se refiere al guaraní]. Es todo en castellano. Entre nosotras de repente sí...cuando hacemos broma y todo eso...o de repente cuando entra algún extranjero y queremos hablar algo y...[risas]...privado hablamos en guaraní. También depende de la situación. Con los jefes si estamos hablando sobre algo muy serio de trabajo no usamos el espanhol. Pero si estamos conversando así en el horario de almuerzo o si estamos conversando sobre algo de la vida, de repente sí ya hablamos (guaraní). Lo que pasa es que nosotros tenemos mucho el jopará. Seguro ya oíste hablar. Ese es nuestro idioma del día a día
- **E6:** Es indistinto porque yo sé el ambiente que tengo que hablar guaraní, por ejemplo. Acá entre las empleadas, con Ramonita... entre todas les puedo hablar. Pero si es una persona como público, lo que sea, entonces en castellano le hablo. Después si me hablan en guaraní sí, hablamos en guaraní. Pero queda un poquito...en español sigue siendo.
- **E7:** Normalmente para las entrevistas de trabajo sí o sí el español. A no ser que sea en el campo. Si es en la ciudad sí o sí en español.
- **E14:** Generalmente se mezcla los idiomas, o sea, el español se habla bien, pero hablar sólo guaraní no. Se mezcla porque como no sabemos decir todas las palabras en guaraní entonces, mezclamos español con las palabras que no sabemos decir en guaraní. Cuando hablamos con alguien del interior que saben hablar solo en guaraní. Como a usted, algunas palabras sé en portugués y otras no. Entonces procuro juntar para que me entiendas.
- **E15:** Generalmente cuando estoy en esta área (centro de Asunción) más el castellano, pero cuando estoy con la familia o con amigos el mezclado. Acá le decimos jopará. Cuando todo es muy nuevo siempre es el castellano, pero ya cuando estás entre amigos o bromeando, qué se yo, o cosas inespecíficas siempre sale el guaraní...el jopará. Pero siempre prioriza el castellano, no es así hablar en guaraní.
- **E16:** En mi casa, por ejemplo, hablamos todo en castellano...en español. Con mis hijos y mi señora es todo en español. Pero siempre así...sale broma en guaraní.

- **E17:** Cuando estoy en el hospital con los pacientes que solamente hablan en guaraní, les tengo que hablar en guaraní para que me entiendan mismo y otra para llegarles mejor a los pacientes, porque si vos les hablás en español ellos so portan reacios.
- **E18:** En eventos de trabajo no se puede hablar en guaraní porque hay gente de afuera que no maneja el guaraní.
- **ED:** Cuando estoy enojada, el guarani. Cuando se quiere insultar o decir algo dulce, prefieren usar el guaraní.
- **EF:** Del guaraní salen palabras dulces. Es una lengua muy dulce, pero no en todas las partes podemos usar.
- **EH:** Cuando queremos despistar o hacer bromas, usamos mucho el guaraní.
- **EJ:** Español en el ambiente laboral.
- **EP:** Sí. Depende mucho de la ocasión en donde estamos. Depende del grupo de personas en que nos vamos a...depende de la reunión. Acá, por ejemplo, cuando estoy con mi hijo y mi señora hablo los dos idiomas. Pero en otras reuniones con otra clase de gente hablo más en español. Para mí es un error porque no puede que el guaraní se quede en segundo plan ante el español. Parece que hay gente que no es paraguayo y prohíbe el guaraní en ciertos lugares. Les prohíbe a las criaturas de hablar guaraní. No prohibir, pero tratan de evitar.

Os informantes, dos quais não apresentamos excertos para analisar nesta pergunta, consideraram que não fazem distinção entre o espanhol e o guarani nas situações de seu cotidiano. Porém, eles reforçam que a língua mais usada é o espanhol e que o guarani aparece em expressões mais familiares de saudações, de comicidade e de ofensa.

Nesta parte da entrevista podemos observar que a maioria não mistura os dois idiomas em situações mais formais como, por exemplo, nos ambientes de trabalho ou em situações em que não se tinha muita familiaridade com quem se falava.

Percebemos que os paraguaios atribuem funções diferentes dentro da sua comunidade de fala para cada uma das línguas. Em alguns comentários percebemos que alguns informantes consideram não “poder usar” determinada língua em contextos mais formais. Para os contextos mais formais eles disseram usar a língua espanhola, enquanto que para situações de menos formalidade e inclusive de mais intimidade, a língua usada é o guarani.

Os indivíduos, em maior ou menor escala, afirmam possuir habilidades com os dois idiomas, o que revela uma sociedade bilíngue. Ao atribuir funções sociais a cada uma das

línguas oficiais, segundo Fishman (1979) (cf. conceitos trabalhados no item 3.9 deste estudo) estamos diante de uma sociedade diglósica, onde o espanhol é a língua (A) de maior prestígio e o guarani a língua (B) de menor prestígio.

A pergunta de número 21 do questionário semiestruturado indaga: ¿Hubo en su vida alguna situación en la que sufrió usted algún prejuicio por usar alguno de los idiomas en su país? ¿cuál fue el idioma foco del prejuicio?

- **E1:** Sí. Ocurre. Como acabo de decirte. Si uno va al shopping y está conversando con las amigas en guaraní, las otras personas se dan la vuelta y miran pensando que están las campesinas allí. Ese estigma se tiene. Y, sin embargo, hablar chic, elegante, pasamos desapercibidas. Pero cuando uno habla en guaraní las personas se dan la vuelta y buscan: “¿quién es la guaranga? ¿quién es la campesina?, ¿quién es la que viene del campo?”
- **E5:** La verdad que no. Por ahora inclusive en mi casa utilizo muchísimo más y les digo: “¡Ay qué guaranga me volví!” Porque antes yo no hablaba casi el guaraní o cuando yo intentaba hablar siempre se burlaban de mí porque yo hablaba muy mal el guaraní. Pero ahora que tengo más edad hablo muchísimo en guaraní. Me gusta más hablar en guaraní. En mi casa al menos todo es en guaraní.
- **E6:** No. Yo estudié teatro, por ejemplo, y ahí teníamos ya curso de guaraní para hacer teatro en Teatro Popular Paraguayo, entonces teníamos que hablar guaraní. No, no, no. No sufrí nada así porque sabíamos ubicarnos desde antes. Yo me iba a la iglesia y no hablábamos guaraní. Llegábamos a la escuela y no íbamos a hablar guaraní porque yo cuando chico, si decía guaraní lo que sea. En mi época ya...yo soy del cincuenta y seis, por ejemplo, yo nací. Y cuando me iba a la escuela ya era los sesenta y tanto y no se hablaba todavía en la escuela el guaraní. Se escuchaba y todo, hasta las profesoras hablaban, pero entre ellas. Pero en el curso todo era español/castellano. Hasta que se implementó la reforma educativa y ahí ya sí. Porque se declaró español y guaraní como idiomas oficiales. Porque antes solamente era el castellano el idioma oficial.
- **E7:** No. Ni aquí ni fuera. O sea, amo los idiomas de mi país. Amo el guaraní.
- **E10:** Hay más por guaraní, o sea, yo personalmente no. Pero hay acá más con guaraní porque generalmente en ciertas partes – escuela o universidad – diferentes tipos de personas se mezclan de diferentes lugares del país. Hay personas que suelen hablar más guaraní que el castellano y hay otras personas en Asunción zona urbana que

suelen hablar más castellano que guaraní. Y ahí de repente ocurre. Algo de prejuicio más hacia el guaraní que el castellano.

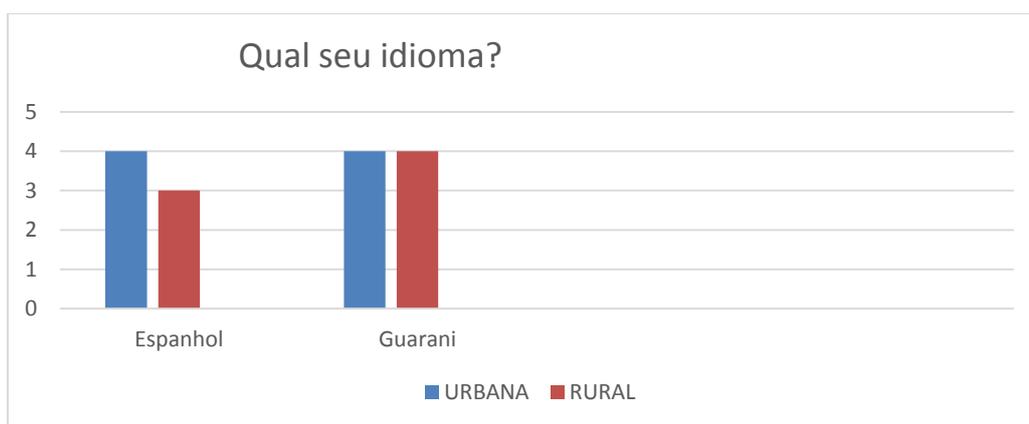
- **E13:** De los mayores sí, de los que hablan guaraní, normalmente sí. “¿Cómo no sabés la lengua de tu país?”, te dicen. Pero no es que no sepamos los jóvenes, nosotros entendemos. Es que nos cuesta más hablar porque todo lo que está a nuestro alrededor está más en español. Uno habla más lo que escucha.
- **EK:** Yo me crié con mis abuelos que eran brasileiros, entonces no tenía mucho roce. Entonces fui creciendo y fui entendiendo saludos básicos. Y fui creciendo más y me fui juntando con los jóvenes y ahí sí era guaraní cerrado y yo no entendía y me decían “¿Cómo no vas a saber hablar si sos paraguayo?”. Eso me exigió a hablar más y me gusta muchísimo. Me identifico más.

Os informantes não citados acima responderam que nunca passaram por tal situação de preconceito contra nenhum dos seus idiomas.

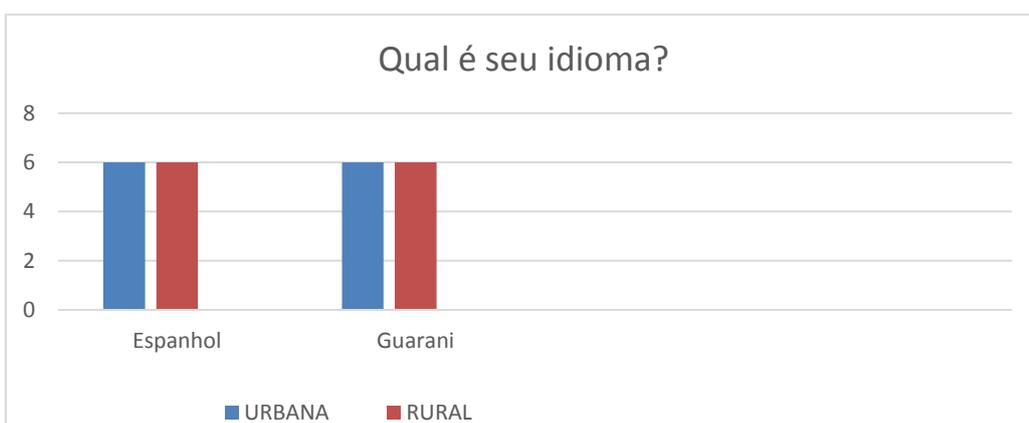
É interessante observar que o preconceito com a língua guarani se dá de duas formas: quando o informante usa em lugar “inadequado” e as pessoas que ouvem estereotipam esses falantes como pessoas do campo; e quando as pessoas não sabem falar o guarani, o que causa estranheza nos demais que dizem “como um paraguaio não sabe falar guarani?!”.

Vimos que de todos os 37 informantes – somando os de Assunção e Villa Hayes – somente 8% disseram valorizar mais somente o espanhol, ou seja, o guarani está presente em 92% das menções sobre as línguas que os paraguaios mais valorizam.

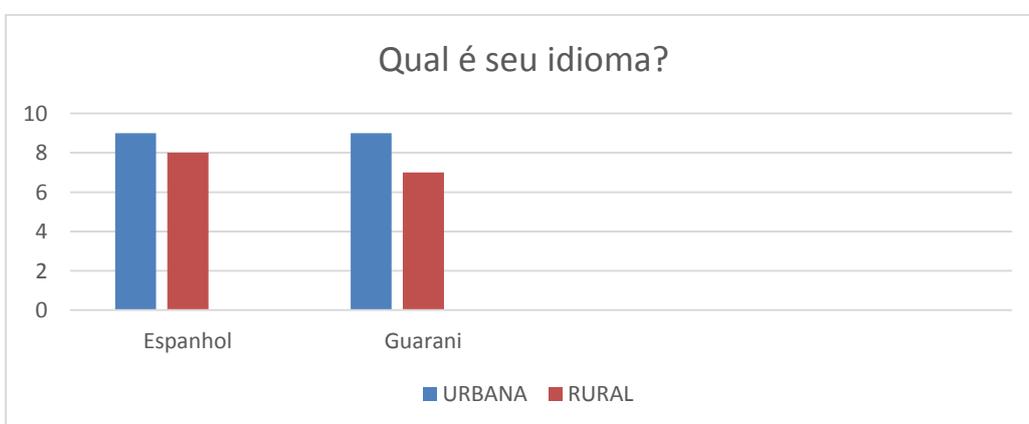
Os gráficos a seguir sintetizam o que foi analisado até agora, trazendo as menções feitas aos dois idiomas quando feitas as perguntas, o que não significa que mencionaram apenas uma ou outra. Como se poderá notar, pelo número total de falantes, há aqueles que mencionam as duas línguas em suas respostas. Esses gráficos têm a função de sustentar nossas conclusões sobre as atitudes linguísticas em questão, bem como de esclarecer a situação paraguaia com relação à diglossia e ao bilinguismo. Vale lembrar que os mesmos não incorrem em novas informações, apenas condensam tais informações e trazem uma alternativa visual para sustentar nossas considerações.

Gráfico 2 - Informantes com 50 anos ou mais.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 3 - Informantes de 26 a 49 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

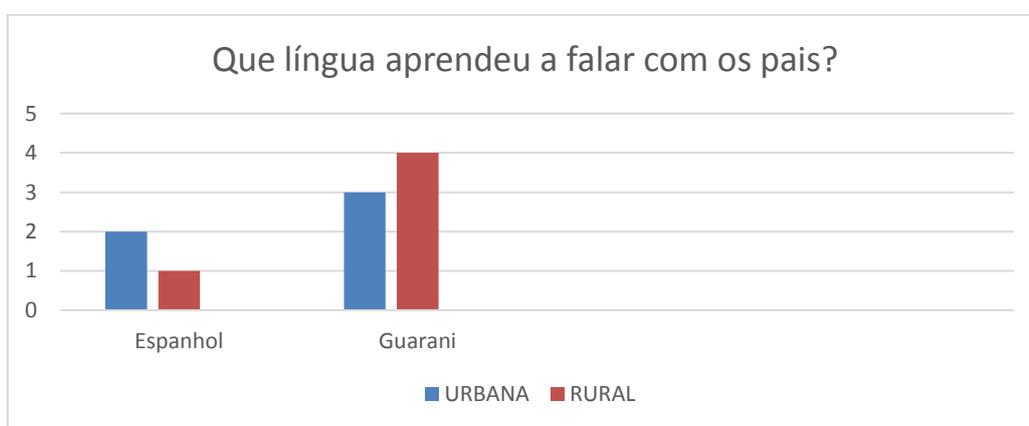
Gráfico 4 - Informantes de 15 a 25 anos

Fonte: Dados da própria pesquisa.

A variável sexo/gênero não interferiu nas respostas. Tanto na área urbana quanto na área rural os informantes demonstraram uma atitude positiva em relação às duas línguas, pois as mesmas foram mencionadas quase que igualmente demonstrando afetividade pelas duas línguas. Apenas 1 informante da área rural relatou que somente o espanhol era seu idioma.

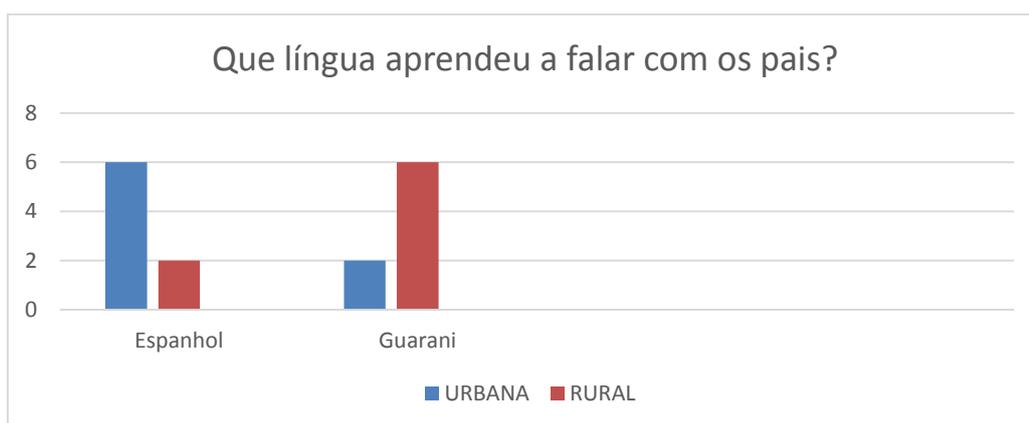
Aparentemente, então, o espanhol e o guarani desfrutaram dos mesmos espaços, o que corrobora as conclusões do estudo de Rubin (1974), que afirmou que todos os falantes estimam igualmente o espanhol e o guarani.

Gráfico 5 - Informantes de 50 anos ou mais.

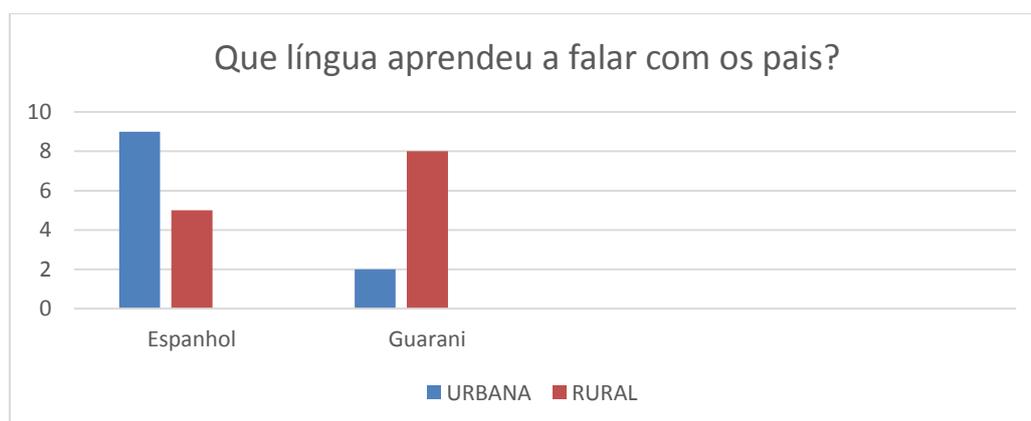


Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 6 - Informantes de 26 a 49 anos.



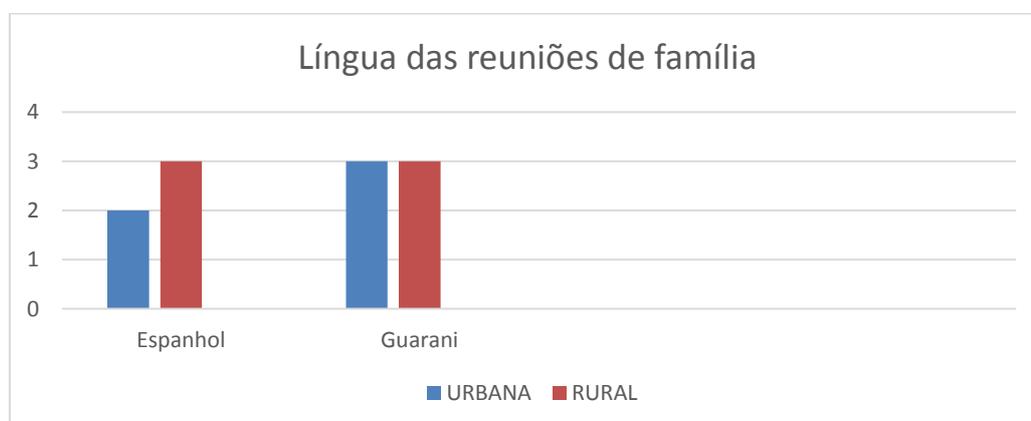
Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 7 - Informantes de 15 a 25 anos.

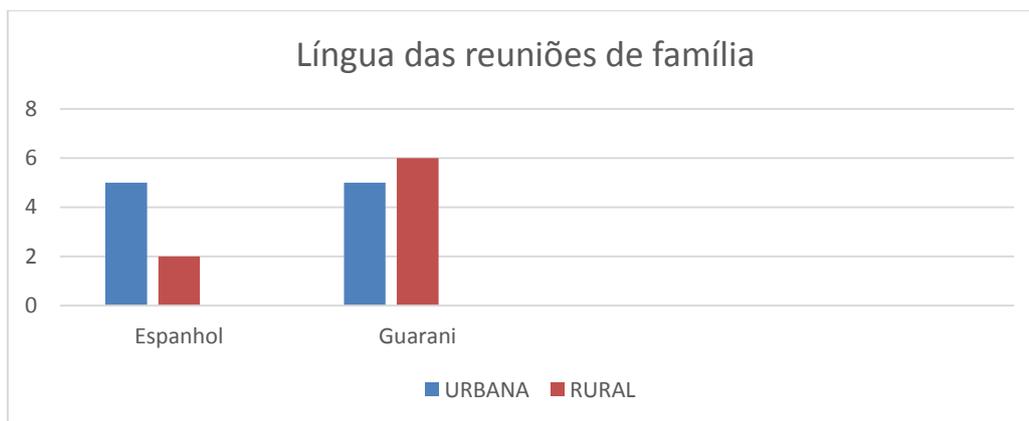
Fonte: Dados da própria pesquisa.

Os mais jovens da área rural tendem a ser mais bilíngues que os da área urbana, pois há um maior número de jovens da área rural que aprende as duas línguas simultaneamente. Na zona urbana os jovens estão aprendendo menos as duas línguas juntas; em outras palavras, eles estão aprendendo prioritariamente o espanhol. Os mais velhos da área urbana também são bilíngues maternos, com maior uso do guarani. Já na área rural, os mais velhos aprenderam com os pais mais o guarani e menos as duas simultaneamente, sendo que nenhum informante mais velho desta área tem só o espanhol como língua materna. Os adultos têm uma situação inversa nas áreas urbana e rural: em Assunção a língua materna é preferencialmente o espanhol, enquanto que em Villa Hayes a língua materna é preferencialmente o guarani.

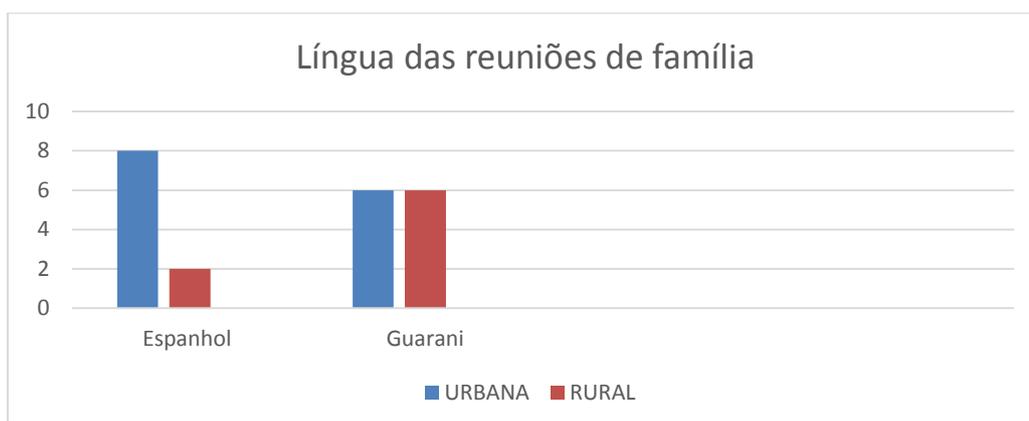
Sobre a língua das reuniões de família o quadro geral ficou assim:

Gráfico 8 - Informantes de 50 anos ou mais.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

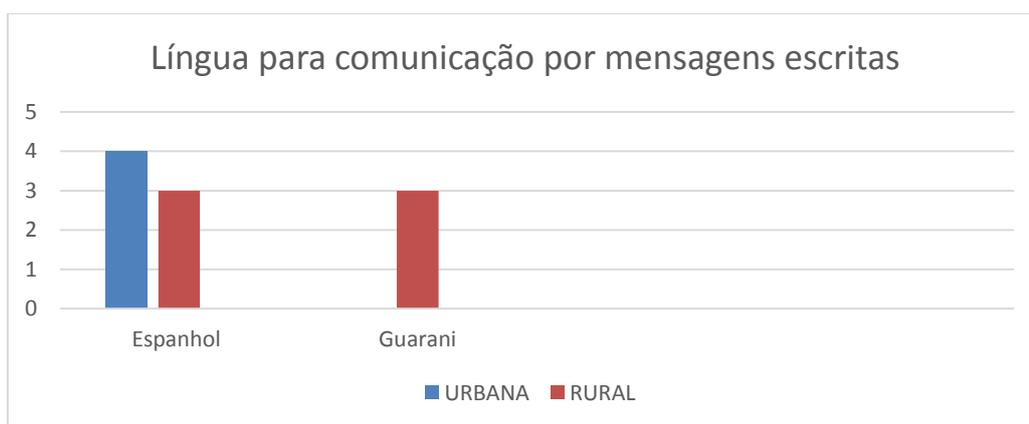
Gráfico 9 - Informantes de 26 a 49 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

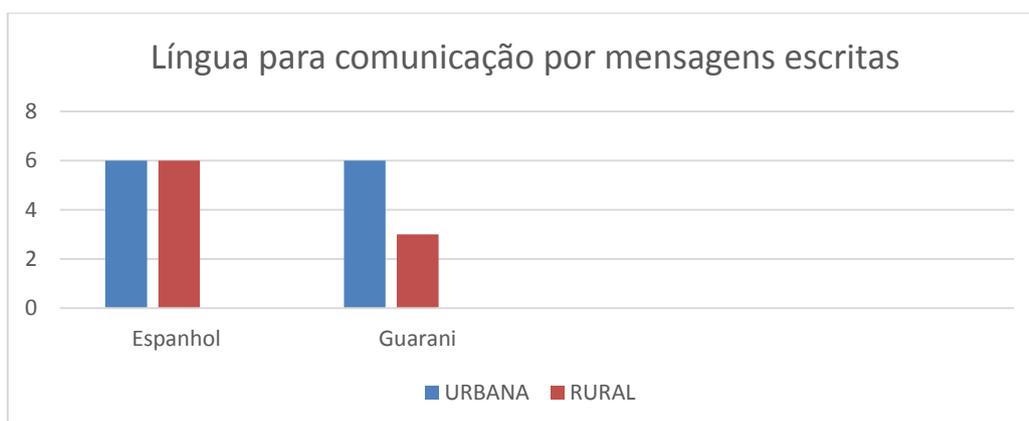
Gráfico 10 - Informantes de 15 a 25 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

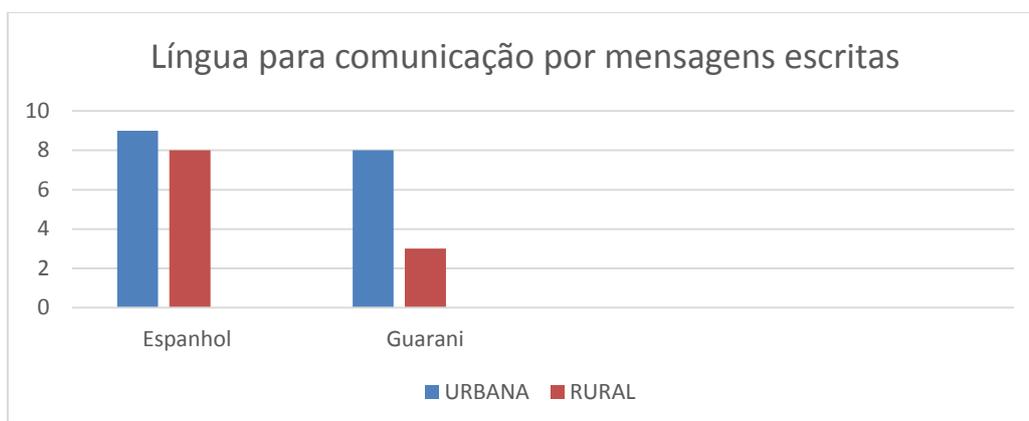
Entre mais velhos da área rural o espanhol e o guarani são usados em igual medida, enquanto na área urbana o guarani passa do espanhol como idioma das reuniões de família. Para os adultos da área rural, o guarani é predominante em relação ao espanhol, mas na área urbana as duas línguas ocupam o mesmo domínio. Para os mais jovens, o guarani é a língua predominante nas reuniões de família da área rural. Já na área urbana a língua que prevalece nas conversações de família, segundo os mais jovens, é a língua espanhola.

Gráfico 11 - Informantes com 50 anos ou mais.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 12 - Informantes de 26 a 49 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 13 - Informantes de 15 a 25 anos.

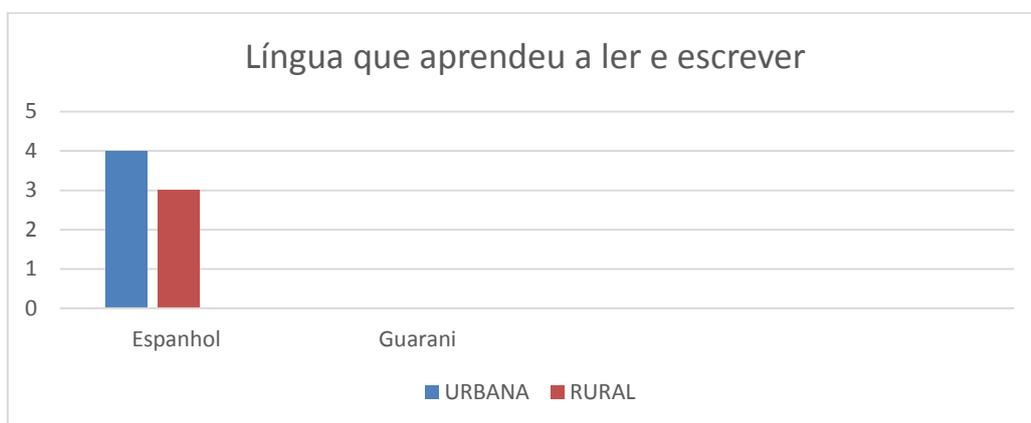
Fonte: Dados da própria pesquisa.

O guarani não tem espaço nas mensagens escritas entre os mais velhos na área urbana.

O espanhol e o guarani são usados na mesma proporção para mensagens escritas entre os adultos de área urbana. Já na área rural os adultos preferem usar o espanhol para troca de mensagens escritas.

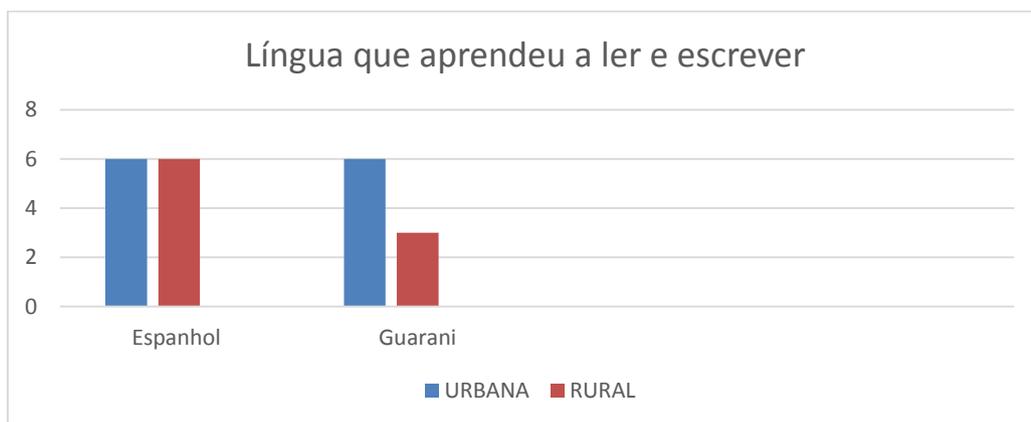
Entre os mais jovens o espanhol prevalece tanto na área urbana quanto na rural. O guarani é pouco usado para troca de mensagens escritas entre os mais jovens de área rural, já na área urbana o guarani ainda tem muito espaço no que se refere a mensagens escritas.

Gráfico 14 - Informantes de 50 anos ou mais.

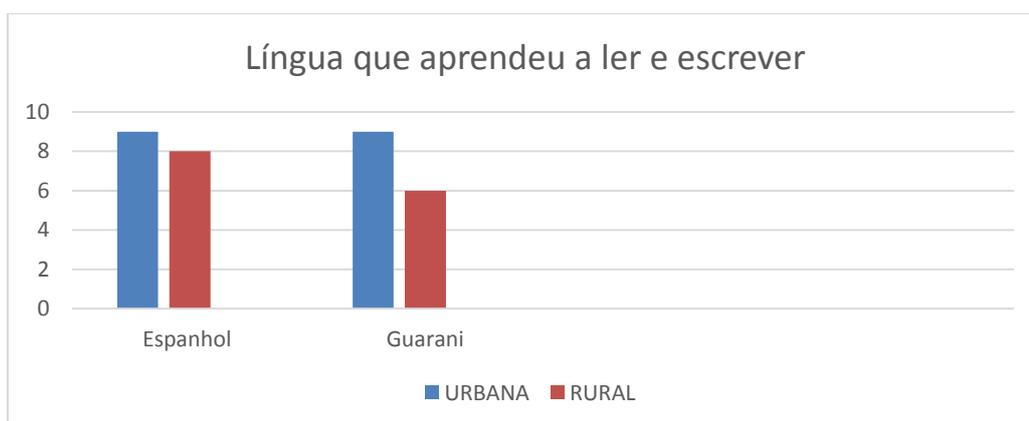


Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 15 - Informantes de 26 a 49 anos.



Fonte: Dados da própria pesquisa.

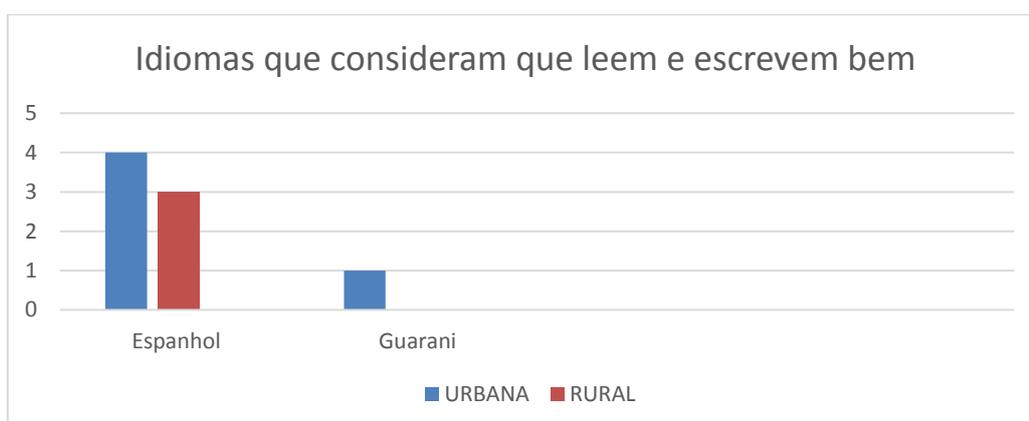
Gráfico 16 - Informantes de 15 a 25 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

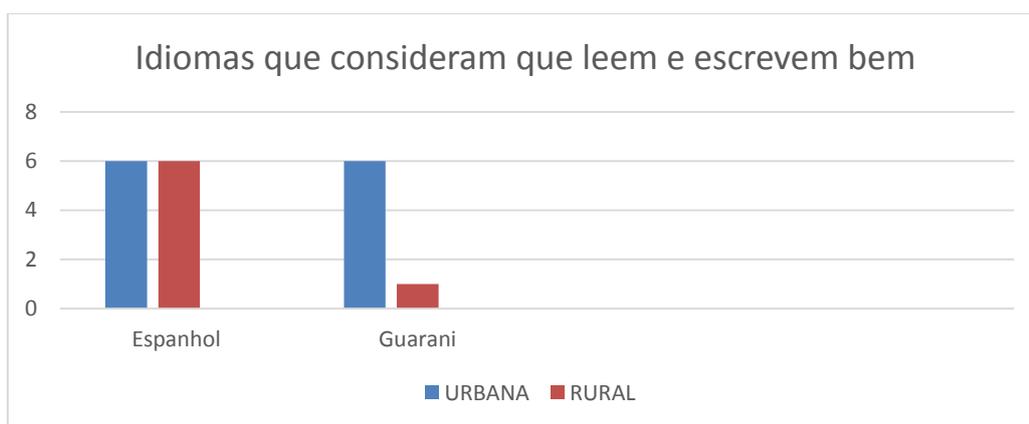
Entre os mais velhos todos só aprenderam a ler e escrever em espanhol, tanto na área urbana quanto na área rural.

O quadro muda totalmente entre os adultos, pois nas áreas urbana e rural todos aprenderam a ler e escrever tanto em espanhol quanto em guarani. Note-se, contudo, que na área rural a maior parte dos informantes adultos aprendeu a ler e escrever em espanhol, ficando o guarani em segunda posição.

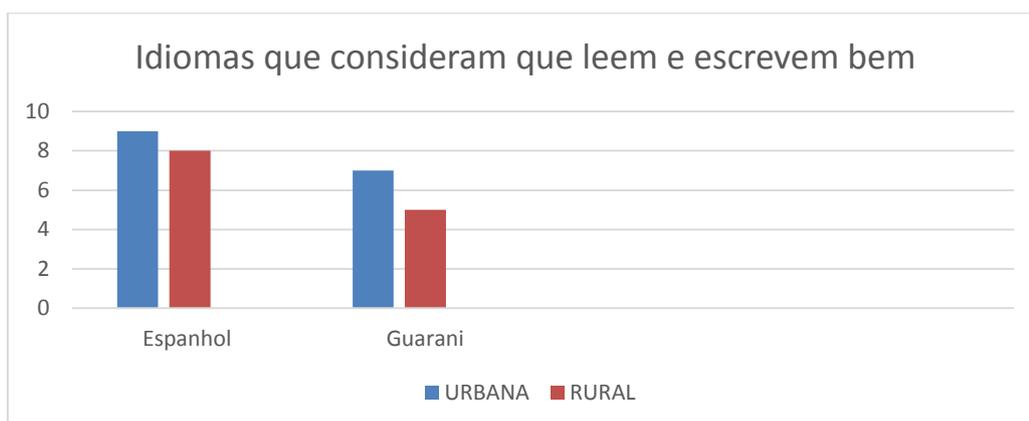
Entre os mais jovens temos o mesmo quadro dos adultos: o espanhol e guarani ganhando os mesmos espaços nas competências de leitura e escrita na área urbana, mas na zona rural os jovens aprendem a ler e escrever mais em espanhol que em guarani.

Gráfico 17 - Informantes de 50 anos ou mais.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 18 - Informantes de 26 a 49 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

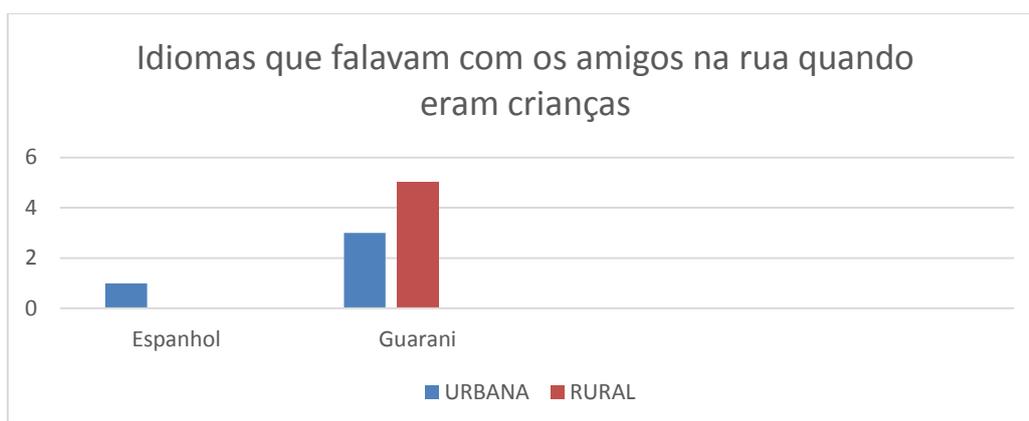
Gráfico 19 - Informantes de 15 a 25 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

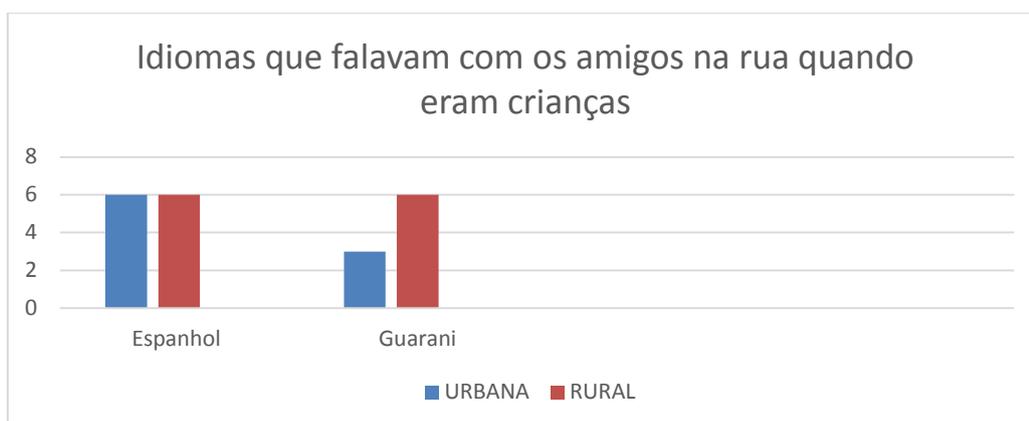
Entre os mais velhos de área rural todos só consideram que leem e escrevem bem em espanhol. Na área urbana temos um percentual mínimo de pessoas mais velhas que consideram que leem e escrevem bem nas duas línguas, porém a maioria considera ter estas duas habilidades linguísticas somente em espanhol.

Entre os adultos de área urbana, as competências são iguais nas duas línguas, mas na área rural a competência de leitura e escrita é maior em espanhol. A competência de leitura e escrita em guarani é bastante inferior na área rural.

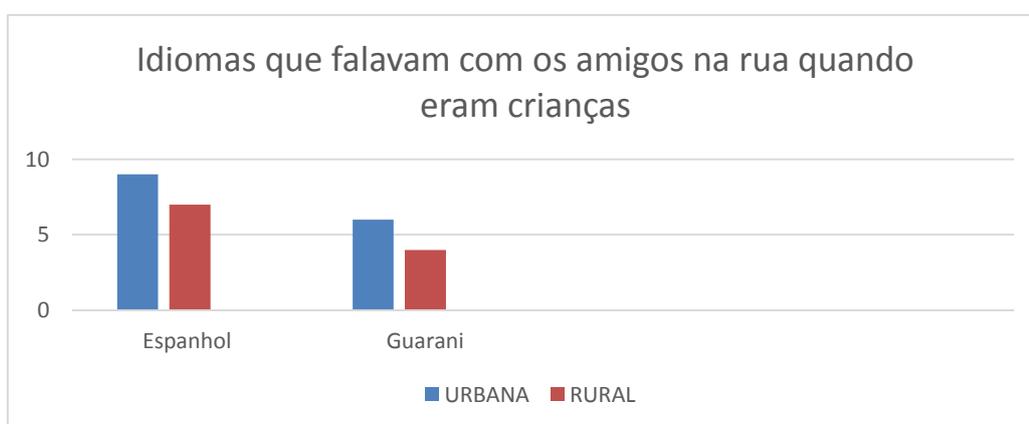
Os mais jovens consideram que leem e escrevem melhor em espanhol que em guarani, tanto na área urbana quanto na rural. O quadro diferencial é que entre os mais jovens de área rural a habilidade de leitura e escrita em língua guarani aumenta em relação aos adultos da mesma área.

Gráfico 20 - Informantes de 50 anos ou mais.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 21 - Informantes entre 26 e 49 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 22 - Informantes entre 15 e 25 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

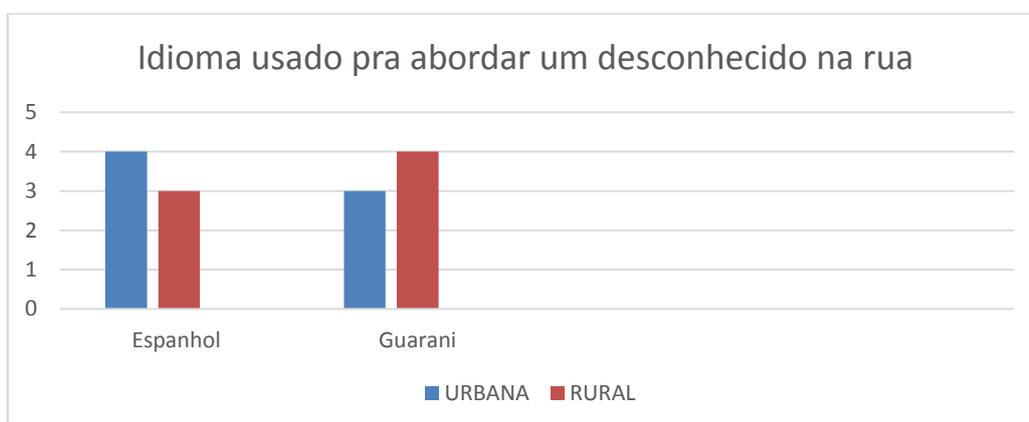
Entre os mais velhos da área rural ninguém usava o espanhol nas comunicações diárias quando eram crianças. Já na área urbana sim, ainda houve informante que afirmou usar só o espanhol, porém, em geral, a língua mais citada foi o guarani.

Inferimos que entre os adultos de área rural o grau de bilinguismo é bem maior que o grau de bilinguismo entre os adultos da área urbana, pois os informantes adultos da área rural disseram usar as duas línguas na infância em igual proporção. Na área urbana o nível de bilinguismo cai, havendo um uso maior da língua espanhola.

Entre os mais jovens, tanto da área rural quanto da área urbana, o espanhol tem mais espaço, pois aparece como língua de preferência nesta faixa etária.

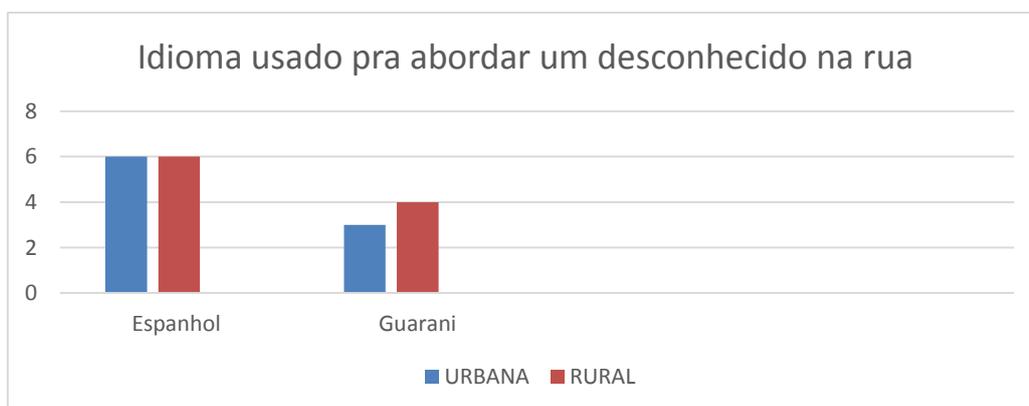
Como visto na seção de análise dos dados, a pergunta sobre o idioma que os informantes usam preferencialmente para abordar um desconhecido na rua – pergunta que encabeça os três gráficos seguintes (23, 24 e 25) - nos dá uma visão sobre a relação entre língua e estereótipos sociais que os falantes fazem das duas línguas aqui trabalhadas.

Gráfico 23 - Informantes com mais de 50 anos.

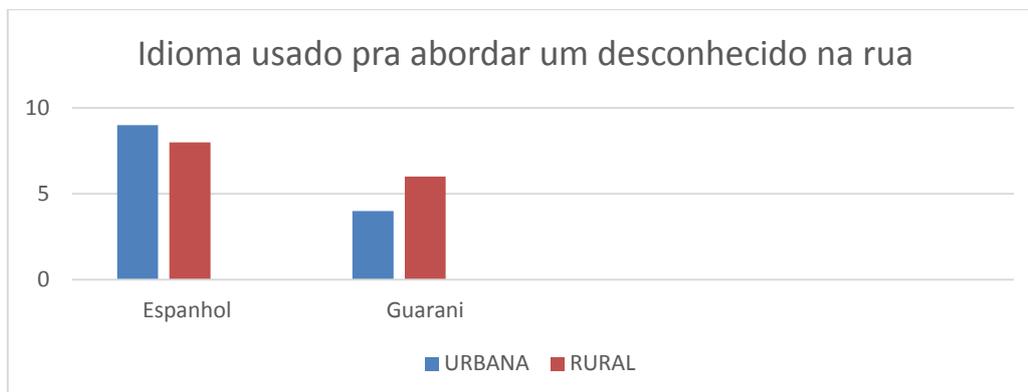


Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 24 - Informantes de 26 a 49 anos.



Fonte: Dados da própria pesquisa.

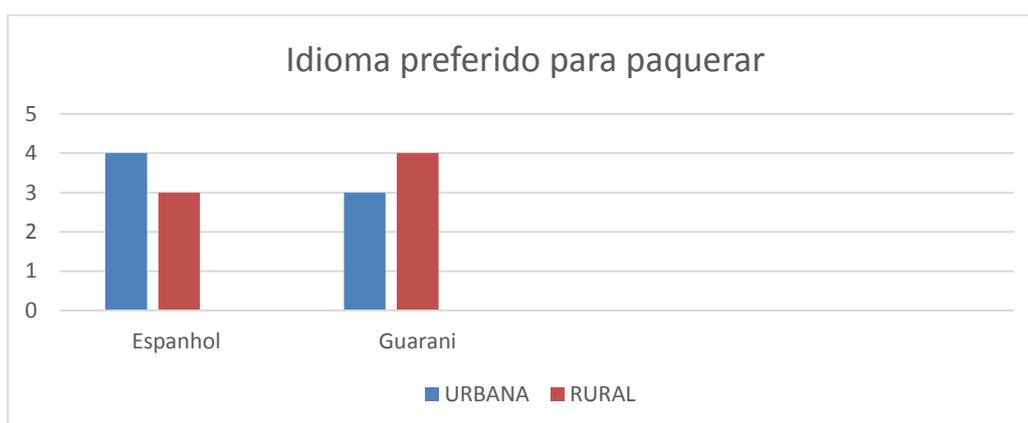
Gráfico 25 - Informantes de 15 a 25 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

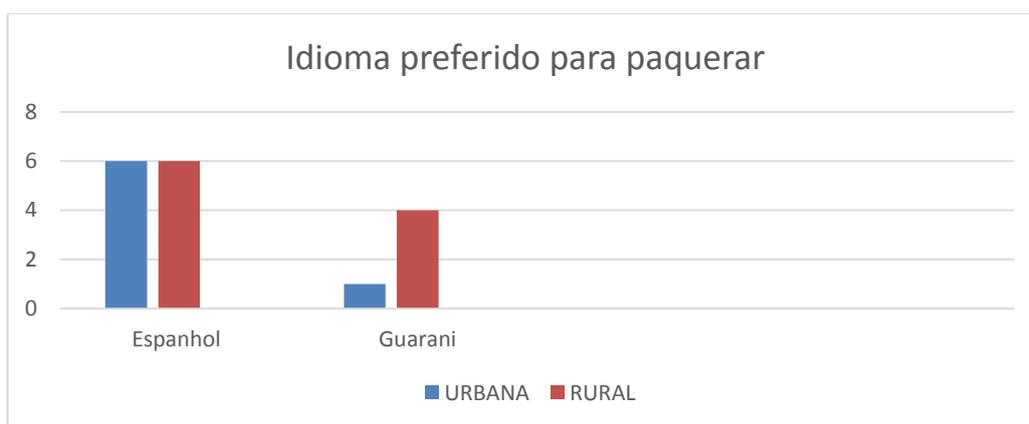
Entre os mais velhos o espanhol é mais usado na área urbana, mas na área rural o idioma mais usado é o guarani.

Entre os adultos, tanto da área urbana quanto rural, o idioma preferencial para abordar desconhecidos na rua é o espanhol. Os adultos de Assunção, neste quesito, usam o guarani bem menos que os adultos de Villa Hayes.

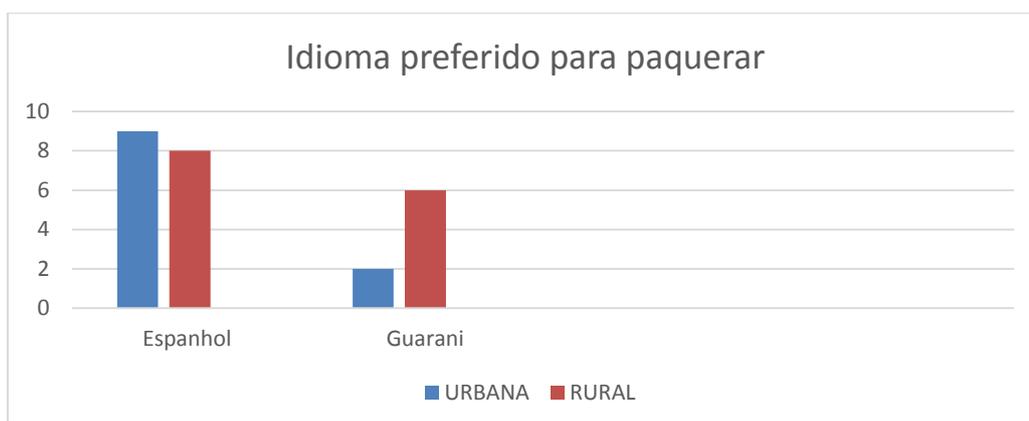
Entre os mais jovens o espanhol continua sendo o idioma de preferência, tanto na área urbana quanto da área rural, muito embora na área rural a tendência a um equilíbrio entre as duas línguas seja maior entre os jovens.

Gráfico 26 - Informantes de 50 anos ou mais.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 27 - Informantes entre 26 e 49 anos.

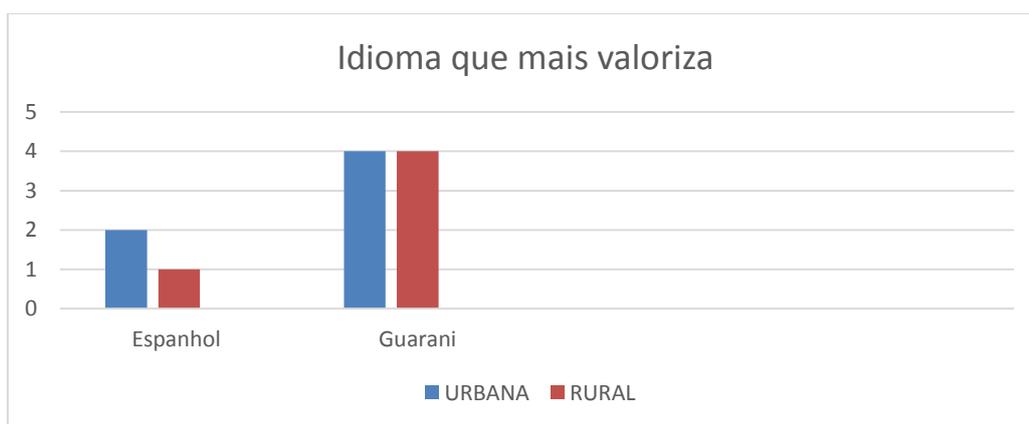
Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 28 - Informantes entre 15 e 25 anos.

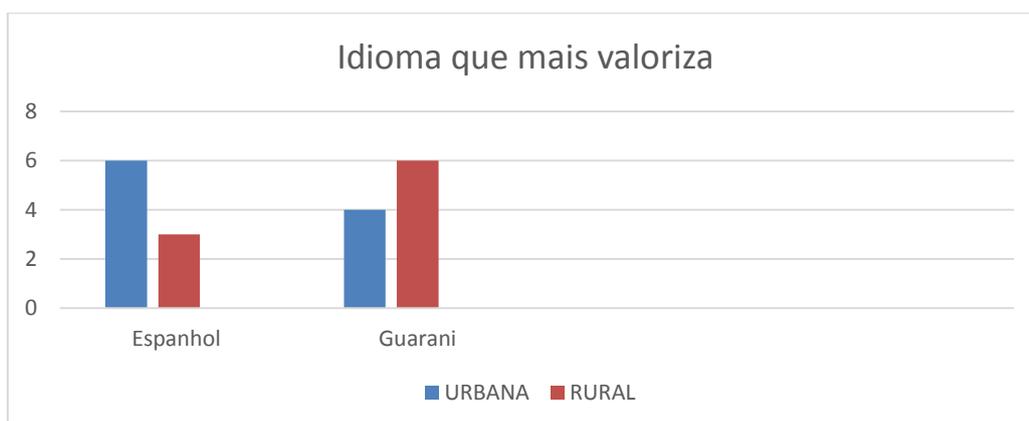
Fonte: Dados da própria pesquisa.

Podemos dizer que o guarani vem diminuindo de uso na área urbana: quanto mais jovens, menor será seu uso em situações de paquera. Na área rural esta língua também vem sendo menos usada, na proporção direta à idade. Contudo, na área rural ela se mantém equilibrada entre os adultos e os mais jovens, ou seja, não sofre queda constante com a diminuição da idade como ocorre na área urbana.

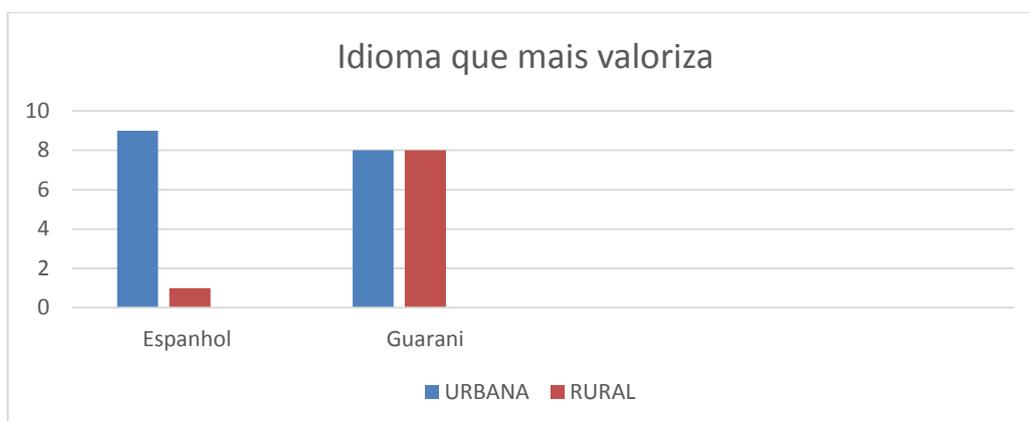
Já o espanhol, na área rural, vem em ritmo de crescimento com a diminuição da idade. Enquanto os mais velhos de origem rural usam menos o espanhol, os adultos e mais jovens estão usando mais esta língua. Na área urbana o espanhol é sempre mais usado, uma vez que dos mais velhos para os mais jovens o guarani mostra diminuição em sua incidência.

Gráfico 29 - Informantes de 50 anos ou mais.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 30 - Informantes de 26 a 49 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gráfico 31 - Informantes de 15 a 25 anos.

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Neste quadro podemos ver a questão da identidade linguística dos informantes, pois a crença de qual/quais língua(s) representa(m) os informantes, promove as atitudes linguísticas.

Entre os mais velhos, tanto da zona rural quanto da zona urbana, a língua pela qual eles mostram mais apreço é o guarani.

Quando analisamos o valor dado às línguas pelos adultos encontramos uma divisão: na zona urbana o espanhol é a língua mais valorizada, mas na zona rural é o guarani.

Em geral, estas observações são condizentes com Rubin (1974), que demonstrou que os paraguaios apresentam um sentimento de orgulho por sua língua nativa, porém seu uso fica restrito apenas a algumas situações e domínios. Sentimento ambivalente. O que difere nosso trabalho do trabalho de Rubin é o espaço conquistado pelo guarani em atitudes mais positivas. Podemos observar isso, uma vez que nas respostas dos informantes para a pergunta “Qual é seu idioma?”, encontramos o seguinte: dos 37 informantes, apenas 1 respondeu que seu idioma era somente o espanhol e 1 respondeu ser somente o guarani, enquanto 35 deles (94,5% dos informantes) disseram que suas línguas são o espanhol e o guarani.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho buscamos compreender as concepções linguísticas e cognitivas dos falantes de Assunção e Villa Hayes sobre suas línguas nacionais, ou seja, observar as atitudes, explícitas e implícitas, que estes falantes imprimem sobre suas línguas e que se traduzem em seu comportamento linguístico no contexto social. A essas atitudes, chamamos de atitudes linguísticas e que, segundo Fernández (2005), se traduzem na manifestação social do indivíduo, que se centra na língua e no uso que ele dela faz na sua sociedade.

As atitudes, por vezes, são vistas como conceitos um tanto complexos, mas que se sustentam em alguns pilares para direcionar seus componentes, segundo explica Morales (2004):

São vários os autores que consideram que a atitude está formada por três componentes: o cognitivo, o que incluem as percepções, as crenças e os estereótipos presentes no indivíduo; o afetivo, referido a emoções e sentimentos, e o de comportamento, que se descreve como a tendência a atuar e a reagir de certa maneira com relação ao objeto. (MORALES, 2004, p. 288, tradução nossa)²².

²²Son varios los autores que consideran que la actitud está formada por tres componentes: el cognoscitivo, el que incluyen las percepciones, las creencias y los estereotipos presentes en el individuo; el afectivo, referido a emociones y sentimientos, y el de comportamiento, que se describe como la tendencia a actuar y a reaccionar de cierta manera con respecto al objeto. (MORALES, 2004, p. 288)

As atitudes linguísticas demonstram o pensamento dos falantes sobre sua língua e isso provoca uma (re)configuração importante no sistema linguístico de uma sociedade influenciando os processos de variação e mudança linguística. Uma atitude favorável em relação a uma língua, segundo Fernández (2005), pode favorecer, inclusive, o predomínio de uma língua em relação à outra. Tais atitudes podem ser positivas ou negativas em relação à(s) língua(s) e/ou variedades linguísticas de uma comunidade. O Paraguai bilíngue possui uma sociedade com atitudes linguísticas que consideramos ambivalentes em relação ao uso do espanhol e guarani.

Analisando os informantes oriundos de Assunção (área com maior densidade demográfica da nossa pesquisa) observamos uma preferência geral pelo uso do espanhol em sua comunicação diária. Levando em conta o fator idade encontramos que a preferência se mantém pela língua espanhola em todas as idades, mas em piadas, palavrões e/ou qualquer situação de insulto ou ofensa que se queira fazer a outra pessoa, a língua guarani aparece na maioria dos casos como a língua de uso preferencial. Os termos mais recorrentes entre os informantes para justificar esse uso foram: o guarani é uma língua mais “*fuerte*”, “*chocante*” e “*dura*”. Constatamos que em situações diárias, como no trabalho, a língua guarani aparece em alguns sintagmas para fazer alguma brincadeira, ou seja, quando os falantes sentem mais intimidade com os demais companheiros de trabalho, mas nunca com seus superiores (ou chefes) em situações formais. Uma observação interessante é que, mesmo aqueles que disseram sentir-se mais à vontade falando guarani, comentaram que não conseguem manter um diálogo totalmente em guarani, ou seja, que sempre recorrem à língua espanhola.

Em uma das entrevistas uma mulher de idade entre 30 e 35 anos falou que sempre falou em espanhol, mas que ultimamente tem optado por falar guarani em casa com seus filhos porque se identificou mais com a língua ameríndia, o que causou nela certa estranheza. Repassando em suas próprias palavras, o que a mesma me falou durante a entrevista quando comentou sobre essa estranheza foi: “*¡Qué guaranga me volví!*”. Isso demonstra que, embora tenha se identificado com a língua aborígine, ainda traz consigo a imagem de que o guarani é língua de indígenas do interior do país, ligada a atitudes negativas, pois o termo “*guaranga*” faz alusão a essa etnia de forma depreciativa. Situação parecida é comentada por boa parte dos falantes de sua mesma faixa etária, que afirmavam que seus pais os proibiam de falar guarani em casa por se tratar de uma língua “feia” e de pessoas de menor escolaridade.

Com relação às atitudes linguísticas e o bilinguismo paraguaio, podemos concluir que:

- 1- Entre os mais jovens o fator origem fez a diferença: na zona urbana o espanhol é um pouco mais valorizado que o guarani. Porém, na zona rural o guarani é disparadamente a língua mais valorizada entre os mais jovens, sendo o espanhol mencionado apenas uma vez, mas junto com o guarani.
- 2- Feitas essas considerações podemos depreender que as línguas oficiais do Paraguai não se encontram em equilíbrio estável e que atitudes linguísticas ambivalentes sobre essas duas línguas são demonstradas pelos informantes. Das variáveis sociais que nas hipóteses deste estudo foram levantadas somente a varável sexo/gênero não exerceu qualquer influência significativa nas respostas dos informantes.
- 3- O quadro encontrado após as análises feitas foi que na área urbana a população tende ao monolinguismo. As pessoas têm uma atitude afetiva teoricamente positiva em relação ao espanhol e ao guarani. Elas acham que o guarani é a língua que marca a identidade nacional, mas na prática algumas ainda a estereotipam como uma língua feia e de domínio mais íntimo, não podendo ser usada em todos os setores sociais. Esta população mais velha que vivenciou a época da ditadura de Stroessner configura um quadro de bilinguismo com diglossia: eles aprenderam o guarani com os pais e o espanhol na escola. Eles vivenciaram que o espanhol é a língua das situações sociais mais formais, como os ambientes de trabalho e os escolares, por exemplo. O espanhol é a língua em que aprenderam a ler e a escrever.
- 4- Os adultos de Assunção também demonstraram afetividade em relação aos dois idiomas, mas não deixam de estereotipar a língua guarani e de relegar seu uso a alguns domínios sociais, como os momentos de comicidade, os de uso de palavrões, bem como os momentos de fortes sentimentos (raiva, diversão e amor). Sobre os estereótipos muitos ainda dizem que a língua aborígene é língua de pessoas do campo, de indígenas ou do interior, embora também tenham afirmado que é a língua da identidade paraguaia. Esta foi uma opinião majoritária, o que demonstra na prática uma atitude ambivalente. Conforme afirma Fernández:

Deste modo, os fenômenos considerados como rurais ou vulgares produzem uma atitude negativa que leva ao rechaço (por exemplo, a realização velarizada do fonema vibrante múltiplo em San Juan de Porto Rico; a sequência pronominal “*me se*”, por “*se me*” na Espanha); esse rechaço, assim como a boa aceitação quando se produz, costuma ter consequências na conduta linguística dos falantes de uma comunidade: tende-se a usar o que se considera mais aceitável e a não usar o

rechaçável, principalmente nos estilos cuidados, nos quais a consciência linguística participa mais ativamente. (FERNÁNDEZ, 2005, p. 183, tradução nossa)²³.

Muitos desses adultos consideram que falam o espanhol e guarani, embora não considerem dominem bemo guarani. Esta língua, como dissemos, aparece sob a forma de expressões e nunca numa conversação completa.

- 5- Os mais jovens também consideram que o guarani faz parte da identidade paraguaia, porém, como vimos, a maioria afirma não possuir grandes habilidades linguísticas nesta língua. O guarani dos mais jovens de Assunção, segundo os excertos analisados, sobrevive em léxico do campo semântico de vulgarismos, comicidade ou orações curtas para provocar xingamentos ou saudações simples.
- 6- Na zona rural está demonstrado o fenômeno da diglossia: as línguas cumprem papéis sociais bem marcados. O espanhol, considerado variedade alta, é usado na escrita, em situações mais formais de trabalho ou em domínios sociais de maior seriedade. O guarani, em contrapartida, é língua de preferência para conversas entre amigos, em casa com a família e em quase todos os casos foi a língua primeira aprendida com os pais, ou seja, sua língua materna. Entre todos os informantes de Villa Hayes, o guarani foi considerado a língua materna, ou seja, aquela aprendida em casa com os pais. Porém, todos eles reconhecem a importância de saber falar espanhol porque, segundo eles, é a língua que está mais presente nos meios midiáticos, na literatura e na escola, fato comprovado pela coordenadora do MEC Paraguai que, durante a entrevista, reconheceu a deficiência de professores que ensinam guarani nas zonas rurais, havendo, então, uma preferência pela alfabetização em língua espanhola.

Nesta pesquisa constatamos que as línguas são vivas, mas não em si mesmas, e sim a partir do momento em que estão em uso no contexto de interação social. Os falantes configuram sua(s) língua(s) a partir do momento em que dela(s) se utilizam para ressignificar o mundo a sua volta. A essas línguas são atribuídos estigmas, prestígio, *status* e, com isso, elas vão ganhando maior ou menor força dentro de uma comunidade de fala por meio das

²³ De este modo, los fenómenos considerados como rurales o vulgares producen una actitud negativa que lleva a su rechazo (por ejemplo, la realización velarizada del fonema vibrante múltiple en San Juan de Puerto Rico; la secuencia pronominal *me se*, por *se me* en España); ese rechazo, como la buena aceptación cuando se produce, suele tener consecuencias en la conducta lingüística de los hablantes de la comunidad: se tiende a usar lo que se considera más aceptable y a no usar lo rechazable, sobre todo en los estilos cuidados, em los que la conciencia lingüística participa más activamente. (FERNÁNDEZ, 2005, p. 183).

atitudes que os falantes têm em relação a elas. Demos conta aqui da situação de contato entre as línguas paraguaias no seio das comunidades de Assunção e Villa Hayes. Vimos por meio de uma análise de atitudes linguísticas que, enquanto Assunção tende a um monolingüismo, Villa Hayes tem as duas línguas convivendo com uma situação de bilingüismo e diglossia bem mais acentuadas. A situação do resultado do contato entre essas duas línguas já é uma realidade: o jopará. Após nossas constatações, acreditamos que nossa pesquisa possa ser um suporte para o estudo de políticas linguísticas, inclusive no Paraguai, que busquem conhecer a situação de comunidades com línguas em contato.

REFERÊNCIAS

APPEL, R.; MUYSKEN, P. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.

AZARA, Félix de. Descripción e historia del Paraguay y del Río de la Plata. Buenos Aires: Impreso de los Talleres Gráficos, 1943. In: RUBIN, J. *Bilingüismo Nacional en el Paraguay*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

BAKHTIN, M; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 1992 [1929].

BLOOMFIELD, L. Language. Londres: Allen&Unwin, 1935. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

BORTONI-RICARDO, S. Maris. *Manual de Sociolingüística*. São Paulo: Contexto, 2014.

GROSJEAN, F. Life with two languages: an introduction to bilingualism. 11ª impressão. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 2001. In: BREMENKAMP, Elizana Schaffel. *Análise sociolingüística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo*. (Dissertação apresentada na UFES, 2014)

BUTLER, Y. G; HAKUTA, K. Bilingualism and second language acquisition. En T. K. Bathia y W. C. Ritchie (eds.), *The Handbook of Bilingualism*. Massachusetts: Blackwell-Publishing. 2004. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

CARDOZO, Efraím. Apuntes de Historia Cultural del Paraguay, 2 vols. Asunción: Colegio de San José, 1963. In: RUBIN, J. *Bilingüismo Nacional en el Paraguay*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

CENTURIÓN, Carlos R. Historia de las Letras Paraguayas, 3 vols. Buenos Aires: Editorial Ayacucho, 1957. In: RUBIN, J. *Bilinguismo Nacional en el Paraguay*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

CENTURIÓN, Juan C. Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión o sea Reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay. Buenos Aires: J A Berra, 1894. In: RUBIN, J. *Bilinguismo Nacional en el Paraguay*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

CHIQUITO, A. Beatriz; DICK, M. C. Saldívar. *Actitudes Lingüísticas en Paraguay: Identidad lingüística de los hablantes de lengua materna castellana en Asunción*. In Chiquito, Ana Beatriz y Quesada Pacheco, Miguel Ángeles (eds.). *Actitudes lingüísticas de los hispanohablantes hacia el idioma español y sus variantes*, Bergen Language and Linguistic Studies (BeLLS, 5. Disponible en <http://dx.doi.org/10.15845/bells.v5i0.691>

COELHO, Izete. *Sociolingüística*. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010.

CORVALÁN, Graziella. *Paraguay: nación bilingüe*. Segunda edición. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1981.

CORVALÁN, G; GRANADA, German D. *Sociedad y lengua: Bilingüismo en el Paraguay*. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1982.

DIEBOLD, R. Incipient bilingualism. *Language*. 1961. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

DOMÍNGUEZ, Manuel. El alma de la raza. Asunción: Casa Editora de Cándido Zamphiropolos, 1918. In: RUBIN, J. *Bilinguismo Nacional en el Paraguay*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

ESCRIHUELA, Esther Juan. *Aplicación del Modelo de Redes Sociales al lenguaje de los Social Media*. In Revista Electrónica del Lenguaje, nº 4, 2017.

FASOLD, R. *La sociolingüística de la sociedad: Introducción a la sociolingüística*. Tradução de Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor Libros, 1996.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. *Word* 15: 325-340, 1959a.

FERGUSON, Charles A. Myths about Arabic. En Georgetown University Round Table on Linguistics. 1959b, págs. 75-82. Washington DC: Georgetown University Press. In: FASOLD, R. *La sociolingüística de la sociedad: Introducción a la sociolingüística*. Tradução de Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor Libros, 1996.

FERNÁNDEZ, Francisco M. *Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje*. Segunda edición actualizada. Barcelona: Ariel, 2005.

FISHMAN, Joshua A. *Bilingualism with and without Diglossia; Diglossia with and without Bilingualism*. *Journal of Social Issues*, 23, 1967, p. 29-38.

FISHMAN, Joshua A. *Language in Sociocultural Change*. Stanford University Press, California, 1972a.

FISHMAN, Joshua A. (ed.) (1972b) [1968] *Readings in the Sociology of Language*. Mouton, the Hague.

FISHMAN, Joshua A. Societal bilingualism: stable and transitional. Capítulo VI de *The sociology of language*, 91-106. 1972c. Rowley, MA: Newbury House. [Trad. Española, *Sociología del lenguaje*, Madrid, Cátedra, 1988, 3ªed.] In: FASOLD, R. *La sociolingüística de la sociedad: Introducción a la sociolingüística*. Tradução de Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor Libros, 1996.

FISHMAN, Joshua A. *Sociolinguistics – A Brief Introduction*. Newbury House Publishers, Massachusetts, 1970/1975.

FISHMAN, Joshua A. The Social science perspective. En J. A. Fishman, S. B. M. Heath, S. S. Hugh Nieves-Squires y B. H. Ned Weinstein (eds.), *Bilingual Education Current Perspectives. Volume I: Social Science* (pp. I-49) Arlington, Virginia: Center for Applied Linguistics, 1977. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

FISHMAN, Joshua A. *The Sociology of Language*. Newbury House Publishers, Massachusetts, 1972b.

GANDÍA, Enrique de. Indios y conquistadores en el Paraguay. Buenos Aires, A. García Santos, 1932. In: RUBIN, J. *Bilingüismo Nacional en el Paraguay*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

GARCÍA, Adolfo M; MANOILOFF, Laura; WAGNER, Mónica. Concepciones del bilingüismo y evaluación de la competencia bilingüe. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

GILES, Howard; ST CLAIR, Robert. *Language and social Psychology*. Oxford: Basil Blackwell Publisher, 1979.

GÓMEZ, Gérard. *El Plurilingüismo Paraguayo: Un fenómeno que enlaza y separa. Evolución de la lengua guaraní y proceso de jerarquización lingüística*. Asunción: Servilibro, 2009.

GROSJEAN, F. Another view of bilingualism. En R. J. Harrys (ed.) *Cognitive Processing in Bilinguals*. Amsterdam: Elsevier, 1992. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

GUMPERZ, J. *Language and Social Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. In: MONTRUL, Silvina. *El bilingüismo en el mundo hispanohablante*. Wiley-Blackwell, 2013.

GUMPERZ, J; HERNÁNDEZ-CHÁVEZ, E. Cognitive aspects of bilingual communication. 1975. In: HERNÁNDEZ-CHAVEZ, E; COHEN, A; BELTRAMO, A. *El lenguaje de los chicanos*. Arlington: Center for Applied Linguistics, págs. 154-163.

HAMERS, J; BLANC, M. H. *Bilinguality and Bilingualism*. 2 ed. Chichester: Wiley-Blackwell, 2000. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

HAUGEN, E. *The Norwegian Language in America*. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 1953. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

HULSTIJN, J. H. The construct of language proficiency in the study of bilingualism from a cognitive perspective. *Bilingualism: Language and Cognition*. 2012. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

KENEDY, Eduardo. *Curso Básico de Lingüística Gerativa*. SP: Contexto, 2013.

KROLL, J. F; STEWART, E. Category interference in translation and picture naming: Evidence for asymmetric connections between bilingual memory representations. *Journal of Memory and Language*. 1994. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

LABOV, W. *Padrões Sociolingüísticos*. Trad. De M. Bagno; M. M. P. Schere; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LAMBERT, W. E. Culture and language as factors in learning and education. 1974. En F. F. Aboud y R. D. Meade (eds.), *Cultural Factors in Learning and Education*. Bellingham, Washington: Western Washington State University. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedades repartidas: a polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

LUSTIG, Wolf. *Mba'éichapa oiko la guarani? Guaraní y jopara en el Paraguay*. Asunción: Papia, 1996

MACNAMARA, J. How can one measure the extent of a person's bilingual proficiency? En L. G. Kelly (ed.), *Description and Measurement of Bilingualism*. Toronto: University of Toronto Press, 1969. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

MARTELOTTA, M. Eduardo. *Mudança linguística, uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique generale*. Paris: Champion, 1921. In: CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

MELIÀ, Bartomeu. *El guaraní conquistado y reducido — Ensayos de etnohistoria*. Asunción, 1986.

MELIÀ, Bartomeu. *Elogio de la lengua guaraní. Contextos para una educación bilingüe en el Paraguay*. Asunción, 1995.

MELIÀ, Bartomeu. *La lengua guaraní del Paraguay. Historia, sociedad y literatura*. Madrid, 1992.

MELIÀ, Bartomeu. *Una nación - dos culturas*. Asunción, 1990.

MILROY, L. *Language and social networks*. 2 ed. New York: Basil Blackwell, [1980] 1987.

MILROY, J; MILROY, L. Belfast: change and variation in an urban vernacular. (1978). In: MILROY, J; MILROY, L. *Linguistic change, social network and speaker innovation*. 1985.

MOLLICA, M. Cecília; BRAGA, M. Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA, M. Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

MONTEIRO, J. Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

MONTRUL, Silvina. *El bilingüismo en el mundo hispanohablante*. Wiley-Blackwell, 2013.

MORALES, Humberto L. *Sociolinguística*. Tercera Edición. Madrid: Gredos, 2004.

MORÍNIGO, Marcos A. Impactos del español sobre el guaraní. In: CORVALÁN, G; GRANADA, G. (orgs.). *Sociedad y lengua: Bilingüismo en el Paraguay*. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1982.

MORÍNIGO, Marcos A. Influencia del español en la estructura lingüística del guaraní. *Filología*, Año V, págs. 235-248, 1959. In: RUBIN, J. *Bilingüismo Nacional en el Paraguay*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

PALACIOS, A (coord.). *El español en América. Contactos lingüísticos en Hispanoamérica*. Barcelona: Ariel Letras, 2008

PARAGUAY, Constitución (1967). *Constitución de la República de Paraguay*. Asunción: Convención Nacional Constituyente, 1967.

PARAGUAY, Constituição (1992). *Constitución de la República de Paraguay*. Asunción: Senado Federal, 1992.

PARAGUAY, DGEEC. *Anuario Estadístico del Paraguay, 2012*. (Censo Paraguayo do ano de 2012). Disponível em <www.dgeec.gov.py>. Acesso em março de 2017.

PARAGUAY, DGEEC. *Atlas demográfico del Paraguay, 2012*. Disponível em <www.dgeec.gov.py>. Acesso em março de 2017.

PENNER, H; ACOSTA, S; SEGOVIA, M. *El descubrimiento del castellano paraguayo a través del guaraní: una historia de los enfoques lingüísticos*. Assunção: CEADUC, 2012.

PERAMÁS, José Manuel. La República de Platón y los Guaraníes. Buenos Aires, Emecé Editores, 1946. In: RUBIN, J. *Bilingüismo Nacional en el Paraguay*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

PERIÓDICO E'A PARAGUAY. Disponível em: <<http://ea.com.py/v2/censo-2012-hay-un-absoluto-predominio-del-uso-del-guarani-y-el-castellano/>> Acesso em março de 2017.

PIC-GILARD, C. *Incidencias Sociolingüísticas del Plan de Educación Bilingüe Paraguayo: 1994-1999*. Asunción: Servilibro, 2004.

RONA, José Pedro. The social and cultural status of Guaraní in Paraguay. En Bright, 1966. In: FASOLD, R. *La sociolingüística de la sociedad: Introducción a la sociolingüística*. Tradução de Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor Libros, 1996.

RUBIN, Joan. *Bilingüismo Nacional en el Paraguay*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

RUBIN, Joan. Toward bilingual education for Paraguay. Alatis, 1978. In: FASOLD, R. *La sociolingüística de la sociedad: Introducción a la sociolingüística*. Tradução de Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor Libros, 1996.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

SERVICE, Elman R. Spanish-Guarani Relations in Early Colonial Paraguay. N° 9: Anthropological Papers of the museum of Anthropology, University of Michigan, 1954. In: RUBIN, J. *Bilinguismo Nacional en el Paraguay*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

SIGUÁN, M; MACKEY, W. F. Educación y bilingüismo. Madrid: Santillana, 1986. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

VALDÉS, G; FIGUEROA, R. A. Bilingualism and Testing: A Special Case of Bias. Norwood, Nueva Jersey: Ablex Publishing, 1994. In: GARCÍA, Adolfo M; CESPEDA, Sonia S. (orgs.) *Mente Bilingüe. Abordajes psicolingüísticos y cognitivistas*. Córdoba: Comunic-Arte, 2016.

WALKER, J. Principles of English Pronunciation. 1971. In: LABOV, W. *Padrões Sociolingüísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Schere; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact: Findings and Problems*. 1970. The Hague:Mouton. [Originally published as Publications of the Linguistic Circle of NewYork, no.1, 1953.].

APÊNDICE



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ROTERO SEMIESTRUCTURADO PARA ENTREVISTAS

❖ **Parte A: Autorización de registro de conversación**

1. ¿Me permite usted que yo registre esta conversación y la utilice para dar seguimiento a la investigación lingüística que estoy llevando a cabo?

❖ **Parte B: Datos lingüísticos y personales**

2. ¿Cuál es su edad?
3. ¿De dónde es y dónde vive usted?
4. ¿Cuál es su idioma?
5. ¿Qué lengua aprendió usted a hablar con sus papás?
6. Cuando está usted reunido con su familia en fiestas de cumpleaños o almuerzos, por ejemplo, ¿cuál es la lengua que más usan para comunicarse?
7. ¿Cuál es la lengua que más utiliza usted para comunicarse por mensajes escritos con su familia? ¿Y con sus amigos? ¿Y en su trabajo?
8. Jugando con sus amigos en la calle, cuando niño, la lengua que ustedes más se comunicaban.
9. ¿Con qué edad ingresó usted a la escuela?
10. ¿En qué lengua aprendió usted a leer y escribir?
11. ¿Cuál es su profesión?
12. ¿Estudió usted en escuela pública o privada?

13. ¿Ejerce usted cargo de jefatura o gerencia? ¿Hace cuánto tiempo?
14. Entre sus subordinados, ¿cuál es el idioma que cree usted que ellos utilizan para comunicarse entre sí? ¿Y para la comunicación con usted?
15. ¿Qué idiomas considera usted que lee y escribe bien?
16. ¿En qué idioma se dio la enseñanza de su religión?
17. Al abordar un desconocido en la calle, ¿habla usted un idioma de preferencia?
18. Y cuando más jóvenes para coquetear... ¿coqueteaban más en qué idioma?
19. ¿Hay alguna situación en la que usted trata de usar sólo uno de los idiomas de su país, o sea, una situación en la que busca **no** mezclar los idiomas? ¿cuál es el idioma que usa usted en esa situación?
20. ¿Valora usted un idioma más que otro?
21. ¿Hubo en su vida alguna situación en la que sufrió usted algún prejuicio por usar alguno de los idiomas en su país? ¿cuál fue el idioma foco del prejuicio?
22. ¿Qué actividades le gustan en el momento de ocio? ¿Prefiere programas de televisión en qué idioma?
23. ¿Cuáles son las situaciones en la que usa más el guaraní?

ANEXO

- Observação participante do contexto educativo atual do Paraguai.

A partir de uma observação participante, pude conversar com a coordenadora pedagógica da educação básica do MEC Paraguai, a senhora Necio Ila Benitez, que na oportunidade me deu um panorama da atual configuração do ensino bilíngue do país. Segue a entrevista feita com a mesma na sala de reuniões do MEC Paraguai em fevereiro de 2018.

NECIO ILA BENITEZ (a partir de ahora NIB) del Ministerio de la Educación Paraguaya.

NIB: Me estoy desempeñando como coordinadora pedagógica del nivel de educación escolar básico, donde estamos procurando trabajar políticas del mejoramiento de la calidad del servicio educativo y de los resultados educativos en las escuelas. Lo que apunta más el trabajo que yo estoy realizando. Uno (a) de las variables importantes es, cuando hablamos de calidad educativa es el tema de la educación bilingüe. En Paraguay es un tema ineludible en las políticas educativas porque la población paraguaya es bilingüe, en general. Con distintos grados de uso de las dos lenguas, ¿verdad? Aun el que se declara monolingüe no deja de entender lo que se le dice en otra lengua ¿verdad?

ENTREVISTADOR: De verdad gran parte de la población entrevistada así me lo dicen: entienden, pero no hablan el guaraní.

NIB: Sí, son niveles diferentes del bilingüismo. Entonces, en el censo nacional de población y vivienda se nota fuerte la presencia del bilingüismo. Es muy grande. También los que se declaran guaranihablantes es grande, gran parte de la población se declara guaranihablante y sólo hay un seis por ciento de la población paraguaya que se declara monolingüe en castellano. Sin embargo, todo el sistema de comunicaciones de la escritura de los sistemas judiciales, de la literatura está en castellano. Entonces, si es que vamos a ser consecuentes con estos datos que dice el censo, todo eso solo estaría dirigido al seis por ciento de la población.

Pero aun el que es bilingüe o el que es guaranihablante procura acceder al castellano como comunicación para las comunicaciones formales. Ahí viene otro tema: el bilingüismo paraguayo es en situación de diglosia en donde el castellano ocupa las funciones altas y el guaraní las funciones bajas. Entonces el guaraní es la comunicación la familia, es la

comunicación, digamos, para las funciones no formales: el chiste, la broma, es la lengua con que se reta el árbitro en los partidos de fútbol, es la lengua con que hablan los mecánicos del auto, de moto etc. Sin embargo, la escritura ya no tiene en guaraní la misma tradición que tiene el castellano. Es de menos tradición esa escritura. El que habla en guaraní procura escribir en castellano. Entonces en situación de diglosia se presenta el bilingüismo paraguayo. Y esta diglosia genera, a su vez, un conflicto de poderes en los ámbitos en que las lenguas están funcionando. Entonces la coexistencia, durante muchos siglos, entre el castellano y el guaraní, se dio por ese respeto, digamos, al ámbito de intervención de cada una de las lenguas. Ahora en estas últimas décadas es que se procura que el guaraní también ocupe los espacios y los ámbitos en que, tradicionalmente, el castellano estaba siendo funcional. Entonces vamos a ver qué ocurre con el correr de los años con esta cuestión de que el guaraní también podría ocupar ciertos niveles.

ENTREVISTADOR: Ustedes acá ¿cómo se comunican?

NIB: Si vamos a explicar un proyecto o algo, está todo en castellano. Pero en cuestiones informales podríamos hablar en guaraní para algunas cosas.

ENTREVISTADOR: Algunas personas me dicen “yo no hablo el guaraní guaraní” y no sé a qué se refieren cuando dicen eso.

NIB: El guaraní es una lengua de origen indígena hablada por personas no indígenas, esa es la característica de otras lenguas de acá de latinoamérica también. El quechua es hablado por indígenas quechua. Muy pocas personas que no son quechua hablarían quechua, ¿verdad? El aymará o el náhuatl o, en Brasil, el tupí. Las lenguas derivadas del tupí son habladas por indígenas, ¿verdad? Pero pocas personas que no son indígenas estarían hablando esas lenguas. En cambio, en Paraguay sí, las personas que no son indígenas hablan una lengua de origen indígena. Entonces, el guaraní ha pasado por diferentes procesos y el que habla, el paraguayo en general, es llamado guaraní paraguayo. Sin embargo, en la conciencia del guaranihablante esa lengua ha permitido – el guaraní paraguayo – ha permitido la incorporación de muchos préstamos lexicales o terminológicos. Entonces eso en la conciencia del hispanohablante o del lusohablante... eso no está en la conciencia cuando hace préstamos del inglés, del francés o de otras lenguas para referirse, por ejemplo, a estas cuestiones electrónicas o informáticas. Pero el guaraní hablante sí es consciente de eso: de que la palabra que está usando no es autóctona, sea, no es genuina, no es de raíz guaraní, por eso dicen que “ese guaraní que yo hablo no es el guaraní correcto”. Hay otro guaraní correcto, pero en realidad ese guaraní es

una idealización...no existe en la práctica ese otro guaraní al que se llama “guaraní guaraní”. Pero es una idealización porque, en realidad, no existe... no hay personas que hablen y que creen palabras para referirse, por ejemplo, a los nuevos elementos de la urbanidad o las cuestiones esa de la informática, etc, necesariamente se recurra a los préstamos como lo hacen todas las lenguas, ¿verdad? Pero, repito, el guaranihablante por las características de la lengua, que es distinta a las otras lenguas - al español, al portugués, al francés, al inglés etc – el guaraní es una lengua polisintética y aglutinante, entonces los conceptos se forman juntando morfemas, aglutinando morfemas, entonces se forman los conceptos ¿verdad? Entonces lo que puede ser una larga oración en portugués o en castellano, eso es una palabra en guaraní. Cada morfema tiene un significado ¿verdad? El guaranihablante es consciente de las palabras que están diciendo, del valor de las palabras. Por eso es que se percata de la presencia de morfemas o lexemas que no son propias, genuinas de su lengua ¿verdad? Por eso hablan del jopará o del jeheá que son las mezclas que se van dando.

ENTREVISTADOR: Sobre el prejuicio que se le da a los que hablan guaraní y son nombrados campesinos del interior. Sobre la elección del idioma materno en los años iniciales ¿las estadísticas muestran gran diferencia entre la lengua materna en Asunción y en las demás ciudades del interior?

NIB: Existe el guaraní en Asunción, se usa el guaraní. Pero cada vez menos. Las nuevas generaciones, niños que van entrando en las escuelas, no dejan de saber el guaraní, pero tienen una inclinación mayor hacia el uso del español como lengua de uso preferencial. Acá en el ministerio de la Educación hicimos una reconceptualización de lo que es lengua materna y segunda lengua. Porque la lengua materna no es necesariamente la lengua con que el niño va a la escuela y la segunda lengua la que se aprende en la escuela, sino que la lengua materna es la lengua de uso preferencial por parte del alumno lo cual no significa que no conozca otra lengua ¿verdad? Entonces la lengua materna es la lengua que el niño se siente más identificado para usarla y la segunda lengua es la de menor uso, la que tiene que ser potenciada en la escuela.

Entonces sí se reconoce que en Asunción y en los grandes centros urbanos del país los niños tienen un uso preferencial del castellano en su comunicación. En las poblaciones más pequeñas o dispersas, el guaraní es la lengua de uso preferencial. Atendiendo a esto nosotros hemos diseñado un sistema de educación bilingüe con tres variantes, con tres modalidades: una es cuando el niño es guaranihablante y tiene el uso preferencial del guaraní y el castellano

en menor medida. Creemos nosotros en este tiempo que la presencia de los medios de comunicación masiva, en este tiempo, no existirían ya niños que no entienden absolutamente nada del castellano, pues tienen contacto con la televisión, después los programas de radio etc, donde el castellano tiene todavía una presencia fuerte. Entonces el niño que ingresa a la escuela, no es que desconozcan totalmente el castellano, sino que su lengua de uso preferente con sus padres, con sus amigos e, incluso, con sus docentes cuando llegan a la escuela es el guaraní. Entonces una modalidad de la educación bilingüe para el guaranihablante donde la alfabetización inicial se realiza en guaraní y el castellano se enseña como segunda lengua. Primeramente, en la oralidad, en la modalidad de escuchar y hablar, y luego, una vez alcanzada la modalidad de escuchar y hablar, se inicia la lectura y la escritura en castellano, que sería en segundo o tercer grado. Pero la alfabetización, la lectoescritura inicial se hace en guaraní.

La otra modalidad es al revés. Cuando el niño es hispanohablante, que no quiere decir que desconozca totalmente el guaraní, pero se le enseña el guaraní como segunda lengua. Y la alfabetización inicial, la lectoescritura, se realiza en castellano. Y la tercera modalidad es la que llamamos ‘Bilingüe de Cuna’ o la ‘Biliteracidad’, en donde se trabaja la lectoescritura paralelamente en las dos lenguas. Como los sistemas ortográficos de las dos lenguas no presentan una variación grande, no es como el castellano y el chino, en este caso las letras son muy parecidas las representaciones. Hay algunas diferencias, pero no son traumáticas. Entonces la alfabetización ya se realiza allí desde el principio en las dos lenguas y se usa tanto el guaraní como el castellano como lenguas enseñadas y como lenguas de enseñanza.

ENTREVISTADOR: ¿Estas modalidades son ofrecidas en las escuelas públicas y privadas?

NIB: Sí, en todas. La educación bilingüe tiene que realizarse en todas las escuelas: sean privadas, públicas o que se aplique un programa extranjero. Igual tienen que respetar la educación bilingüe paraguaya.

ENTREVISTADOR: ¿Y en la enseñanza superior?

NIB: Hasta la educación media hay la educación bilingüe. Y en la educación superior algunas carreras de formación adoptan el uso del guaraní como lengua enseñada, principalmente en las carreras de medicina, o de ingeniería civil, agronomía, ciencias agropecuarias.

ENTREVISTADOR: O sea que dan materias con los profesores hablando en guaraní justo para que trabajen con la gente del interior.

NIB: Exacto. Esa es la idea.

ENTREVISTADOR: Bajo estas modalidades, se nota una preferencia por parte de la familia para que se le enseñe a su niño ¿en qué modalidad?

NIB: La mayor parte de nuestras escuelas está trabajando en la modalidad de castellano como lengua de uso preferencial. Menos escuelas desarrollan la modalidad de guaraní como uso preferencial, aunque los niños sean de uso de lengua guaraní. ¿Por qué? Porque aun reconociendo esa realidad de que el niño es guaranihablante, muchas familias, y también debo reconocer que muchos profesores, optan por enseñar en castellano por una fuerte tradición y por una historia de desprestigio que tiene el guaraní. Una historia que viene de la época de la colonia o de la época ya independiente en donde la sociedad paraguaya se vio reconfigurando con la idea de que el guaraní es bajo, vil y grosero. Lo dictaban ante la escuela. Lo elegante, culto y aristocrático era el castellano. Entonces por esto en la sociedad paraguaya algunas familias, algunos padres dicen: “yo prefiero que mi hijo aprenda el castellano porque el guaraní lo aprenden en la casa”.

ENTREVISTADOR: Leí algunos artículos que muestran que, justo por esta posición de las familias, algunos niños presentan problemas de bajo rendimiento en las materias de la escuela porque están más identificados con un idioma y su alfabetización se da en otro.

NIB: Entendemos que la lengua y el uso del castellano y del guaraní tiene un protagonismo, una variable y un factor súper importante en los resultados educativos. Sin embargo, hay que tener en cuenta que los resultados tanto en guaraní como en castellano no son esperados, no son satisfactorios. Entonces aun el guaranihablante tienen problema con la interpretación lectora en guaraní. Y el hispanohablante tiene problema con la comprensión lectora en castellano. Entonces nos permite deducir que hay otros problemas de fondo que no solamente el uso de la lengua, sino es el desarrollo del pensamiento en la lengua, el desarrollo del pensamiento usando la lengua, por supuesto que para eso es necesario tener metodologías que ayuden a un aprendizaje eficaz hacia ese desarrollo del pensamiento lógico, analítico y el pensamiento productivo etc.

ENTREVISTADOR: Desarrollar una literacidad.

NIB: Claro, no puede quedarse solo en lo literal, tiene que hacer inferencias e ir más allá de lo que está explícito. Y eso tiene que ver con el desarrollo de inteligencia la escuela.

ENTREVISTADOR: Me parece que hay una relación entre nivel social y mayor/menor uso del guaraní.

NIB: Eso tiene que ver con el nivel de educación de la familia. Porque niveles altos de estratificación social o socioeconómico eso no necesariamente va acompañado de formación académica. Entonces la persona que tiene formación académica alta y que llega a niveles superiores no desniega la condición bilingüe del país y procura usar las dos lenguas. El que ha llegado a estratos socioeconómicos altos, pero solo un poder económico que no va acompañado de una formación académica, entonces tiende a negar el origen guaraní o el uso del guaraní. Son cuestiones que tienen que ver con la formación cultural y académica de la persona. El que está bien formado académicamente no es posible, no es capaz de negar su origen.

